

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**ETIQUETA À MESA COM A FAMÍLIA NA CULTURA
CHINESA E A SUA MUDANÇA NA SEGUNDA
GERAÇÃO DOS IMIGRANTES CHINESES EM
PORTUGAL: UM ESTUDO DE CASO**

SIQING MU

Dissertação orientada pela Prof^ª. Doutora Catarina Isabel Sousa Gaspar e
pela Prof^ª. Doutora Maria Da Graça Gomes Fernandes, especialmente elaborada
para a obtenção do grau de Mestre em PORTUGUÊS COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA/LÍNGUA SEGUNDA

2020

Índice

Lista de abreviaturas	5
Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução	9
Capítulo I - Enquadramento Teórico.....	11
1.1 Cultura e Língua de herança	12
1.1.1 Definição da Cultura.....	12
1.1.2 Língua de herança e a motivação da sua aprendizagem	13
1.1.3 Identidade cultural e língua de herança	14
1.1.4 Integração cultural da língua de herança e da língua de acolhimento	16
1.2 A segunda geração de imigrantes chineses em Portugal	18
1.2.1 Atualidade da imigração chinesa para Portugal (2014-2018).....	18
Fonte: Estatísticas de Bolso da Imigração (Reis and Gomes 2019, 18).....	20
1.2.2 Características da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal.....	20
1.2.3 Identidade cultural da comunidade chinesa em Portugal	23
1.3 Etiqueta à mesa com a família nas culturas chinesa e portuguesa	25
1.3.1 Etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa	26
1.3.2 Etiqueta à mesa com a família na cultura portuguesa.....	29
1.3.3 Comparação das culturas chinesa e portuguesa.....	30
Capítulo II - Pesquisa de campo sobre a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa na segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal	35
2.1 Metodologia de Investigação	35
2.1.1 Participantes.....	37
2.2 Desenho do questionário e descrição de amostras	38
2.2.1 Estrutura do questionário	41
Capítulo III - Discussão	43
3.1 Apresentação dos Resultados do Questionário	43
3.2 Mudanças comportamentais da geração 2.0 sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa	58
3.2.1 Pontualidade com que chega a uma refeição	58

3.2.2 Preferência gastronómica e uso de talheres	60
3.2.3 Análise das mudanças nos comportamentos relativos à mesa com a família dos imigrantes chineses da segunda geração em Portugal.....	62
3.3 Mudanças nas percepções que a geração 2.0 tem sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa	64
3.3.1 Nível do conhecimento da etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa.....	64
3.3.2 Atitudes e percepções da geração 2.0 de imigrantes sobre a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa	67
3.4 Importância da sociabilidade da etiqueta à mesa da cultura chinesa na comunidade chinesa da geração 2.0 em Portugal.....	70
Conclusão.....	72
Bibliografia	74
Anexo I:.....	82
Anexo II:	85

Lista de abreviaturas

ACTFL - American Council on the Teaching of Foreign Languages

CH – Cultura de Herança

CLCS – Centro de Línguas e Culturas Shumin

EUA – Estados Unidos da América

HSK – *Hànyǔ Shuǐpíng Kǎoshì*

ICS – *Instituto Confucio Sammarinese*

INE – Instituto Nacional de Estatística

LH – Língua de Herança

LE – Língua Estrangeira

PLE – Português como Língua Estrangeira

QEQR – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação

QR – *Quick Response*

RPC – República Popular da China

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

Agradecimentos

A presente dissertação de mestrado é o fruto precioso que as minhas queridas professoras me ajudaram a colher. Antes de tudo, queria exprimir os meus agradecimentos sinceros aos intervenientes que me apoiaram para a elaboração deste trabalho.

Às minhas orientadoras, a Prof^ª. Doutora Catarina Isabel Sousa Gaspar e a Prof^ª. Doutora Maria Da Graça Gomes Fernandes, que me prestaram sempre ativamente ajudas no processo da escrita da dissertação, incentivando-me a avançar no estudo e a concretizar as ideias abstratas em papel.

Aos meus professores das disciplinas de mestrado, sem os ensinamentos deles, não seria possível sustentar teoricamente o presente trabalho de investigação.

À presidente do Centro de Línguas e Culturas Shumin, Shumin Han, pelo seu apoio na divulgação do questionário e pela cooperação no decorrer da minha investigação.

A todos os participantes jovens que responderam aos questionários, pela sua paciência e sinceridade com que deram a sua opinião, possibilitando, efetivamente, o desenvolvimento do presente estudo.

Aos meus pais, que me têm transmitido amor e dedicação ao longo de toda a minha vida, apoiando-me incondicionalmente nas minhas opções e incentivando-me a vencer todas as dificuldades.

Resumo

Na atualidade, a comunidade chinesa é a maior proveniente da região asiática e o seu crescimento registou um enorme aumento nos últimos anos. No entanto, as novas gerações que nasceram e cresceram em Portugal conhecem menos a cultura chinesa do que a cultura portuguesa. Isso tem a ver com o ambiente em que vivem, o sistema de ensino que frequentam e a educação familiar, entre outros fatores, apagando gradualmente a representatividade da cultura chinesa num território ocidental.

Por forma a conhecer e refletir sobre os comportamentos e as opiniões da geração 2.0 dos imigrantes chineses em Portugal sobre a etiqueta à mesa com a família foi realizado um questionário a 52 alunos. Os dados recolhidos demonstram que a grande parte dos inquiridos respeita a cultura chinesa e reconhece a identidade cultural chinesa, porém, em relação à etiqueta à mesa, o resultado aponta que os jovens não têm um conhecimento profundo, portanto não agem conforme o modelo tradicional da cultura chinesa na entremesa no contexto familiar.

O presente trabalho pretende contribuir para compreender as razões pelas quais os adolescentes chineses em Portugal não conhecem muito bem a cultura chinesa, não apenas com o intuito de refletir sobre a importância da etiqueta à mesa do agregado familiar na cultura chinesa, mas também de ver até que ponto se reflete nos comportamentos da segunda geração da comunidade chinesa em Portugal.

Palavras-chave: etiqueta à mesa, cultura chinesa, herança, segunda geração de emigrantes, chineses em Portugal.

Abstract

In recent years, the Chinese community has become the largest from the Asian region and its growth has seen a huge increase in the past ten years. However, the new generations that were born and raised in Portugal know less about Chinese culture than Portuguese culture. This has to do with the environment in which they live, the study system and family education, among other factors, gradually erasing Chinese representation in a western territory.

To reach this objective of study, a questionnaire was carried out to 52 participating students, in order to know the behaviours and ideas of 2.0 generation of Chinese immigrants in Portugal on the table manners with their families. The data that was collected shows that most respondents respect Chinese culture and recognize their Chinese cultural identity, however, the result shows that young people still lack for a deep knowledge in relation to the table manners, therefore they do not act in a traditional way of Chinese culture in the family context.

The present work intends to contribute to understand the reasons why Chinese teenagers in Portugal do not know Chinese culture very well, not only in order to reflect on the importance of table manners in Chinese culture, but also to see how this point is reflected in the behaviour of the 2.0 generation of the Chinese immigrants in Portugal.

Keywords: table manners, Chinese culture, heritage language, second generation of emigrants, Chinese in Portugal.

Introdução

À medida que a cooperação económica sino-portuguesa se foi estreitando nos últimos anos, há cada vez mais chineses que escolhem emigrar para Portugal como destino para a sua vida. Na atualidade, a comunidade chinesa é a maior proveniente da região asiática e o seu crescimento registou um enorme aumento nos últimos anos.

No entanto, as novas gerações que nasceram e cresceram em Portugal conhecem menos a cultura chinesa do que a cultura portuguesa. Isso tem a ver com o ambiente em que vivem, o sistema de ensino que frequentam e a educação familiar, entre outros fatores, apagando gradualmente a importância da cultura chinesa para os que crescem e vivem num território ocidental.

No último ano, tive uma oportunidade preciosa para fazer um estágio durante duas semanas das férias do Verão. Fui explicadora de alunos chineses filhos de um casal que imigrou para Portugal há mais de vinte anos. Nomeada pelo Centro de Línguas e Culturas Shumin, comecei a ajudar estes alunos a aprender chinês e a conhecer os caracteres em diálogos orais. Uma vez, depois da nossa última aula de manhã, fui almoçar com as crianças da minha turma. Sentámo-nos face a face na cantina da escola e começámos a comer. Reparei que alguns alunos usavam pauzinhos, mas estavam a comer pratos portugueses, contudo outros comiam pratos chineses com colher, faca e garfo. Quando tomavam a refeição, conversavam uns com outros e riam em voz alta. No fim do almoço, muitos deles deixaram os talheres e pratos sujos e saíram. Os seus comportamentos à mesa causaram-me um tipo de choque mental porque se diferenciavam muito das normas de cortesia na etiqueta à mesa, que sempre tive que respeitar e cumprir na minha família.

Na sequência deste episódio, pensei que seria interessante perceber porque é que a segunda geração de imigrantes chineses não se importa com a representatividade da cultura chinesa em determinados aspetos da vida, tal como a etiqueta à mesa com os membros da família. Além disso, fiquei interessada em saber quais as mudanças que ocorrem nas formas de cortesia aquando as refeições, nesta mesma geração.

A presente dissertação procura apresentar as relações entre a etiqueta à mesa e a cultura chinesa, com base na fundamentação teórica sobre as dimensões da cultura levantadas por Geert Hofstede e os princípios de cortesia delineados por Geoffrey Leech, tendo como objetivos: explorar as razões pelas quais os adolescentes chineses em Portugal não valorizam

muito a etiqueta à mesa da cultura chinesa com a família, refletir sobre as motivações que levam ao estudo do chinês e da sua cultura e analisar a mudança das atitudes de cortesia à mesa na segunda geração desta comunidade chinesa, em particular.

Para esse efeito, levou-se a cabo um inquérito por questionário junto de descendentes chineses entre os 8 e os 18 anos que estão a frequentar a escola da língua veicular chinesa “Shumin” e que hoje em dia vivem em Portugal com residência permanente, objetivando a exploração dos seus hábitos e costumes durante as refeições fora e dentro de casa, com ou sem os seus familiares.

Por fim, discute-se a situação da adaptação aos códigos de etiqueta nas refeições da cultura chinesa nos descendentes chineses em Portugal no contexto da integração social e do estilo de vida local, traçando uma perspetiva futura sobre as possibilidades de as marcas da cultura chinesa perdurarem no seio dos emigrantes chineses das novas gerações em território estrangeiro.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Este capítulo focalizar-se-á na discussão sobre as questões iniciais levantadas no meu trabalho, a saber: Qual a relação entre a cultura, a língua de herança para os imigrantes que atualmente residem no estrangeiro, nomeadamente a comunidade chinesa em Portugal? Como os descendentes jovens da primeira geração de imigrantes chineses definem a sua identidade cultural na sociedade do país de acolhimento? Comparando a etiqueta à mesa nas culturas chinesa e portuguesa, como as diferenças culturais criam ligações comunicativas que dinamizam a socialização intercultural?

Hoje em dia, graças à abertura da política de reforma da República Popular da China (RPC) desde 1978 e a atividades económicas ativas entre a China e todo o mundo, a população chinesa está espalhada um pouco por todo o planeta. As migrações mundiais, segundo o autor Stephen Castles, fazem parte integrante da globalização e sustentam a importância do fluxo migratório em termos do desenvolvimento dos países de origem dos migrantes, quer de um ponto de vista estritamente económico (remessas e integração no sistema económico mundial), quer de um ponto de vista do aumento do capital social capitalizado nas redes sociais que garantem a cooperação entre países emissores e países recetores de migrantes (Castles 2005, 6).

A forte imigração chinesa para a Europa tem aspetos positivos e negativos. Por um lado, a comunidade chinesa abriu significativamente o mercado laboral de modo a promover a economia dos países, mas, por outro lado, essa abertura vai acarretar algumas questões identitárias que acompanham as migrações internacionais e que estão na base da construção de uma sociedade verdadeiramente multicultural onde existe o respeito e o aproveitamento das diferenças entre as culturas (Grassi 2006).

Para a segunda geração de imigrantes chineses, a complexidade da sua identidade é ainda maior, tendo em vista que *“as a result of immigration, many societies become culturally plural. That is, people of many cultural backgrounds come to live together in a diverse society”* (Berry 1997, 8).

Neste sentido, é importante entender as diferenças entre as culturas chinesa e portuguesa, a fim de analisar de modo global a identidade cultural dos imigrantes chineses da geração 2.0. O que acontecerá aos imigrantes chineses que cresceram num contexto cultural de

herança e que entretanto se tentam integrar num outro contexto cultural e viver lá a longo prazo?

Na minha opinião, ao responder a esta pergunta, temos que rever conceitos como o de cultura, de língua de herança e de comunidade de origem. Através da exploração das suas articulações implícitas, pretendo aprofundar a motivação da aprendizagem da língua de herança e a adaptação cultural dos imigrantes chineses no contexto social do país de acolhimento, ao mesmo tempo saber as mudanças distintas da etiqueta à mesa nas famílias dos imigrantes chineses em Portugal.

1.1 Cultura e Língua de herança

1.1.1 Definição da Cultura

A palavra “Cultura” tem origem na palavra *colere* do latim, que tem a ver com tudo o que é proveniente da cultura, da agricultura e da habitação que deve ser respeitado e protegido (Eagleton 2003, 2). A dimensão da cultura estende-se até quase a todas as áreas desde o início da civilização humana, constituindo as raízes da política, aspetos filosóficos, tendência ativa do crescimento humano e transições históricas também previstas da mudança social, entre outros.

A ideia de cultura desempenha duas funções relativas aos aspetos natural e espiritual. Pelo lado natural, a cultura tem uma determinada característica orgânica, que é imóvel e que está interligada à natureza de cada pessoa. Pelo lado espiritual, a cultura expõe a autonomia, apresentando uma vontade de renovação e de configuração, mas não depende da mudança subjetiva da intelectualidade humana, formando-se num ambiente autêntico e biológico, revelando uma diversidade cultural formada em sociedades inclusivas até à atualidade. Tal como o pressuposto de Eagleton:

The idea of culture, then, signifies a double refusal: of organic determinism on the one hand, and of the autonomy of spirit on the other. It is a rebuff to both naturalism and idealism, insisting against the former that there is that within nature which exceeds and undoes it, and against idealism that even most high-minded human agency had its humble roots in our biology and natural environment. (2003, 5)

A cultura intensifica-se no reconhecimento dos seus valores centrais e no estilo próprio de vida, funcionando como orientador do comportamento físico e psicológico de uma pessoa. A diversidade de cultura originou diferenças nos costumes e nas tradições, nos pensamentos,

no relacionamento interpessoal e na identidade pessoal específica, e está sempre em renovação e mudança, intermediando as relações dentro dos grupos culturais, nos processos de comunicações interpessoais, criando um tipo de consenso social a ser respeitado como normas de relacionamento na comunidade determinada (Fei 2015, 233).

1.1.2 Língua de herança e a motivação da sua aprendizagem

O conceito da Língua de Herança (LH) foi criado no Canadá e desenvolvido nos Estados Unidos e mostra uma “possibilidade forte de riqueza” e “diversidade linguística e cultural”. A LH cria uma ponte de ligação intelectual entre a cultura de herança e a cultura da língua maioritária, mesmo que a efetividade e a frequência do uso da LH não pareçam positivas na comparação com a língua maioritária, como Flores e Melo-Pfeifer explicaram:

Falar de LH reflete o fenómeno das competências desiguais nas duas línguas (a maioritária e a minoritária, que designamos, respetivamente, língua do país de acolhimento e Língua de Herança), a maior propensão para usar de forma imediata e espontânea a língua maioritária, que geralmente é a língua dominante da criança devido às situações de socialização mais frequentes, mas a posse de competências parciais bastante desenvolvidas na LH. (2014, 5)

Estamos a considerar uma criança cujos pais imigram da China para Portugal antes do seu nascimento, o chinês será considerado a sua LH, que é a língua falada no seio da família, isto é, a língua de origem do emigrante. Em geral, esta é a primeira língua à qual a criança é exposta (Flores e Melo-Pfeifer 2014, 19). Mesmo que use o português com a língua maioritária para construir as relações sociais fora do núcleo familiar, a língua chinesa transporta a sua cultura que vai influenciar o modo de pensamento e os valores cognitivos do jovem imigrante, empurrando o processo da interligação de duas culturas na sua mente, possibilitando assim diálogos interculturais entre si e os portugueses na rede social.

Uma das motivações que levam à aprendizagem do chinês como língua de herança é a possibilidade de criar um canal para estabilizar a similaridade com os outros que têm a mesma cultura de herança, tal como Weiyun He refere na sua introdução do estudo baseado nos aprendentes jovens do chinês como LH nos Estados Unidos: “Learn one’s heritage language is to (re)establish similarities with members of one’s heritage culture and/or to (re)establish differences from members of mainstream American culture” (2010, 7).

A partir da abordagem da psicologia social, foram exploradas três componentes da motivação na aprendizagem da LH: intensidade da motivação, vontade de aprender a LH e a atitude de realização (R. C. Gardner 1985). De acordo com Lydíia S. Reitz, que levou a cabo uma investigação sobre a motivação na aprendizagem da língua de herança, o fator principal da motivação na aprendizagem da LH vem do conceito de integratividade, estreitando de forma positiva a distância entre o aprendente e a cultura da LH (Reitz 2014, 7). Ao dominar a sua LH, o aprendente sentirá uma pertença forte de ser descendente do seu país de imigração, encarregando-se assim da responsabilidade de manter a cultura da LH nos seus valores mundiais e se reformular como um/uma cidadão compreensivo/a e intercultural.

Muitas famílias imigrantes também estimulam os seus filhos a aprender a LH por motivos objetivos e práticos. A atualidade de cada um de nós é a obra feita pelo nosso passado, oriundo da cultura tradicional, da educação e da acumulação de experiências ao longo da vida. Não podemos mudar a nossa identidade inerente, isto é, a segunda geração de imigrantes chineses em Portugal não é apenas vista como o resultado da influência das culturas portuguesa e chinesa, mas também como um rótulo típico da cultura portuguesa, do sistema de educação portuguesa e da experiência de vida em Portugal. Para este tipo de adolescentes, em particular, os padrões e rituais muito antigos da cultura chinesa não são transmitidos com a mesma profundidade ideológica como aconteceu com os seus pais.

No entanto, quem sabe falar o chinês pode ganhar mais competitividade na hora de arranjar um trabalho em Portugal, dado que as relações entre a China e Portugal estão cada vez mais estreitas em todas as áreas. Os jovens imigrantes chineses têm seguramente maior facilidade em aprender o chinês e podem tirar proveito dessa vantagem.

1.1.3 Identidade cultural e língua de herança

No que diz respeito à noção da identidade cultural, Stuart Hall define-a como uma existência móvel na sua teoria e refere que esteve sempre a acompanhar a atualidade social:

Identity is not as transparent or unproblematic as we think. Perhaps instead of thinking of identity as an already accomplished fact, which the new cultural practices then represent, we should think, instead, of identity as a “production,” which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation. This view problematises the very authority and authenticity to which the term, “cultural identity,” lays claim. (1990, 51)

A identidade cultural faz parte fundamental da auto-definição de uma pessoa e influencia constantemente a sua maneira de levar a cabo trabalhos e a sua persistência para o sucesso, “as a part of how an individual defines his or herself, can affect the way in which that person completes a task or how determined he or she is to reach a level of successful completion” (Reitz 2014, 5).

Em 2014, Reitz analisou a identidade cultural e os aprendentes da língua de herança, fazendo um inquérito de seleção na sala de aula a 22 alunos universitários que estudam o espanhol como língua de herança, oriundos de contextos familiares diferentes, mas todos eles nascidos nos Estados Unidos da América (EUA). A investigadora levantou uma série de perguntas de seleção sobre a autodeterminação, a sua identidade e o nível da sua aculturação na sociedade americana, de modo a explorar se o melhor conhecimento da sua identidade cultural poderia otimizar o seu desenvolvimento e a compreensão sobre a cultura e a língua de herança. A autora concluiu que compreender a identidade cultural dos aprendentes e a forma como se motivam para a aprendizagem da língua de herança contribuem para uma melhor integração desses jovens imigrantes na comunidade local, assim como para que abandonem algumas representações da sua cultura de herança para se adaptar à cultura indígena e dominante, quer no contexto da sala de aula, quer no ambiente social em que nasceram ou residem (Reitz 2014, 18).

A meu ver, a sua análise comprovou também a importância da consciencialização da identidade cultural dos imigrantes no estrangeiro, especialmente da segunda geração da comunidade de imigração, que está situada ao mesmo tempo num contexto bilingue, associado a duas culturas muito diferenciadas: a cultura de herança, quando estão em casa ficando com os familiares, e a cultura local, quando saem de casa comunicando com os nativos na sociedade local. A família de uma geração ou de várias gerações representa um grupo social e típico da cultura de herança, para uma família de imigrantes de duas gerações, nos momentos de refeição com a família, as crianças adquirem naturalmente a competência sociocultural numa modalidade semiótica através da comunicação com os seus pais na língua de herança (Garrett e Baquedano-López 2002). Em alguns casos, as mensagens socioculturais são transmitidas explicitamente às crianças como participantes com menos experiências sociais do que os seus pais, através de atividades orais tais como correções de erros linguísticos, atitudes quando dão ordens e fazem julgamentos sobre coisas ou pessoas que encontraram. Em ocasiões determinadas, as comunicações entre os pais e filhos permitem o conhecimento sociocultural da nova geração de estratégias indiretas de socialização e comunicação, tais como ironia,

inferência, pressupostos indiretos e silêncio, quando ele é representativo de uma mensagem ou valor semântico específicos.

Após algumas investigações feitas por Noels e Clément entre 1986 e 1996, estes conseguem definir com sucesso a relação entre a LH e a aculturação. Colecionaram dados relativos à identificação para determinados aprendentes da língua de herança como língua estrangeira, através da exploração da frequência de produção oral, o sentimento de satisfação e o nível de confiança quando comunicam separadamente na língua menos dominante no inter-grupo e fora do grupo. Resumindo, a análise dos resultados, concluem que *“increased language confidence is related positively to an increased identification with the outgroup”* (Clément, Noels e Deneault 2001, 565), o que promove a aculturação e desenvolve a capacidade cognitiva da comunidade de imigrantes no contexto social do país de acolhimento.

1.1.4 Integração cultural da língua de herança e da língua de acolhimento

A língua de herança é uma ferramenta dinâmica de contacto, um instrumento de comunicação e pensamento, um meio de transmissão das cultura e tradição. Como tal, ela contribui para o entendimento com menos dificuldades da cultura de herança e para a construção de uma identidade cultural própria, quer no contexto familiar, quer no contexto social, *“even though language production is an individual phenomenon, it binds, through communication, those using it to a social and ethnic community”* (Clément, Noels e Deneault 2001, 563-564). Através de contactos inter-grupos (com os membros familiares ou amigos que têm partilhado a mesma cultura de herança) e fora de grupos (com os outros do país recetor, no contexto social), a competência comunicativa e a confiança cultural são desenvolvidas pela maior parte da comunidade de imigrantes em cada contexto local (*ibid.*, 564).

Como país de acolhimento, Portugal ganha em diversidade linguística e cultural (Grosso 2010, 66). Na atualidade, existem mais de meio milhão de imigrantes em Portugal (580 mil), para a tal grande comunidade populacional, a língua portuguesa identifica-se como a língua de acolhimento dos imigrantes, uma língua que abre a porta da comunicação com os nativos. No domínio profissional,

A língua de acolhimento ultrapassa a noção de língua estrangeira ou de língua segunda. Para o público-adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará

ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo. (Grosso 2010, 68)

Num processo de interação social, os imigrantes necessitam dominar a língua de acolhimento e conhecer a cultura do país recetor. Quando os imigrantes estabelecem uma correlação orgânica, viva e interpessoal com a sociedade de acolhimento e fundada na vontade mútua, estão a participar realmente no sistema social, cultural e económico do país em que residem (Marques 2005, 7). É uma necessidade a aprendizagem da língua e da cultura de acolhimento, a fim de criar um sentimento de pertença social e cultural ao país de residência, através da referência mútua e da integração das culturas de herança e de acolhimento. A comunidade de imigrantes, bem como os seus descendentes, interliga-se à realidade socioeconómica e político-cultural em que se encontra (Grosso 2010, 71), o que contribui para a aculturação e para a integração social dos imigrantes com menos dificuldades. Aliás, dominar a língua e a cultura de acolhimento ajuda os imigrantes a estabelecer constantemente a sua confiança na adaptação à sociedade local e a diversificar as suas atividades sociais de modo a conhecer as culturas de origem e de acolhimento (Birman 2002).

As línguas de herança e de acolhimento contribuem para a integração social e cultural do público nas culturas de origem e de acolhimento e o enriquecimento das perspetivas sobre a identidade cultural da geração bilingue (Elinor e Merav 2006), levando um rumo positivo e aberto à sua aculturação na sociedade local. “Acculturation and the creation of an extensive spectrum, in regard to cultural identity, it is necessary to consider bicultural and bilingual people who have varied levels of each culture that governs their lives” (Félix-Ortiz *et al.* 1994, 6).

Num relatório sobre a integração das crianças e jovens imigrantes em Portugal, os investigadores focalizaram-se em dimensões centrais do processo adaptativo e procuraram identificar e testar o papel de fatores preditores psicossociais, associados ao processo de aculturação. Adotaram uma perspetiva comparativa entre crianças/jovens imigrantes, descendentes de imigrantes e portugueses autóctones, relativamente a fatores como o bem-estar socioemocional, o desempenho escolar, as preferências de aculturação e a perceção de discriminação (Guerra, *et al.* 2019, 35). Baseando-se nos resultados dos questionários feitos, salientaram a importância da preservação da cultura de herança e da aprendizagem contínua da LH por parte dos alunos imigrantes e descendentes de imigrantes, não obstante afirmaram a valorização da cultura e da língua de acolhimento no contexto escolar e social. Por fim, também recomendaram a promoção do contacto positivo entre alunos autóctones e alunos imigrantes

ou descendentes de nacionais de países terceiros (*ibid.*, 72), o que contribui para diminuir fenómenos de discriminação, ganhar o reconhecimento da identidade cultural, por parte dos nativos, e assegurar o acesso rápido à integração sociocultural, por parte da comunidade de imigrantes.

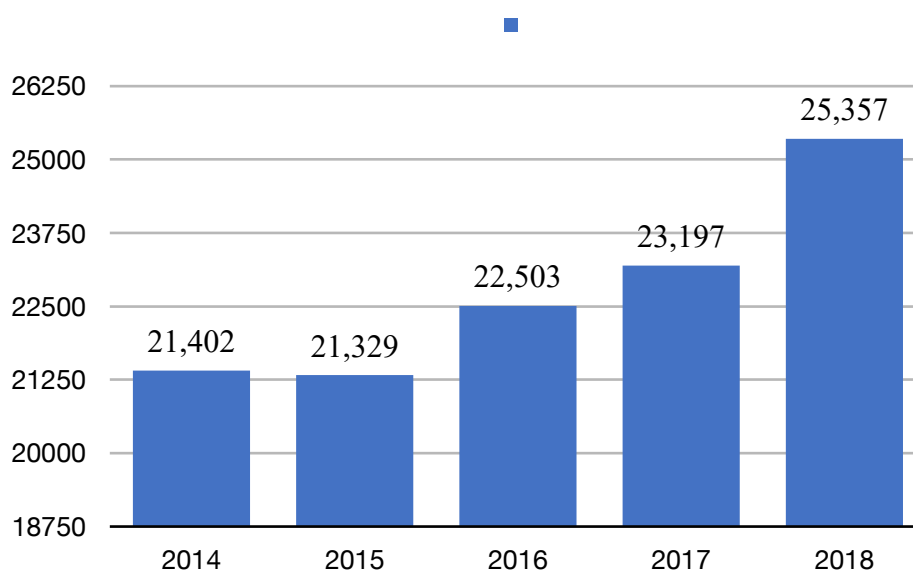
1.2 A segunda geração de imigrantes chineses em Portugal

1.2.1 Atualidade da imigração chinesa para Portugal (2014-2018)

Portugal é um país de imigração e de mudanças recentes que o tornaram num país de acolhimento (Grassi 2006). Segundo os dados estatísticos dos “Relatórios de Imigração Fronteiras e Asilo” do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), o número de imigrantes chineses está a aumentar de forma considerável. O gráfico 1 ilustra a evolução do número de imigrantes chineses em Portugal entre 2014 e 2018. Pela leitura do gráfico, podemos observar que o número de registos tem vindo a registar subidas e descidas ao longo dos últimos anos, notando-se um aumento significativo de 9,3% entre 2017 e 2018. Os dados também reviram que o maior aumento de imigrantes chineses para Portugal nos últimos cinco anos ocorreu em 2018, tendo havido um crescimento constante desde 2015.

Gráfico 1

Evolução do número de imigrantes chineses em Portugal (2014-2018)



Fonte: Relatórios de Imigração Fronteiras e Asilo (SEF, 2014-2018)

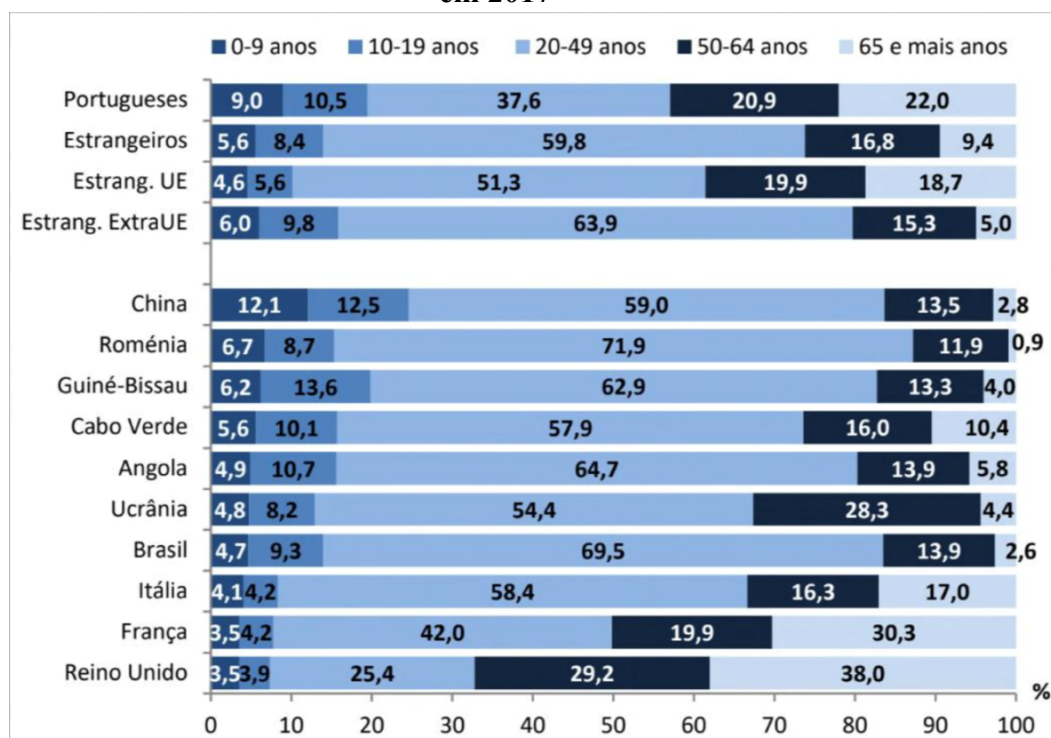
A imigração chinesa tem vindo a ocorrer há várias décadas, tendo o último ano registado o maior fluxo de imigrantes com uma conseqüente sedentarização desta comunidade em Portugal (Gaspar 2015). No longo período de vivência em Portugal, o perfil da comunidade chinesa também mudou na forma como se desenvolve e integra na sociedade de acolhimento.

Apesar de, em Portugal, a natureza desta sedentarização ser diferente das tradicionais *Chinatowns* existentes na Europa e nos Estados Unidos (Rodrigues 2008), no caso dos residentes em Lisboa, verifica-se uma importante concentração residencial e comercial na zona do Martim Moniz e na Avenida Almirante Reis (Mapril 2001; Rodrigues 2008).

De acordo com os dados estatísticos elaborados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Portugal, o gráfico 2 ilustra que a faixa etária entre 20 e 49 anos da comunidade chinesa em Portugal atingiu os 59%, revelando ser uma comunidade bastante jovem quando comparada com a maioria das comunidades estrangeiras. A população chinesa identificou-se como uma nacionalidade com uma estrutura etária mais jovem tradicionalmente com razões económicas ou laborais para imigrar para o país, sendo que as outras nacionalidades estrangeiras com estruturas etárias mais envelhecidas refletem um aumento de fluxos de imigrantes reformados para Portugal nos últimos anos (Reis e Gomes 2019, 18).

Gráfico 2

Faixa etária das principais nacionalidades estrangeiras residentes em Portugal em 2017



Fonte: Estatísticas de Bolso da Imigração (Reis and Gomes 2019, 18)

A população chinesa em Portugal tem vindo a aumentar, havendo de momento cerca de 30 mil chineses com os seus descendentes (Mandim 2018), provenientes de diferentes províncias da China, o que possibilita uma maior integração na sociedade chinesa local e na portuguesa.

O trabalho da maioria dos chineses neste país está relacionado com a restauração ou o comércio - empregados de mesa, cozinheiros e empregados de cozinha, repositores de mercadorias, etc. -, mas também há alguns que trabalham em armazéns, fábricas de vestuário, barbearias, casas de massagem e na construção civil. Do universo de trabalhadores chineses em Portugal, 42.5% são vendedores de loja, 21.8% são gerentes de uma loja a retalho ou de armazéns grossistas, 9% são cozinheiros, 7.9% são *garçons* em restaurantes ou bares e apenas 2.9% pertencem à administração de outras indústrias ou empresas (Zhang 2016, 4).

1.2.2 Características da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal

Em relação às definições da geração 2.0, o investigador António Dias de Figueiredo caracterizou e definiu os principais traços distintivos da geração 1.0. Ele categorizou as gerações do ser humano em Geração 0.0, 1.0 e 2.0. A geração 0.0 refere-se aos “nativos da oralidade”, sendo dominante até à massificação das escolas; a geração 1.0 são os nativos da escrita, dominantes nos séculos XIX e XX, cuja competência intelectual evoluiu ao longo do crescimento da mentalidade e da necessidade da comunicação à distância. Em relação à geração 2.0, defendeu:

A última geração, ou geração 2.0, corresponde aos nativos da interação eletrónica via telemóvel e Internet, que conduzem a sua vida com plena integração cultural nesses meios. A contagem a partir de 0 (e não a partir de 1), com um segundo algarismo separado por um ponto decimal, corresponde à tradição de numeração das versões de software, nas quais o primeiro algarismo corresponde à versão e o segundo a eventuais subversões. (ibid., 2012, 79)

Nascidos no fim do século XX e no início do século XXI, são nativos da *internet*; o relacionamento entre estes jovens não se limita à comunicação oral face a face ou ao envio de mensagens por cartas em papel, basta um encontro virtual com aparelhos eletrónicos para

realizar uma comunicação interpessoal. Não obstante a facilidade da *internet*, o avanço tecnológico pode contribuir para o isolamento dos pais, uma vez que muitos jovens da geração 2.0 ficam obcecados por jogos *online* ou redes sociais e têm pouco interesse pelo pensamento sobre o mundo *offline* e a sua própria identidade; tal facto pode vir a prejudicar a sua competência interativa e a capacidade da integração na sociedade de acolhimento real.

Na publicação “A geração 2.0 e os novos saberes”, o investigador A. D. Figueiredo comparou a geração 1.0 e a 2.0, presente no esquema que se apresenta na Imagem 1 e a partir do qual podemos concluir as características da segunda geração em geral. Compreendemos que os valores cognitivos e a perspectiva sobre o mundo da geração 2.0 é bastante diferente da da geração 1.0 (Figueiredo 2012, 80). Os jovens desta geração costumam conhecer vocábulos de uma língua pela multimédia, por exemplo, o fortalecimento da competência oral é feito através de filmes de animação, vídeos ou programas de televisão que visam à aprendizagem da língua face aos filhos pré-escolares. A geração 2.0 tem uma visão completamente nova do processo de aprendizagem, estando sempre pronta para aprender e dar um *feedback* muito reflexivo, recorrendo a vários canais que não apenas o da sala de aula; todas as ocasiões de troca de informação ou mensagens são úteis, daí a capacidade de interação social da geração 2.0 ser bastante mais elevada do que a dos seus pais.

Imagem 1

Comparação entre as gerações 1.0 e 2.0

	Geração 1.0	Geração 2.0
relacionamento com a informação	passivo (consumo)	activo (construção)
gestão de tarefas	monocrónica	policrónica
literacia	escrita e aritmética	multimedia
tempo da aprendizagem	<i>just-in-case</i>	<i>just-in-time</i>
relacionamento c/ tecnologias	uso	habitação
percepção do virtual	é outro mundo	é uma parte do mundo real

Fonte: A Geração 2.0 e os Novos Saberes (Figueiredo 2012, 81)

A segunda geração de imigrantes chineses refere-se aos descendentes dos chineses da primeira geração, que emigraram para um país estrangeiro de acolhimento. Os seus filhos

nasceram no país de acolhimento ou mudaram-se para ali antes da idade escolar, esses são tipicamente os imigrantes da segunda geração.

Um estudante chinês, Yan Zheng, que frequenta o mestrado do PLE na Universidade de Nova Lisboa, fez um inquérito e várias entrevistas em 2019 para caracterizar os descendentes chineses em Portugal, de modo a discutir a problemática da autoimagem étnica da segunda geração chinesa em Portugal. Segundo o resultado do seu questionário, verificou três características pessoais da segunda geração chinesa em Portugal.

Primeiro, Zheng concluiu que a segunda geração de imigrantes chineses é bilingue ou domina mais do que uma língua. Esta geração costuma usar o português na escola e/ou no mercado de trabalho. Em casa, a maioria utiliza o mandarim ou o seu dialeto (língua materna da região chinesa onde os pais nasceram), utilizando pouco o português ou o inglês (Zheng 2019, 36). Apesar de viver no ambiente bilingue e na sociedade portuguesa, os filhos dos pais chineses preferem falar chinês como a sua língua materna e conversar com os seus colegas em português na escola. A cultura chinesa é transmitida e fundamentada através da utilização frequente da língua; os jovens da segunda geração de imigrantes chineses têm a prioridade de se integrar nas culturas chinesa e portuguesa, o que lhes permite ter mais vantagens no mercado laboral português.

Em segundo lugar, Zheng indicou que o investimento na educação depende muito da condição económica das famílias chinesas, a realidade é que os chineses da segunda geração valorizam bastante a educação em Portugal. A grande maioria dos imigrantes chineses de segunda geração inquiridos encontra-se a estudar (61%). É também importante referir o seu grau académico, uma vez que apenas 29% dos inquiridos não prosseguiu os estudos superiores, sendo que alguns dos participantes eram menores, podendo este número ser, no futuro, ainda mais reduzido (Zheng 2019, 38). Uma boa qualidade de educação escolar e familiar é uma condição básica para alcançar um lugar de relevo na sociedade local e alargar os seus valores universais, ultrapassando as expectativas educacionais dos seus pais. Em suma, o nível de educação da segunda geração de imigrantes chineses é superior ao da primeira geração.

A terceira característica em destaque manifesta-se um pouco negativa, sendo a ausência do sentimento de amor em casa (Zheng 2019, 40). O resultado do inquérito tem a ver com o stresse criado pelo ambiente social e a falta de atenção por parte da família. Para as crianças chinesas da segunda geração, na faixa etária entre os 9 e 21 anos, a diferença entre a cultura chinesa e a cultura portuguesa causou distúrbios psicológicos e influenciou os seus comportamentos no exterior de casa. Os seus pais passam mais tempo no trabalho, o que resulta na falta de comunicação com os filhos; eles também não têm a consciência de que as suas

crianças necessitam do amor da família. A enorme diferença dos sistemas de educação escolar e das culturas ocidental e oriental acarreta inevitavelmente problemas psicológicos. Na China, existe uma competitividade forte em quase todas as escolas por causa do enorme número populacional, assim o exame de avaliação chinês, chamado “Gaokao”, um sistema de avaliação de fim de ciclo de estudo do ensino secundário que envolve cerca de dez milhões de estudantes chineses do interior da China, é considerado um pesadelo permanente para alunos; um desafio sério antes de atingirem a maioridade e que condiciona a sua entrada para a universidade. Devido a isso, os pais prestam mais atenção aos resultados escolares do que ao crescimento mental dos filhos. No entanto, em Portugal, os alunos têm mais liberdade para escolher as disciplinas de que gostam, mesmo que as notas de testes tenham a importância significativa para o acesso aos cursos do ensino superior. O terceiro fator que causa o sentimento de ausência do amor familiar é a distância etária entre a primeira e a segunda geração. Ainda assim, segundo os dados, conseguiram, na maioria, concluir o ensino secundário. Com o desenvolvimento rápido da China, a segunda geração já não sofre restrições de ordem económica e passou a ganhar a autonomia da sua própria vida, criando novas perspectivas em relação ao mundo e contactando com uma diversidade de culturas, o que criou assim alguma perplexidade no que diz respeito à autodefinição da sua identidade cultural.

Sintetizando os pressupostos teóricos de A. D. Figueiredo e o resultado do inquérito feito por Yan Zheng, conclui-se que os filhos da geração 2.0 de imigrantes chineses em Portugal são sobretudo bilingues, recebem em geral um nível superior de educação escolar com o apoio dos seus pais. É uma geração recente e ativa em atividades sociais, mais dependente da realidade virtual e capaz de aproveitar as propriedades da internet. A realidade da vida familiar e a diferença ideológica entre si e os seus pais acarretam a ausência do amor em casa.

1.2.3 Identidade cultural da comunidade chinesa em Portugal

A identidade cultural vem de diversas conceções com o avançar do tempo, a sua definição está sempre mudando nos processos de civilização. Hoje em dia, a identidade cultural passa pela ideia mais recente do “sujeito sociológico” que se forma nas relações com outras pessoas que mediam seus valores, sentidos e símbolos expressos em uma cultura (Miranda 2000, 82). Podemos entender que a identidade cultural do ser humano está a ser formada e transformada no interior de uma representação que acompanha a atualidade, a experiência pessoal e o contexto familiar. A comunidade chinesa, representada tipicamente por uma imagem da cultura oriental, está a residir em Portugal, um país de cultura ocidental,

possibilitando o convívio dos povos a nível internacional graças à globalização. O processo de globalização diversificou-se ao longo da evolução antropológica, acelerado pela transmigração populacional e pelos novos estilos dos *media*. A identidade cultural não é mais uma, é sim, múltipla (Miranda 2000, 83). Relativamente aos chineses que imigram para Portugal, trata-se de um caso de incorporação das culturas chinesa e portuguesa na sua identidade cultural, cujos significados estruturam a vida de um indivíduo ou de um povo. Portanto, levamos em consideração que os filhos da primeira geração da comunidade chinesa em Portugal podem ter mais dificuldades de ordem psicológica na sua autoidentificação.

Numa reportagem no *Diário de Notícias* publicada em dezembro de 2018 que foi adicionada no Anexo I, o jornalista, David Mandim, entrevistou três pessoas chinesas da segunda vaga de imigração para Portugal, de diversos contextos sociais. O primeiro retratava o caso impressionante de uma família chinesa que estava a viver em Portugal há muito anos, mas cujo filho se identificava como português, embora falasse chinês fluentemente em casa.

O seu filho, Filipe Ji é um exemplo da integração dos descendentes da segunda vaga de imigração chinesa, com milhares a chegar a partir das décadas de 1990 e, sobretudo, de 2000 da província de Zhejiang, a região chinesa de onde partiram famílias inteiras com destino a Portugal. (.....) Em casa, com os pais - que mantêm a nacionalidade chinesa -, o filho único Filipe sempre falou em mandarim. "Foi a forma de nunca perder o contacto com a língua. Mais tarde fui mesmo para uma escola em Lisboa aperfeiçoar o mandarim." Domina bem a língua portuguesa e vê-se como um cidadão entre dois países. "Sou português... e chinês." (Mandim, 2018)

Os descendentes da segunda vaga de imigração chinesa não são apenas chineses, mas também crescem em Portugal e consideram este país como o seu primeiro destino de pertença. Quando lhe perguntou “sente-se português ou chinês?” O entrevistado, Filipe Ji respondeu assim:

“Se não olhar para o espelho, não me lembro de que sou da China”, graceja. De Portugal aprecia "a maneira como se abre a povos e culturas diferentes e como funciona em democracia". Mas admite, até pela sua área profissional, que nunca perdeu uma abordagem "confucionista, na cultura e nos valores morais". (Mandim, 2018)

Atualmente, entre estes descendentes, existem indivíduos que desempenham funções públicas e com um estilo de vida tipicamente “português”. Quase 40 anos de vida em território português faz com que eles sejam rotulados como “portugueses autênticos” e não “ascendentes chineses” (Ding 2012, 52). O ambiente social onde uma pessoa vive pode influenciar muitas

coisas: a forma de pensar, os costumes e o estilo de vida, entre outros elementos, que estão a transformar a sua identidade cultural para uma muito similar à da maior parte da população.

No entanto, há perspetivas sobre a identidade cultural das novas gerações chinesas em Portugal que parecem não ser coerentes com estas explicações, que afirmam um afastamento em relação à ideia de identidade portuguesa. Em 2019, uma estudante da Universidade de Lisboa, Li Danhui, finalizou a sua investigação de mestrado sobre a identidade cultural da geração 1.5 dos imigrantes chineses em Lisboa. De acordo com os resultados do seu estudo, que implicou a aplicação de questionários e a realização de várias entrevistas a 43 participantes, a autora concluiu:

De acordo com a pesquisa, a geração 1.5 dos imigrantes chineses é inevitavelmente influenciada tanto pela cultura chinesa, quanto pela cultura portuguesa, devido aos muitos anos de vivência em ambas as culturas, e assim podemos constatar a existência de situações distintas na apreensão pelos mesmos da própria identidade. (2019, 60)

A seguir, analisou resumidamente os fatores que resultam na sua identidade cultural predominantemente chinesa: “Forte responsabilidade de continuação da cultura de herança, apoio do governo português em rumo à promoção da cultura chinesa, ligações culturais sino-portuguesas cada vez mais estreitas, potências crescentes da China no mundo e o rosto típico chinês” (Li 2019:61).

Na nova era de vivência, a sociedade de informação propicia-nos oportunidades de explorar as manifestações culturais de forma diversificada, ao visitar pontos turísticos para rever a história de um local e viver lá e integrar-se no ambiente nativo. Neste sentido, os jovens chineses em Portugal tendem a formar uma identidade cultural muito própria, não pensam apenas como os seus descendentes chineses, mas também como interlocutores envolvidos na comunicação, referenciando a cultura chinesa e portuguesa. Saindo do contexto da família original, os jovens vivem num ambiente social muito diferenciado do de casa, a presença ativa da cultura portuguesa orienta-os para uma reflexão profunda sobre a sua identidade cultural, não apenas como descendentes chineses, mas também como interlocutores envolvidos na comunicação, referenciando a cultura chinesa e portuguesa.

1.3 Etiqueta à mesa com a família nas culturas chinesa e portuguesa

Para as famílias dos imigrantes chineses da nova geração em Portugal, as refeições constituem oportunidades preciosas para as comunicações entre os pais e as crianças, que

podem enriquecer o pensamento da nova geração sobre as diferenças da cultura chinesa e da cultura portuguesa e os ajudar a formar a estrutura cognitiva destas duas culturas, facilitando-lhes o processo da apropriação sociocultural. As antropólogas Elinor Ochs e Merav Shohet revelam os dois papéis das refeições com a família neste processo de socialização:

As vehicles, mealtimes constitute universal occasions for members not only to engage in the activities of feeding and eating but also to forge relationships that reinforce or modify the social order. In addition, meal-times facilitate the social construction of knowledge and moral perspectives through communicative practices that characterize these occasions. (2006, 36)

A educação dos pais manifesta-se nos seus comportamentos nas ocasiões de entremesa, sendo também uma educação cultural para a sua criança. As conversas no contexto familiar orientam os valores universais da geração 2.0 e influenciam potencialmente o seu futuro (S. Blum-Kulka 1990, 2). Shoshan Blum-Kulka pressupõe três noções-chave relacionadas com a definição do tom da educação familiar: poder, informalidade e afeto (*ibid.*, 3). “Asymmetrical power relations between parents and children license the high level of directness, and the level of informality expected in the family explains its non-offensiveness. The importance of affect is revealed by the salience of linguistic devices indexing positive affect” (*ibid.*, 4). Neste sentido, a educação de cultura pode desempenhar um papel mesmo importante em interações familiares de várias formas, tais como a escolha de tópicos para a discussão na entremesa, ações comportamentais durante a refeição, o ambiente familiar harmonioso/intensivo, entre outros fatores objetivos que influenciam competências de aculturação e capacidades de socialização da geração 2.0 no país de acolhimento.

1.3.1 Etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa

Voltemos à história e à atualidade da China. Esporadicamente foi publicado oficialmente um boletim sobre a diversidade da sua culinária, num guia popular relativo à etiqueta à mesa (Eugene 1986, 179). Mesmo assim, detalhes sobre a cortesia e o costume na entremesa foram registados no *Li Chi*, um livro clássico dos ritos de etiqueta e cerimónias na tradição da cultura chinesa. De facto, a maior parte dos tópicos que caracterizam a etiqueta à mesa chinesa na contemporaneidade regula os comportamentos adequados das pessoas em diferentes níveis da estrutura social da dinastia Han (*ibid.*, 179). Entre tantos costumes e proibições na etiqueta à mesa chinesa, os que estão associados aos comportamentos durante uma refeição podem produzir impressões decisivas que avaliam a personalidade de uma

pessoa, quer do anfitrião, quer dos convidados presentes. Portanto, “it behooves the would-be intercultural communicator to learn the basics of the rules of the Chinese table” (*ibid.*,180).

Segundo as teorias de um especialista na história da China, Zhongtian Yi, a etiqueta à mesa expõe fenômenos da cultura do país e explica as características da sua população, assim o autor propõe que a cultura seja considerada um meio de existência e de desenvolvimento do ser humano, de populações de culturas diferentes que vivem de forma distinta.

First, the Chinese people do not have an affinity for religion, otherwise they would have created one already. Second, Confucianism [the academic discipline] is itself essentially anti-religious. Confucian principles are "people-centered", not "God-centered", "humanist", not "theist". So how could it be made into a religion? Third, a modern, democratic country governed by the rule of law cannot establish a state religion. The Constitution of the People's Republic of China stipulates that citizens have the freedom of belief/faith. (Yi, 2010)

Foi realizada uma investigação destinada a saber como os chineses são influenciados pela perda de face (*mianzi* em chinês) e concluiu-se que “When one is subjectively suffering loss of *mianzi*, one’s self-esteem is injured, resulting in emotional uneasiness. Thus, in addition to maintaining *mianzi*, one must utilize every sort of face work to ‘earn face’” (Chu, 1983). Nesta afirmação é bem evidente que quando os chineses jantam com os seus próximos fora de casa, quem paga a conta faz questão em pedir vários pratos que obviamente ninguém conseguirá acabar, mas que permite preservar a “*mianzi*” da família; para não passar vergonha, o lema será sempre “antes sobrar do que faltar”. Passarei de seguida a explicar a etiqueta à mesa na cultura chinesa a partir de quatro aspetos: a hora das refeições, a distribuição dos lugares à mesa, o uso dos talheres e as regras de cortesia.

O conceito sobre a hora em que é suposto chegar a uma refeição do ponto de vista dos chineses é diversificado. Em geral, por norma, as pessoas chegam meia hora atrasadas à casa do anfitrião ou ao restaurante que já foi marcado. Entretanto, o dono da casa também previu esta demora na chegada e ele vai arranjar outras atividades para os convidados que já estão presentes, tais como tomar chá verde, jogar às cartas ou simplesmente conversar. Tanto o dono como os convidados estão acostumados a este tipo de atraso, não parecendo uma falta de respeito para com o anfitrião.

Quando se deslocam a um restaurante, antes da refeição, todos os membros da família vão sentar-se nos seus lugares, começando pelo lado esquerdo. O lugar principal deve ser reservado para o convidado mais velho ou a pessoa cuja posição social é superior à dos outros;

se estiverem à mesa as três gerações de uma mesma família, o avô vai sentar-se nesse lugar, no centro da mesa redonda, a geração mais nova vai sentar-se nos últimos lugares. Tanto os convidados como os anfitriões mais idosos devem usar pauzinhos de melhor qualidade, o que é uma forma de mostrar o respeito e a hospitalidade. Quem oferece a refeição na expressão chinesa chama-se “Zhu” (o dono de casa, o pai da família), quem vai a convite do dono chama-se “Ke” (o cliente, o convidado). Na cultura chinesa, temos a ideia constante de que os próximos pertencem a uma família, como uma existência subordinada de uma comunidade que é indivisível, portanto os chineses costumam começar a refeição só depois de todos os convidados estarem presentes.

No que diz respeito aos utensílios usados, em qualquer lugar do mundo onde vivem chineses, lá estão os pauzinhos. Os pauzinhos são os talheres que a maior parte dos orientais usam para comer, a palavra “筷子”(kuaizi/kuai'tzu) é composta por dois pauzinhos de madeira ou de bambu, que precisam de ser habilmente manejados a fim de levar a comida à boca; a utilização coordenada representa a ideologia da coesão da cultura chinesa. Ao falar do uso dos pauzinhos, os chineses também seguem determinadas normas de cortesia durante o banquete familiar.

Os chineses preferem partilhar os pratos com os outros em vez de pedir um prato individualmente. Em casa, costumam comer o *hotpot*, um tipo de comida que constitui a parte essencial na cultura de gastronomia chinesa. “Hot pot is not only a type of food, but that it contains the meaning of Chinese food culture: when eating hotpot, men and women, the elderly and the young people, friends and family, all (re)unite together at the table, eating, talking, and enjoying the process – capturing the essence of traditional Chinese (food) culture” (Yang, 2019). Normalmente, os familiares próximos gostam de brindar e festejar para mostrar a harmonia e a união familiar. De vez em quando, os mais velhos gostam de dar comida às crianças com os seus pauzinhos e o ambiente à mesa fica animado.

A etiqueta à mesa da cultura chinesa manifesta que o sistema cognitivo da população chinesa é algo mecânico. Segundo a dimensão cultural definida por Geert Hofstede, a população chinesa focaliza-se no coletivismo em vez de uma cultura individualista, pensa-se na unidade de uma família e de uma união, entende-se o poder como a responsabilidade, diz-se “nós” em vez de “eu”, o reconhecimento da sua identidade baseia-se na manutenção da sua cultura e no contacto de participação na cultura chinesa.

1.3.2 Etiqueta à mesa com a família na cultura portuguesa

Nos valores cognitivos da cultura ocidental, manusear os talheres sempre foi associado ao bom comportamento e à etiqueta à mesa desde a antiguidade (L. d. Silva 2012). A etiqueta à mesa era formada por um conjunto de regras que deveriam ser muito bem decoradas por todos aqueles que desejavam fazer parte da “boa sociedade”. Embora hoje em dia as pessoas não liguem tanto a isso, pequenas gafes podem prejudicar a vida social de qualquer pessoa (Pauline, 2019).

Portugal é um país do sul da Europa e tal como na maior parte dos países ocidentais, há o costume de ter o trigo como alimento de base. A alimentação portuguesa mostra influências atlânticas e o estilo da sua gastronomia chama-se a dieta mediterrânica. Grandes quantidades de peixes e mariscos são tradicionalmente consumidos na mesa do dia-a-dia da população portuguesa.

As regras de etiqueta à mesa numa família portuguesa são também complicadas e respeitam uma ordem. As pessoas adotam a regra de apresentar os pratos de forma sequencial, demonstrando dois aspetos: a ordem de manipulação dos pratos e os hábitos durante a refeição. Os pratos na mesa portuguesa têm a seguinte sequência: sopa, entrada, prato principal (peixe e/ou carne) com acompanhamento de arroz/massa/batata e sobremesa. Todos os pratos vão ser levados um por um à mesa do jantar, os membros da família costumam comer os pratos que pediram em vez de partilhar a comida, porque acham a partilha de pratos um tipo de perturbação. Os portugueses respeitam a escolha pessoal em relação ao consumo de vinhos, todos têm a liberdade de pedir os vinhos preferidos e beber quando quiser.

O conceito sobre a hora a que se deve chegar à hora de uma refeição ou quando se é convidado a casa de alguém na cultura portuguesa é único e convencional. Nos países ocidentais, as pessoas respeitam muito a hora de presença de todas as atividades e vão estar presentes à hora marcada, porque o atraso é mal visto e considerado uma falta de respeito. Quer num banquete, quer numa festa informal de família, a chegada a tempo comprova as características psicológicas da pessoa, o nível de educação e o seu estatuto na sociedade. Normalmente, os convidados não vão demorar mais de dez minutos a chegar ao local.

As senhoras e as crianças têm prioridade no que diz respeito à ordem de entrada e aos lugares. No arranjo de lugares, é hábito listar os nomes dos convidados e de acordo com a distribuição de lugares vão organizar-se os assentos dos hóspedes. No caso de haver convidados de ambos os sexos no banquete, o dono vai respeitar ao número de presentes e separá-los em duas listas, uma de senhoras e a outra de senhores. O dono vai sentar-se do lado

oposto à sua mulher, os convidados vão sentar nos dois lados da mesa segundo as listas. Quanto ao uso dos talheres, Silva refere o seguinte:

O uso de talheres na cultura portuguesa resultou da cultura de caça nos países ocidentais. No início a faca era usada para caça, pesca e defesa do homem. Logo depois se usava para descascar frutas, preparação dos alimentos na cozinha. Nos dias atuais, as refeições são rápidas e práticas devido à demanda de atividades que o homem vem adquirindo ao longo dos tempos, mas usar talheres para pegar os alimentos ainda é o comportamento que predomina nas mesas, porém não são compartilhados como antes, cada indivíduo utiliza seus talheres individuais, usa a faca na mão direita e o garfo na mão esquerda pelos mesmos padrões de etiqueta que surgiram desde a Idade Média, mas agora cada um possui seu garfo (Silva 2012).

Com o desenvolvimento da cooperação económica entre a China e Portugal, muitos portugueses começam a usar pauzinhos e gostam de comer pratos chineses, em contrapartida, na China, há cada vez mais restaurantes ocidentais e os chineses que também aceitam gradualmente o uso de faca e garfo.

A etiqueta à mesa na cultura portuguesa é representativa de um espírito de arte de beleza. O processo inteiro da refeição requer não somente pratos deliciosos e de boa aparência, como também a boa apresentação de quem se senta a mesa e o respeito das regras em volta da refeição. Assim, não se devem emitir sons desagradáveis, o tom de voz deve ser controlado e baixo e não interromper a comunicação dos outros presentes. Na mesa das famílias portuguesas, as pessoas raramente usam o telemóvel, exceto em casos de assuntos urgentes, e antes de atender uma chamada, deve pedir-se licença a quem estiver à mesa.

1.3.3 Comparação das culturas chinesa e portuguesa

Em culturas diferentes, a vida da segunda geração dos imigrantes é modelada passo a passo em formas diferentes de acordo com o modelo dos seus pais e expectativas de que como o futuro dos seus filhos se desenvolve. S.Blum-Kulka explica o seguinte:

In different cultures children's lives are shaped in different ways according to their parents' models and expectations of what the children's development should be. Cross-cultural differences in socialization often become discernible when observing that children in different cultures have to become competent in the appropriate pragmatic use of their language. (S. Blum-Kulka 1997, 431)

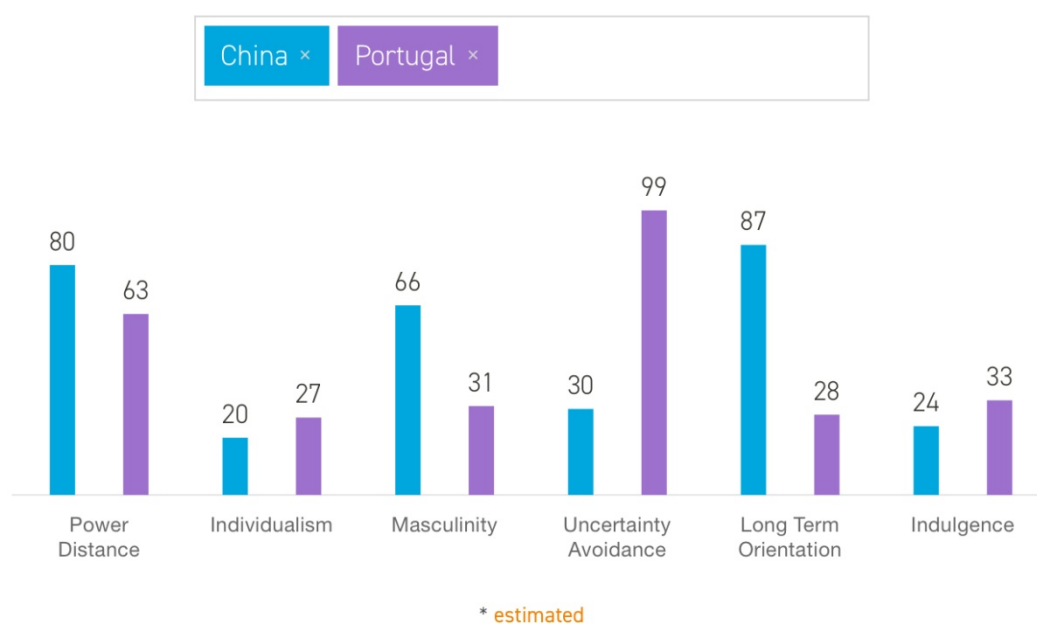
O diferente estilo de comunicação específico em culturas é uma parte significativa na aquisição da LH e no desenvolvimento de competências interculturais.

Ethnographic evidence from various parts of the world supports the notion that food and eating are not just biologically significant for the reproduction of families and social groups but are saturated with social import. What constitutes mealtime comportment, for example, varies within and across communities, including the sequential ordering of who eats before, after, or along with whom; the social distribution of food; and the communicative roles expected of different mealtime participants. (Elinor e Merav 2006, 46)

Entre vários tipos de grupos sociais, a geração 2.0 está associada a figuras diferentes, cujo papel comunicativo leva em consideração os diferentes aspectos de socialização (ibid., 42). As práticas bilingues ou multilingues são uma das principais atividades comunicativas durante as refeições em casa. Ao sentar-se em torno de uma mesa ao jantar, os pais e a criança partilham um mesmo tópico de conversa e trocam opiniões diferentes entre as duas gerações, favorecendo assim um contexto pragmático em que a geração 2.0 socializa em diferentes estilos culturais de comunicação (ibid., 43).

O antropólogo e sociólogo, Geert Hofstede, identificou seis dimensões de valores de culturas diferentes, nomeadamente a distância do poder, o individualismo, a masculinidade, a aversão da incerteza, a orientação ao longo prazo e a complacência.

Gráfico 3. Comparação da cultura chinesa e da cultura portuguesa nas dimensões de valores culturais (Minkov 2010, 255-258)



Observando o resultado da comparação entre as culturas da China e de Portugal no gráfico 3, pode observar-se que o índice da distância do poder da China é superior ao de Portugal. Os membros de sociedades com alto índice de distância do poder tendem a não questionar aqueles que estão em níveis mais altos de poder. Além disso, esperam que os membros mais poderosos lhes sirvam de guias para o seu trabalho (Hofstede, 2010). Quanto ao individualismo, Portugal tende a ser uma cultura individualista, ou seja, os membros tendem a tomar decisões de forma independente e preocupam-se consigo e com seus familiares mais próximos (Hofstede, 2010). Em contrapartida, na sociedade chinesa, a população focaliza-se no coletivismo, em “nós”, os relacionamentos interpessoais são mais importantes do que as tarefas; manter a harmonia e evitar o confronto direto são princípios da vivência conjunta; a comunicação na cultura chinesa é geralmente de alto contexto. Comparando os índices da masculinidade da China e de Portugal, percebemos que a sociedade chinesa é representada por uma alta masculinidade, a população chinesa tem uma imagem trabalhadora e modesta, admirada pelo sucesso. Por sua vez, os portugueses focam-se em construir boas relações e garantir uma melhor qualidade de vida para todos; os conflitos são resolvidos através dos compromissos da negociação. Na cultura chinesa, a aversão à incerteza é inerente à vida, os chineses aceitam as coisas como elas são. Mas, em Portugal, há necessidade de consenso, de regras e leis e de evitar o fracasso, as pessoas sentem alto stresse ao enfrentar situações de incerteza que acham uma ameaça contínua. As sociedades com orientação de longo prazo também tendem a adaptar as tradições aos contextos modernos. Os países do Leste da Ásia, como a China, a Coreia e o Japão tendem a ter culturas nacionais orientadas para o longo prazo. A sua perseverança e o esforço produzem resultados lentos, estando dispostos a adiar os seus próprios desejos por uma boa causa (AFS, 2011). Os países com culturas nacionais que têm uma orientação a curto prazo, como Portugal, sentem uma pressão social para gastar mais, o esforço deve produzir resultados rápidos e os lucros imediatos são mais importantes do que as relações humanas. O índice da complacência da China é menor do que de Portugal, ambos os países tratam as culturas com uma complacência baixa, faz sentido que as pessoas sejam mais reservadas, os objetos materiais são importantes para o estatuto, tais como carros, casas e empresas. Espera-se uma recompensa material pelo trabalho extraordinário e regulamentam-se os seus comportamentos (Hofstede 2019).

As características das culturas chinesa e portuguesa são também manifestadas via a etiqueta à mesa especialmente quando jantam dentro e fora de casa. As normas principais da etiqueta à mesa nas famílias chinesas e portuguesas resumem-se da seguinte forma:

	Na cultura chinesa	Na cultura portuguesa
Pontualidade	Atraso entre 10-30 minutos	Chegar a horas
Ordem de se sentar	<ol style="list-style-type: none"> 1. Senhores mais velhos 2. Senhoras mais velhas 3. Senhores 4. Senhoras e crianças 	<p>Senhoras mais velhas</p> <p>Senhoras e crianças</p> <p>Senhores mais velhos</p> <p>Senhores</p>
Uso de talheres	<p>Usar <i>Kuaizi</i> (pauzinhos); Cuidados a ter:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Não usar os pauzinhos para apontar para alimentos ou gesticular com eles no ar enquanto fala. 2. Não remexer a comida com os pauzinhos para encontrar um bocado especial. 3. Não passar ou pegar na comida de alguém diretamente com os pauzinhos. 4. Não deixar os pauzinhos espetados verticalmente nos alimentos. 	<p>Usar Garfo, faca e colher; Cuidados a ter:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Usar garfo com a mão esquerda e manter a comida e faca com a mão direita quando se corta. 2. Não usar as mãos para pegar na comida, exceto casos específicos. 3. Não bater com os talheres, fazendo barulho quando se come. 4. Em nenhuma condição, deixar um talher no prato e o outro de lado na mesa.
Cortesia à mesa	<p>Antes do começo da refeição, o/a anfitrião deve dar umas palavras de apreço para festejar e felicitar por um motivo, todos brindam com entusiasmo.</p> <p>O mais velho ou mais importante é quem determina o início da refeição.</p> <p>Vinhos ou outras bebidas alcoólicas, à exceção do chá, acompanharão a comida.</p> <p>Fazer ruídos ao comer macarrão ou beber a sopa é aceitável.</p>	<p>Controlar o tom de voz.</p> <p>Não usar o telemóvel e valorizar esta ocasião para conversar mais com os membros da família.</p> <p>Não beber vinhos de diferentes tipos nem beber vinho do Porto à refeição.</p> <p>Não é aceitável fazer sons ao comer a sopa ou comer de boca aberta.</p> <p>Não colocar os cotovelos em cima da mesa.</p>

Tabela 1: Resumo comparativo da etiqueta à mesa na cultura chinesa e portuguesa
(Eugene 1986, 181-183)

O contexto social e as diferenças históricas influenciam bastante as formas de cultura e resultam gradualmente na distinção entre regras de etiqueta à mesa na China e em Portugal, retratadas como uma mostra de costumes de vida nas culturas chinesa e portuguesa. Com o desenvolvimento rápido da globalização económica e a comunicação digital a nível mundial, as culturas da etiqueta à mesa estão a em constante mutação, influenciando-se umas às outras.

Capítulo II - Pesquisa de campo sobre a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa na segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal

A etiqueta à mesa é uma parte indivisível na constituição de uma cultura não verbal e na comunicação intercultural. O intercâmbio das regras de etiquetas à mesa nas culturas chinesa e portuguesa mantém-se constantemente na vida quotidiana das famílias chinesas em Portugal, tornando-se uma necessidade crescente que muda invisivelmente o ambiente social e cultural do país de acolhimento. Portanto, é importante conhecer em termo geral as mudanças dos comportamentos e das perceções da segunda geração chinesa em Portugal sobre a etiqueta à mesa com a sua família, a fim de explorar o nível da aculturação da geração 2.0 na sociedade acolhedora, a sua valorização da língua e da cultura chinesa, e descobrir as suas ideias sobre a etiqueta à mesa com a sua família.

Este capítulo focalizar-se-á nas metodologias de pesquisa utilizadas para o presente estudo de caso, com o tema “a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa na segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal”. O que também está envolvido nesta parte é a descrição do desenho do questionário para o estudo, tendo a ver com as três áreas seguintes: 1) identidade da segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal, 2) frequência de uso e motivação na aprendizagem do chinês e 3) regras de etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa e portuguesa. Por fim, pretende demonstrar-se, no presente capítulo, combinando os métodos estatísticos a ser usados no estudo presente para a análise de dados, a importância da etiqueta à mesa com a família, no quadro dos valores culturais da segunda geração chinesa em Portugal, revelando as relações entre a língua de herança, a aculturação social e a etiqueta na entremesa nas culturas chinesa e portuguesa.

2.1 Metodologia de Investigação

Quanto à metodologia de pesquisa, os investigadores usam frequentemente a abordagem quantitativa ou qualitativa para atingir diferentes objetivos de estudo em sociologia (Fonseca, 2008). O questionário é usado tipicamente com mais perguntas fechadas e objetivas, adotando uma abordagem quantitativa, pelo que

The typical questionnaire is a highly structured data collection instrument, with most items either asking about very specific pieces of information (e.g., one's address or food preference) or giving various response options for the respondent to choose from, for example, by ticking a box. This makes questionnaire data particularly suited for *quantitative*, statistical analysis. After all, the essential

characteristic of quantitative research is that it employs categories, viewpoints, and models that have been precisely defined by the researcher in advance, and numerical or directly quantifiable data are collected to determine the relationship between these categories and to test the research hypotheses. (Dörnyei e Taguchi 2010, 23-24)

Em comparação com a abordagem quantitativa, a abordagem qualitativa busca descrever significados que são socialmente construídos, por isso é definida como subjetiva, e os resultados não são generalizáveis (Tanaka e Melo 2001). O problema do questionário na perspectiva qualitativa é que

they inherently involve a somewhat superficial and relatively brief engagement with the topic on the part of the respondent. Therefore, no matter how creatively we formulate the items, those are unlikely to yield the kind of rich and sensitive description of events and participant perspectives that qualitative interpretations are grounded in. (Dörnyei e Taguchi 2010,10)

Aliás, Sudman e Bradburn afirmam que as perguntas com frases longas e vocábulos complicados levam os participantes a perder a paciência para responder ao questionário todo, eventualmente prejudica a qualidade e a autenticidade do resultado (1983, 5). Portanto, escolhi adotar a abordagem quantitativa para este trabalho de pesquisa por forma a possibilitar um resultado estatístico mais confiável e generalizado.

A fim de elaborar um bom questionário quantitativo, no procedimento do desenho do mesmo, devem respeitar-se uma série de critérios para padronizar a qualidade do conteúdo, a saber:

- Deciding on the general features of the questionnaire, such as the length, the format, and the main parts.
- Writing effective items/questions and drawing up an item pool.
- Selecting and sequencing the items.
- Writing appropriate instructions and examples.
- Translating the questionnaire into a target language if it was not originally written in that language.
- Piloting the questionnaire and conducting item analysis. (Dörnyei e Taguchi 2010, 11-12)

De modo a conseguir o máximo efeito na resposta, o questionário não deve ser superior a quatro páginas e não deve demorar mais de trinta minutos a ser respondido (*ibid.*,13).

2.1.1 Participantes

Com o intuito de explorar o tema referido no ponto anterior, procedi à realização de um inquérito por questionário a um determinado grupo de participantes, entre os 8 e os 18 anos, que atualmente estão a aprender o chinês, na escola de língua veicular chinesa “Shumin” e que hoje em dia vivem em Portugal com residência permanente.

O Centro de Línguas e Culturas Shumin (CLCS), cujo nome antigo é Escola da Língua Chinesa Xiyangyang (em 2011), foi estabelecido e nomeado oficialmente em 2016, a fim de promover o desenvolvimento saudável e rápido da educação cultural para os jovens chineses em Portugal e estabelecer uma marca educacional distinta e de alta qualidade.

Com o objetivo de "promover a cultura chinesa, cultivar talentos morais, intelectuais, físicos, estéticos e orientados e estabelecer uma plataforma de comunicações entre estudantes chineses e portugueses", o CLCS adere ao lema escolar de "a Educação, a Razão, a Honestidade e a Perseverança" e tem mantido um excelente estilo escolar unitário, vivo, diligente e empenhado.

Hoje, o CLCS conta com 12 professores qualificados na área do ensino da língua e da cultura chinesa e cerca de 300 alunos com uma idade compreendida entre 4 e 18 anos, a maior parte proveniente de famílias de imigrantes chineses em Portugal. Segundo a estatística geral do momento, existem 62 estudantes que preenchem os seguintes requisitos do presente estudo de caso:

- Ter a idade de 8 a 18 anos;
- Classificar-se como a segunda geração da comunidade de imigrantes chineses em Portugal;
- Os pais terem língua chinesa como língua materna, incluindo dialetos chineses além do mandarim, tais como o cantonês, dialeto hacá¹ e dialeto wenzhou².
- Terem participado no curso do chinês no CLCS por pelo menos um semestre.

¹ Hakka ou Hacá: é uma das principais subdivisões ou variedades da língua chinesa. É falada nativamente pelos povos hacá no sul da China, Taiwan, Hong Kong e ao longo das áreas onde está a diáspora hacá, principalmente no Extremo Oriente e no Sudeste da Ásia. Ela é uma transição entre a língua mandarim e o cantonês. (Laurie 2007)

² Dialeto wenzhou: é o idioma de Wenzhou, província de Zhejiang, China. É a mais divergente forma da língua wu, sendo por alguns considerada como uma língua distinta. Apresenta claros elementos das línguas min, que são falas ao sul da área Wu. (钱乃荣 1992)

Em relação à organização das disciplinas, para além dos cursos da língua chinesa, são oferecidos outros cursos especializados aos alunos adolescentes, tais como a dança clássica chinesa, a música tradicional chinesa, a arte estética de caligrafia, entre outras aulas extracurriculares com o objetivo de acrescentar a curiosidade dos alunos sobre a cultura chinesa.

2.2 Desenho do questionário e descrição de amostras

Num contexto em que se fundem a cultura chinesa e a portuguesa, o questionário foi desenhado para refletir como é que o grupo da segunda geração resolve problemas quanto à etiqueta à mesa, a fim de descobrir quais as suas atitudes e comportamentos.

O presente estudo aplicou principalmente uma abordagem de pesquisa quantitativa, concernente sobretudo à língua de herança, à identidade da segunda geração imigrante no estrangeiro e à etiqueta à mesa com a família. Baseando-nos nos questionários de Li Danhui (2019, 73-83), de Hana Kang (2004, 87) e de Zhang Fengyang (2016, 14-16), em combinação com a nossa experiência pessoal de vida em Lisboa e em Leiria, o questionário foi elaborado tendo em conta a comunidade específica dos participantes e desenhado de acordo com o contexto de imigração, as características dos inquiridos, bem como a realidade social do país recetor e de origem, com o objetivo de analisar os comportamentos e sentimentos sobre cortesias e costumes à mesa na cultura chinesa e explorar os fatores que resultam na mudança da geração 2.0 em relação à etiqueta à mesa.

No que diz respeito à oitava e à nona questão, seguiu-se o Quadro Europeu Comum de Referência (QECR), para determinar os níveis de domínio do português dos inquiridos. De acordo com o padrão regulamentado do QECR, são divididos em três categorias (A, B, C) com duas subdivisões em cada uma (A1, A2...C1, C2), sendo respetivamente os seguintes:

A: Utilizador Elementar

- A1 Nível de iniciação
- A2 Nível elementar

B: Utilizador Independente

- B1 Nível limiar ou intermédio
- B2 Nível vantagem ou pós-intermédio

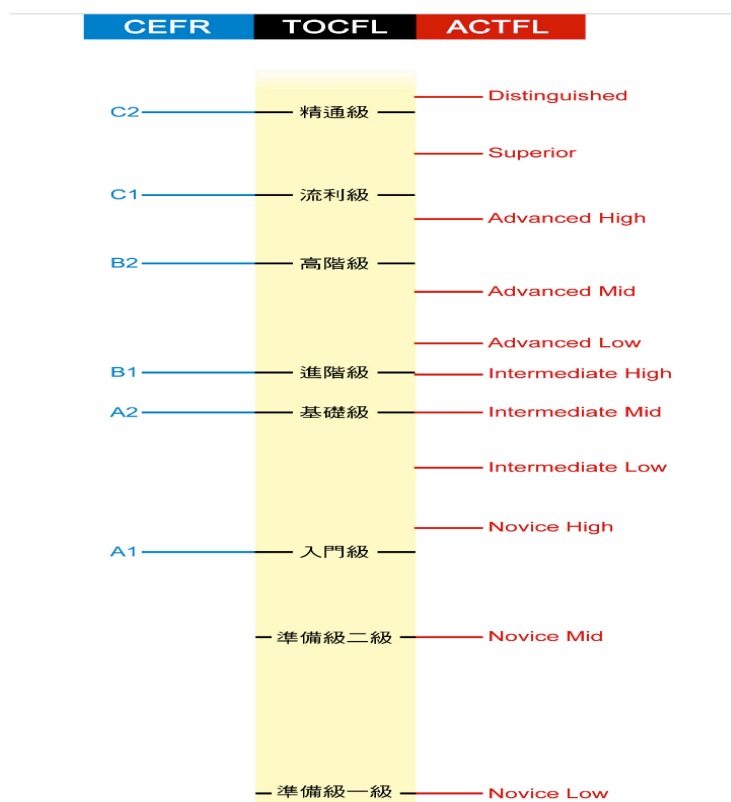
C: Utilizador Proficiente/Experiente

- C1 Nível de autonomia ou avançado
- C2 Nível de mestria ou proficiente

O estabelecimento de níveis comuns de referência concorre para a transparência e comparabilidade dos processos de ensino e aprendizagem e para o correspondente reconhecimento dos níveis de competência alcançados. (Direção-geral da educação 2018)

Em relação à avaliação do nível de domínio do chinês, foram utilizados os níveis do exame Hànyǔ Shuǐpíng Kǎoshì (HSK), um teste internacional de proficiência em língua chinesa, publicado no portal do *Istituto Confucio Sammarinese*³ (ICS). O exame HSK é um exame que atesta o nível de proficiência do idioma chinês e é direcionado principalmente a falantes não-nativos, mas também a residentes chineses no exterior, que participaram em todo o processo de escolaridade obrigatória na China (Istituti Confucio in Italia 2007). As descrições dos níveis de HSK são correspondentes aos padrões do QECR, como se apresenta na imagem 2. Tive também como referência a norma de avaliação comum entre o QECR e o exame HSK.

Imagem 2. Relação da classificação entre o teste HSK, o QECR e a ACTFL
(Steering Committee for the Test Of Proficiency-Hu 2017)



³ Portal do *Istituto Confucio Sammarinese*: <http://www.istitutoconfucio.it/italia/istituto-confucio-universita-degli-studi-di-san-marino/>

Quanto aos métodos que utilizei para a avaliação do grau, adotei Escalas Numéricas no desenho das questões 11, 12, 14, 16, 18, 27, que desempenham um papel essencial na produção da avaliação dos participantes com o uso de uma escala de classificação de vários níveis. Estas escalas têm vantagens, pois permitem a diversificação funcional de escolhas pela atribuição a várias atitudes, a fim de poder avaliar de forma clara a frequência do uso do chinês com a sua família e o grau da motivação em falar chinês, aliás:

These scales involve “giving so many marks out of so many,” that is, assigning one of several numbers corresponding to a series of ordered categories describing a feature of the target. The popularity of this scaling technique is due to the fact that the rating continuum can refer to a wide range of adjectives (e.g., excellent to poor; conscientious to slapdash) or adverbs (e.g., always to never); in fact, numerical ratings can easily be turned into semantic differential scales and vice versa. (Dörnyei e Taguchi 2010, 26)

Utilizei a Escala de Likert como uma das escalas mais usadas no desenho de questionários, inventada por Rensis Likert. Esta escala consiste numa série de declarações que se relacionam a um objeto específico (podem ser humano individual, um grupo de pessoas, uma instituição ou até uma conceção, etc.). É pedido aos respondentes que indiquem em que grau concordam ou não concordam com os itens através da resposta “concordo totalmente” a “discordo totalmente” (*ibid.*, 27). A utilização da escala de Likert facilita a análise final dos dados, já que cada resposta corresponde a um ponto fixo. No final, a pontuação dos itens aponta para um mesmo objetivo, sendo calculada a média na etapa de análise.

No que diz respeito às questões 25, 28, 30, utilizam-se os itens “verdadeiro e falso” para facilitar as respostas dos jovens participantes entre 8 e 13 anos, visto que, de vez em quando, as crianças parecem incapazes de prestar uma resposta mais precisa sobre perguntas complicadas, nesta condição, “follow a true–false rating can ensure reliability in domains where the respondent may not be able to properly evaluate the degree to which a particular feature is present/true or not” (*ibid.*, 32). A questão contém uma frase-chave relativamente curta, mas cuja ideia principal não é subjetiva. Quando a afirmação e a negação não são suficientes para apresentar a atitude exata do inquirido, vale a pena disponibilizar mais opções de resposta tais como “não sei”, “depende da situação”, entre outras (Aiken 1996).

O programa de pesquisa usado foi o instrumento de recolha de dados em linha *Sojump*⁴, que permite desenhar inquéritos com estilo próprio, permitindo que os participantes preencham de forma autónoma o questionário. Depois da edição do questionário no Word, introduzi as perguntas no formulário do *Sojump* em função de cada tipologia. As perguntas permitem a escolha de uma ou várias respostas, em contrapartida, as respostas com escolhas inadequadas vão ser consideradas como inválidas. Ao acabar a redação do inquérito, enviei o seu código de *Quick Response* (QR) através da rede social *Wechat*⁵, que permite que cada participante aceda à página de preenchimento e submeta o questionário na rede. Por fim, fez-se a recolha dos dados e o sistema do *Sojump*, analisou automaticamente os dados por categorias para facilitar a análise sistemática de todas as perguntas colocadas.

O questionário foi respondido de forma voluntária e anónima, pressupõe-se que as respostas dos inquiridos correspondam à realidade e às suas opiniões verdadeiras.

2.2.1 Estrutura do questionário

O questionário foi elaborado em português e em chinês para garantir as mesmas condições aos inquiridos da geração 2.0 chinesa em Portugal. O questionário é constituído por duas partes e tem no total 35 perguntas. Todas as perguntas são identificadas com números e dentro de cada parte a ordem é aleatória. As perguntas com respostas alternativas têm geralmente quatro possibilidades de escolha, exceto as questões restritas, tais como o sexo e a afirmação/negação do facto ou perguntas com escolha múltipla. Tentei cobrir todas as respostas possíveis para cada pergunta, apresentadas de forma diversa, para além de facultar alternativas, a fim de tornar o questionário mais interessante na ótica do participante.

Na primeira secção, as perguntas envolvem informações sobre a família do respondente e a experiência educacional, a fim de ter conhecimento prévio sobre o contexto imigrante e a situação da vida atual. Tendo em vista o facto de os imigrantes chineses terem como origem o interior da China, adicionei a pergunta sobre a província de origem nas questões sobre a informação pessoal.

⁴ *Sojump*, com o nome chinês “问卷星”, é uma plataforma profissional de pesquisa, avaliação e votação de questionários online, com foco no fornecimento aos usuários de questionários de design on-line poderosos e fáceis de usar, coleta de dados, relatórios personalizados e serviços de análise de resultados de pesquisas. (问卷星 2019)

⁵ Uma aplicação social muito utilizada na comunidade chinesa, quer por imigrantes quer por nativos. Com ele, podem resolver-se quase todos os problemas da vida cotidiana em poucos cliques, especialmente na China, onde o aplicativo conta com mais funcionalidades (Silveira 2018).

Na segunda parte, tentei cobrir todos os aspetos sobre a etiqueta à mesa nas culturas chinesa e portuguesa, com questões prévias sobre a aprendizagem do chinês, a frequência do seu uso no contexto familiar e relativamente à sua identidade cultural.

As questões têm a ver com o nível de domínio do chinês e do português, a motivação quanto ao estudo do chinês e em que contexto de situação usa mais o chinês. A elaboração das perguntas destina-se a conhecer em que nível o inquirido domina a sua língua de herança e a frequência do seu uso. São levantadas questões relativas à cognição da geração 2.0 sobre a sua identidade cultural através de informações relativas às atividades domésticas e perspetivas pessoais quanto à socialização comunicativa com os familiares ao seu redor. A identidade étnica está relacionada com a aculturação social, tal como o estilo de vida e atitudes da geração 2.0, bem como dos seus pais em relação à cultura étnica e língua de herança (Kang 2004, 24). Esta secção recolhe informações sobre o contacto social dos participantes no contexto de comunidade a que pertencem e tem como objetivo explorar a perceção da identidade cultural chinesa e portuguesa nos imigrantes da segunda geração. Apresentam-se várias perguntas centradas no tema principal da pesquisa, tentando cobrir todos os aspetos sobre a etiqueta à mesa nas culturas chinesa e portuguesa, tais como as preferências gastronómicas, os hábitos alimentares, o uso de talheres e comportamentos reais da segunda geração na entremesa com a família. A estrutura das questões contribui para analisar as mudanças quanto à forma de pensar e aos comportamentos de cortesia à mesa face aos participantes e refletir sobre os possíveis fatores de influência.

Secção	Número de perguntas no questionário
Informação pessoal	1-9
Etiqueta à mesa com a família, integração social e língua de herança	10-35

Tabela 2: Categorização e quantidade de questões em cada secção do questionário

Capítulo III - Discussão

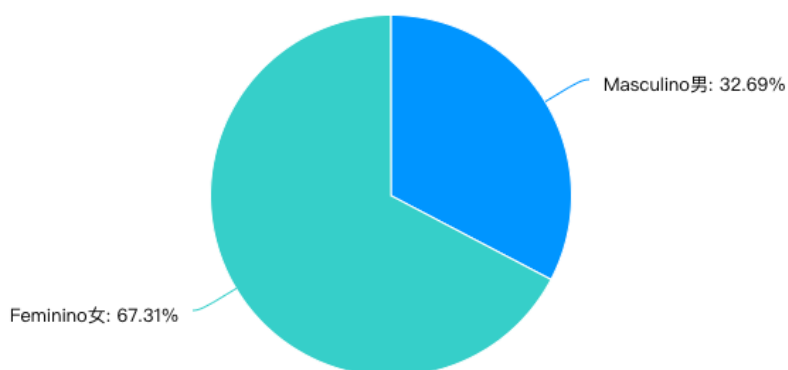
Neste capítulo, apresentar-se-ão os resultados do questionário, recorrendo a uma análise estatística a partir das respostas dos 52 participantes. Essa análise basear-se-á no enquadramento teórico definido para este estudo e previamente apresentado no Capítulo I. Também se refletirá sobre as mudanças comportamentais da geração 2.0 em relação à etiqueta à mesa na cultura chinesa e as mudanças nas perceções que a mesma tem sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa. Na última secção, questionar-se-á a importância da sociabilidade da etiqueta à mesa da cultura chinesa na comunidade chinesa da geração 2.0 em Portugal, com o intuito de realçar o presente tópico de estudo em investigações futuras sobre a preservação da cultura de herança na sociedade de acolhimento.

3.1 Apresentação dos Resultados do Questionário

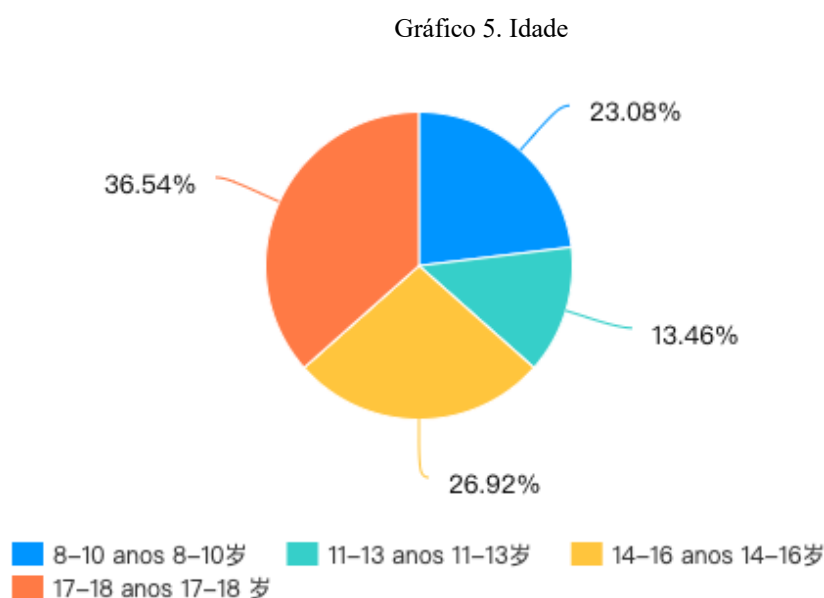
Nesta secção, será feita uma análise estatística dos dados obtidos pelo inquirido por questionário. Baseando-me nos pressupostos teóricos que foram previamente levantados no primeiro capítulo, tentei investigar as correlações entre a etiqueta à mesa com a família, integração social e língua de herança. Os resultados estatísticos foram recolhidos através da plataforma “Sojump”, ferramenta que serviu para recolher as respostas dos inquiridos e que garante a credibilidade dos dados do questionário.

A primeira pergunta tem a ver com o género do respondente. Ao criar projetos de pesquisa direcionados a populações específicas, as pesquisas de perfil demográfico são necessárias para confirmar se se identificou corretamente o público-alvo (SurveyMonkey s.d.).

Gráfico 4. Género dos inquiridos



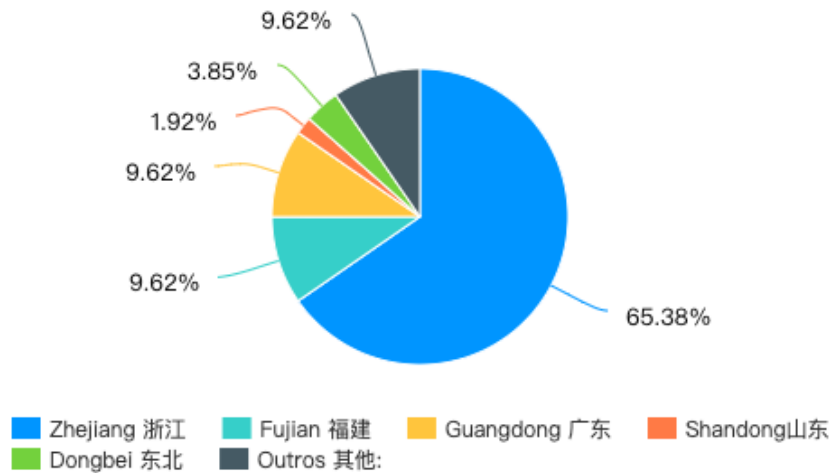
Entre os 52 respondentes que concluíram o questionário, há 17 que são do sexo masculino (32.69%) e 35 que são do sexo feminino (67.31%). Observamos que os inquiridos masculinos são duas vezes menores do que os femininos, demonstrando uma diferença significativa.



A segunda pergunta é relativa à idade atual do inquirido com o objetivo de conhecer a faixa etária dos participantes. De acordo com as respostas, dentro dos 52 respondentes, 12 (23.08%) têm entre 8 e 10 anos, 7 (13.46%) têm entre 11 e 13 anos, 14 (26.92%) têm entre 14 e 16 anos e 19 (36.54%) têm 17 e 18 anos. O resultado mostra que a geração 2.0 dos imigrantes chineses, em Portugal, nasceu entre 2002 e 2020, sendo estes os descendentes jovens do século XXI.

Relativamente aos chineses que imigram para Portugal, trata-se de um caso de incorporação das culturas chinesa e portuguesa na sua identidade cultural, cujos significados estruturam a vida de um indivíduo ou de um povo. Levámos em consideração que os filhos da primeira geração da comunidade chinesa em Portugal podem ter mais dificuldades de ordem psicológica na sua autoidentificação, portanto, conhecer a comunidade de origem tem tanta importância como a sua comunidade de acolhimento para estes jovens imigrantes em particular.

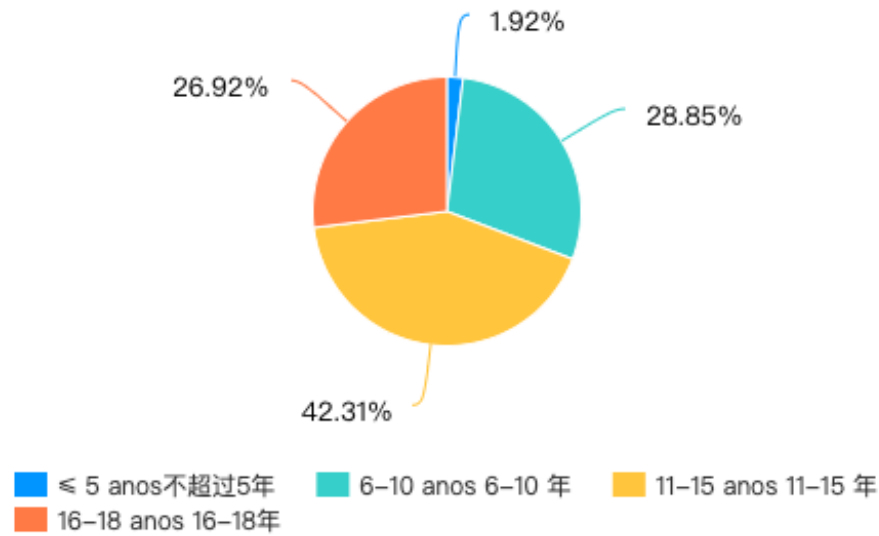
Gráfico 6. Onde fica a terra natal dos teus pais?



Segundo os dados do Gráfico 6, 34 inquiridos (65.38%) são provenientes de Zhenjiang, ocupando a maior percentagem, o que corresponde ao pressuposto teórico referido no primeiro capítulo: “Do grupo de imigrantes chineses em Portugal destacam-se, devido ao seu grande número, aqueles provenientes da província de Zhejiang (Zheng 2019, 23).” Cinco (9.62%) respondentes são de Fujian, cinco (9.62%) de Guangdong, um (1.92%) de Shandong e dois (3.85%) de Dongbei. Dentro os outros cinco inquiridos, dois vêm de Jiangsu, um de Hebei, um de Pequim e um de Macau.

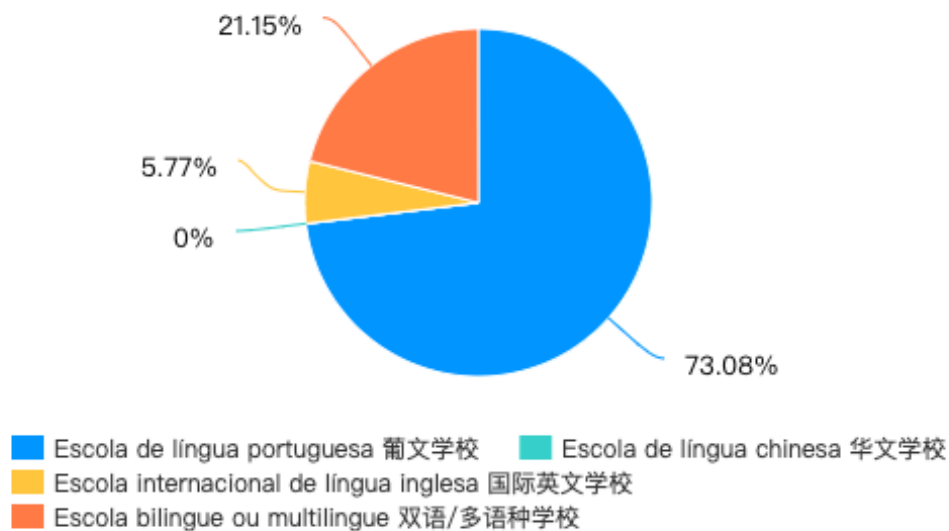
O resultado demonstra que a maioria dos participantes jovens vêm de províncias costeiras do interior da China, tais como Zhejiang, Shandong e Fujian. Como referido no primeiro capítulo, graças à abertura da política de reforma da República Popular da China (RPC) desde 1978 e as atividades económicas ativas entre a China e todo o mundo, a população chinesa está espalhada um pouco por todo o planeta. Nos grupos chineses que emigraram para Portugal, destacam-se os que são oriundos de Zhejiang, sendo os primeiros que conseguiram obter um grande sucesso pelos seus negócios empresariais no local (Zheng 2019, 23), por isso, cada vez mais chineses desta província emigram para Portugal e permanecem lá em busca de uma melhor qualidade de vida.

Gráfico 7. Há quantos anos vives em Portugal?



Ao perguntar há quanto tempo vive em Portugal, apenas um (1.92%) vive há menos de cinco anos, quinze (28.85%) entre seis e dez anos, vinte e dois (42.31%) entre 11 e 15 anos, e catorze (26.92%) entre 16 e 18 anos. Observamos que mais de uma metade dos inquiridos com a idade entre 8 e 18 anos já vivem em Portugal há pelo menos dez anos, ou seja, passaram ou estão a passar pelo período crítico de aculturação em Portugal, coincidindo com a definição destes novos imigrantes em Portugal: são tipicamente um “Modelo Biculturalista” (Birman 2002). Vivem no contexto da cultura portuguesa e chinesa ao mesmo tempo, acostumando-se ao modelo de pensamento e hábitos de vida destas duas culturas no país recetor.

Gráfico 8. Que tipo de escola estás a frequentar?



Segundo o Gráfico 8, confirmamos que ninguém frequenta uma escola de língua chinesa, trinta e oito (73.08%) vão a escolas de língua veicular portuguesa, três (5.77%) frequentam escolas internacionais de língua inglesa e onze (21.15%) frequentam escolas bilingues ou multilingues. O resultado indica que a maior parte dos jovens da geração 2.0 opta por receber uma formação escolar no sistema de ensino português, comprovando os factos referidos no segundo capítulo: Depois da frequência do ensino curricular numa dessas escolas, as crianças vão às aulas de chinês. É possível confirmarmos que, para a geração 2.0 chinesa em Portugal, a aprendizagem da língua e cultura chinesa representa uma formação extracurricular, não obrigatória, o que equivale a dizer que os participantes que têm aulas regulamentem no CLCS estão fortemente motivados e interessados em conhecer a sua cultura de herança.

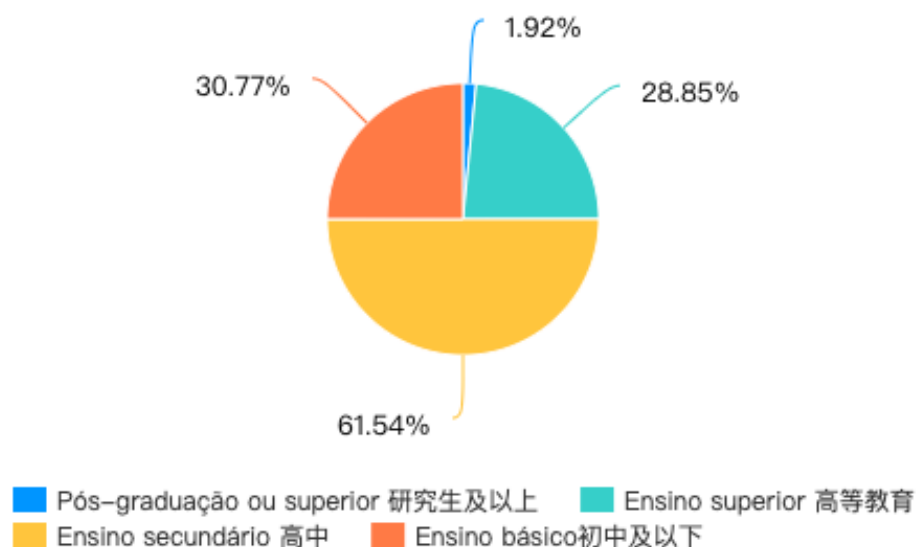
Gráfico 9. Em que área os teus pais trabalham em Portugal?



A presente pergunta de escolha múltipla tem a ver com a profissão dos pais da segunda geração chinesa em Portugal. De acordo com os dados, três (5.77%) são cozinheiros, vinte e dois (42.31%) vendedores em lojas, ocupando a maior percentagem de respostas, doze (23.08%) trabalham como gerentes de uma loja a retalho ou de armazéns grossistas, onze (21.15%) são *garçons* em restaurantes ou bares, vinte e um (40.38%) trabalham na administração de outras indústrias ou empresas e cinco (9.62%) não têm trabalho fixo. O resultado coincide parcialmente com os dados apresentados no primeiro capítulo: “Do universo de trabalhadores chineses em Portugal, 42.5% são vendedores de loja, 21.8% são gerentes de uma loja a retalho ou de armazéns grossistas, 9% são cozinheiros, 7.9% são *garçons* em restaurantes ou bares e

apenas 2.9% pertencem à administração de outras indústrias ou empresas (Zhang 2016, 4).” As escolhas das opções “Administração de outras indústrias ou empresas” e “Garçons em restaurantes ou bares” diferenciam-se muito dos dados recolhidos na revisão da literatura, mostrando que mais chineses da primeira geração transferem os seus negócios para a indústria da restauração para promover a gastronomia chinesa e ganhar a vida de maneira mais favorável.

Gráfico 10. Qual o nível de escolarização dos teus pais?



No que diz respeito ao nível de escolaridade dos pais da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal, o resultado demonstra-se pouco coincidente com os pressupostos teóricos, o que nos leva à reflexão sobre as políticas de escolaridade obrigatória da China e de Portugal. Conforme as respostas dos inquiridos, um (1.92%) concluiu uma pós-graduação ou o ensino superior, quinze (28.85%) o ensino superior, trinta e dois (61.54%) o ensino secundário e dezasseis (30.77%) concluíram o ensino básico.

Como o que foi dito no capítulo prévio, segundo os dados, conseguiram, para a maioria, concluir o ensino secundário. Entendemos que a primeira geração de imigrantes chineses não teve acesso a uma formação de nível superior ou universitário enquanto estava no interior da China. Não obstante, o número de imigrantes que obteve o certificado do ensino superior ou de pós-graduação é relativamente reduzido no total, 92.31% dos pais dos participantes já concluíram o ensino básico ou o secundário.

Tendo em consideração a idade dos inquiridos que varia de 8 a 18 anos, é possível determinar que os seus parentes nasceram na década de oitenta, depois da Grande Revolução

Cultural Proletária⁶ chinesa. Em 1980, o governo chinês publicou uma série de medidas reguladas sobre o sistema de ensino, o Ministério de Educação está encarregue de controlar e administrar o sistema de ensino, que é gratuito para todos os estudantes durante a etapa obrigatória, que vai dos seis aos 15 anos (Fundação Universia s.d.). Esta medida política não só permite que uma maior fatia da população chinesa receba uma educação básica como também melhora o nível educacional do país.

De acordo com a Fundação Universia, o ensino no interior da China está estruturado em torno de vários níveis básicos:

- Ensino Fundamental, que começa geralmente aos seis anos de idade e é obrigatório;
- Ensino Médio de Primeiro Ciclo e Ensino Médio de Segundo Ciclo, que preparam os estudantes para a universidade, ou escolas técnicas profissionalizantes secundárias, nas quais se oferece uma formação mais especializada orientada a dar o salto para o mercado de trabalho;
- Ensino Superior, formação profissional e universitária. (*ibid*, s.d.)

Tendo em conta que a maioria dos pais dos inquiridos receberam uma educação básica antes de emigrarem para a Europa, considera-se que o seu nível de língua chinesa é elevado. Portanto, no contexto familiar, os jovens da geração 2.0 aprendem chinês como língua materna, contribuindo desta forma para uma melhor identificação cultural.

Observando o Gráfico 11, dois (3.85%) dos participantes são utilizadores elementares da língua portuguesa o que coincide com a classificação do nível A1-A2 do QECR, treze (25%) têm um conhecimento avançado de português, correspondendo ao nível C1, e trinta e sete (71.15%) dos inquiridos dominam o português como utilizadores experientes, isto é, podem perceber o português sem dificuldade e expressar-se fluentemente como falantes nativos. Ninguém respondeu que não sabia nada de português ou que tinha um nível elementar. Concluimos que a maioria dos inquiridos jovens domina a língua portuguesa, o que facilita a sua aculturação e capacidades de socialização no país de acolhimento.

⁶ Conhecida como Revolução Cultural Chinesa, foi uma profunda campanha político-ideológica levada a cabo a partir de 1966 e terminada em 1976 (Wikipédia 2017). A Revolução Cultural é considerada como um período obscuro na China e é chamada de “a década perdida” pelos chineses. O país desorganizou-se nesse período, e qualquer ação voltada para o desenvolvimento da China foi colocada em segundo plano. A prioridade no país era a perseguição contra os que pensavam diferente do seu ditador.

A educação chinesa deixou de existir, principalmente a superior, uma vez que a perseguição sobre os professores universitários foi intensa. A produtividade da economia da China ficou irregular e a violência foi uma das grandes marcas desse período. Estima-se que mais de um milhão de pessoas tenham morrido em consequência da Revolução Cultural (Silva 2002).

Gráfico 11. Qual é o teu nível de língua portuguesa?

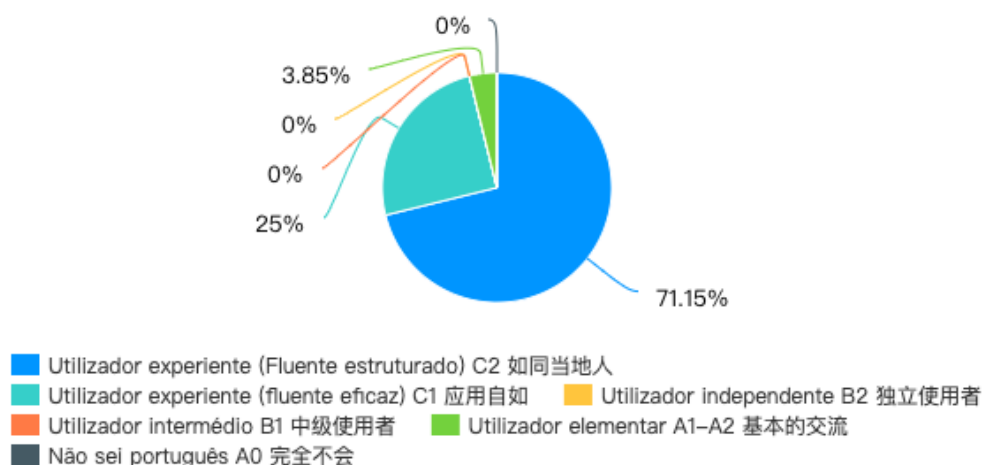
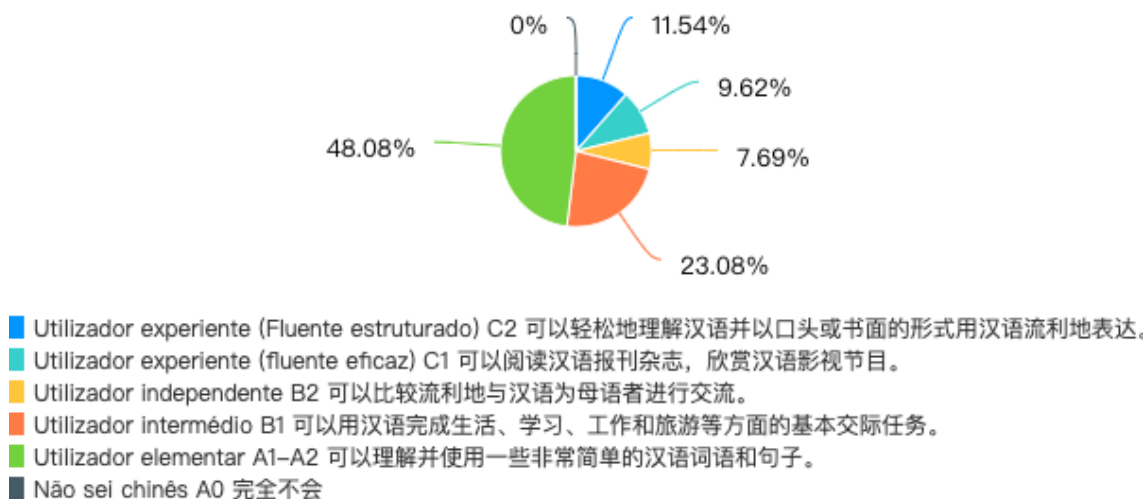


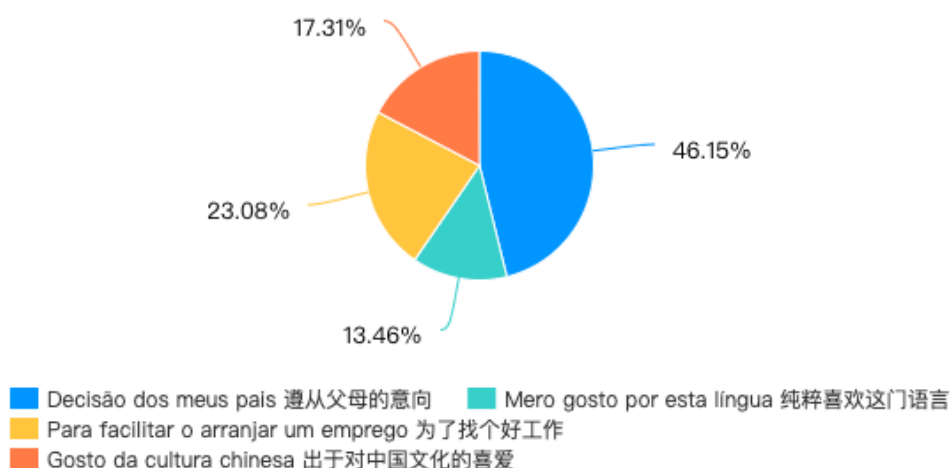
Gráfico 12. Qual é o teu nível de língua chinesa?



Pelo gráfico 12, determinamos que nenhum dos inquiridos desconhece a língua chinesa, vinte e cinco (48.08%) têm um conhecimento básico de chinês, correspondendo ao nível A1-A2 na referência da norma de avaliação comum do exame HSK. Doze (23.08%) respondentes são utilizadores intermédios, correspondendo ao nível B1, quatro (7.69%) sabem falar chinês fluentemente, sendo utilizadores independentes do nível B2, cinco (9.62%) dominam o chinês como os utilizadores experientes que corresponde ao nível C1, e seis (11.54%) conseguem expressar-se em chinês sem envidar muitos esforços, correspondendo ao nível C2.

Tendo em consideração os Gráficos 11 e 12, a maior parte dos participantes domina o português melhor do que o chinês e todos eles sabem ambas as línguas. Segundo os pressupostos teóricos de A. D. Figueiredo e o resultado do inquérito feito por Yan Zheng, conclui-se que os filhos da geração 2.0 de imigrantes chineses em Portugal são sobretudo bilingues. No entanto, se repararmos nos níveis das línguas a que os inquiridos correspondem, a grande parte dos mesmos ainda não tem um “controle das duas línguas semelhante ao de um nativo” (Butler e Hakuta 2004, 114), pensamos numa dimensão mais ampla da palavra “bilingue”, os jovens conseguem produzir oralmente frases completas e significativas tanto em português como em chinês (Haugen 1953, 7), usando as duas línguas para a aprendizagem e o ensino numa configuração instrucional (Wright, Boun e García 2015, 1); Numa definição mais restrita, entendemos o “bilinguismo” como a capacidade de uma pessoa manifestar a literacia que recebe ou apresentar conteúdos de uma área profissional através do uso de duas línguas da forma escrita ou oral bem organizada. Em muitos casos, uma das duas línguas é a língua nativa ou materna, a outra será a língua dominante na sociedade de acolhimento ou a língua internacional mais divulgada e falada (*ibid*, 1). Conclui-se que os adolescentes são sobretudo bilingues proficientes, a sua competência bilingue contribui para a aculturação na sociedade local e a preservação da cultura de herança a longo prazo.

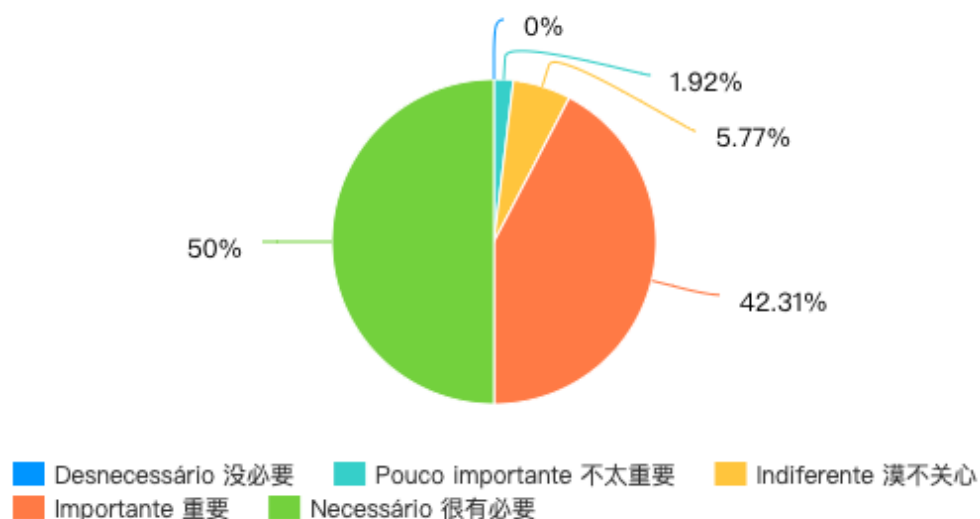
Gráfico 13. Por que motivos estudas o chinês?



Quanto à pergunta acerca da motivação na aprendizagem do chinês, vinte e quatro (46.15%) inquiridos responderam que é a decisão dos seus pais, sete (13.46%) aprendem o chinês pelo mero gosto por esta língua, doze (23.08%) estudam chinês para elevar a sua

competitividade em arranjar um emprego no futuro, nove (17.31%) inquiridos aprendem o chinês pelo gosto pela cultura chinesa.

Gráfico 14. Qual é a atitude dos teus pais em relação à importância da educação da língua e cultura chinesa?



Pelo Gráfico 14, sabemos que vinte e seis (50%) inquiridos acham que os seus pais valorizam muito a educação da língua e cultura chinesa, vinte e dois (42.31%) pensam que os seus parentes se importam com a mesma, três (5.77%) acham que os seus pais têm uma atitude indiferente em relação à mesma e um (1.92%) pensa que os pais não se importam com a educação da língua e cultura chinesa.

Ao dominar a sua LH, o aprendente sentirá uma pertença forte de ser descendente do seu país de imigração, encarregando-se assim da responsabilidade de manter a cultura da LH nos seus valores mundiais e se reformular como um/uma cidadão/-ã compreensivo/-a e intercultural. Porém, os resultados do questionário não refletem uma motivação intrínseca dos respondentes, mas antes uma motivação extrínseca que são os possíveis benefícios que poderão ter no futuro a nível profissional se dominarem o chinês. Os dados demonstram que quase uma metade dos inquiridos estudam o chinês pela decisão dos seus parentes, assim, afirmamos que, para os inquiridos, a aprendizagem da língua chinesa é uma escolha passiva.

Tal como Weiyun He refere na introdução do seu estudo baseado nos aprendentes jovens do chinês como LH nos Estados Unidos: “Learn one’s heritage language is to (re)establish similarities with members of one’s heritage culture and/or to (re)establish differences from members of mainstream American culture” (2010, 7), uma das motivações que leva à aprendizagem do chinês como língua de herança é a possibilidade de criar um canal

para estabilizar a similaridade com os outros que têm a mesma cultura de herança. É possível justificar a razão pela qual os pais querem que os seus filhos aprendam a língua chinesa, mesmo que já residam permanentemente em Portugal. Numa perspectiva intrínseca, aprender a língua chinesa é o canal mais direto e efetivo para a geração 2.0 conhecer a sua cultura de herança, vincando desta maneira a sua identidade cultural própria na sociedade de acolhimento.

De acordo com o que foi dito nos capítulos prévios, quem sabe falar o chinês pode ter maior competitividade na hora de arranjar um trabalho em Portugal, dado que as relações entre a China e Portugal são cada vez mais estreitas em todas as áreas. Os jovens imigrantes chineses têm seguramente maior facilidade em aprender o chinês e podem tirar proveito dessa vantagem. Por um motivo prático, os pais dão uma elevada importância à aprendizagem do chinês como língua de herança dos jovens da segunda geração e à educação da cultura chinesa, para que os seus filhos possam mais facilmente arranjar um trabalho no mercado laboral, quer da China, quer de Portugal.

Tabela 3. Em que nível concordas com a afirmação seguinte?

题目\选项	Discordo Totalmente 完全不赞同	Discordo em parte 比较不赞同	Não concordo nem discordo 不置可否	Concordo em parte 比较赞同	Concordo Totalmente 完全赞同
“Em casa, os meus pais comunicam mais comigo em chinês do que em português.”“在家里我父母更多地用中文与我交流。”	1(1.92%)	0(0%)	0(0%)	5(9.62%)	46(88.46%)
“Quando quero falar algo em presença do outro com os meus familiares, uso o chinês.”“当我想单独和家庭成员分享我的观点时，我会用中文表达。”	0(0%)	2(3.85%)	1(1.92%)	11(21.15%)	38(73.08%)
“Na vida quotidiana, tenho uma forte vontade de usar o chinês para a comunicação com os meus amigos chineses ou amigos portugueses que sabem falar o chinês.”“日常生活中，我会积极主动地用中文同我的中国朋友或会说中文的葡国朋友交流。”	3(5.77%)	9(17.31%)	9(17.31%)	9(17.31%)	22(42.31%)
“No aspeto cultural, acho que assumo mais a identidade chinesa do que a portuguesa.”“从文化上来说，我认为自己更像中国人。”	2(3.85%)	1(1.92%)	2(3.85%)	18(34.62%)	29(55.77%)
“Conheço a maior parte dos festivais tradicionais chineses e gosto de celebrar as férias chinesas com os meus pais.”“我认识大部分中国传统节日并且很乐意和父母一起庆祝这些节日。”	0(0%)	2(3.85%)	7(13.46%)	17(32.69%)	26(50%)

Na Tabela 3, foi usada a Escala de Likert, pedindo aos respondentes que indicassem o grau de concordância em relação aos itens (Dörnyei e Taguchi 2010, 27).

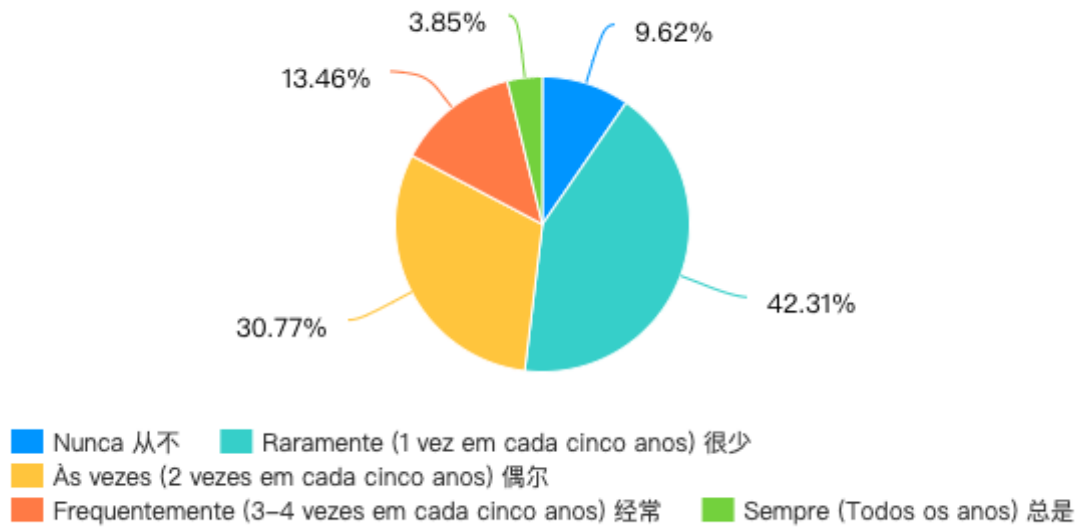
A cultura chinesa será transmitida e fundamentada através da utilização frequente da língua. Ao perguntar a frequência do uso do chinês na comunicação com os seus familiares, quarenta e seis (88.46%) mostram que falam ativamente a língua chinesa em casa, cinco (9.62%) responderam que usam o chinês na maioria das interações com os seus pais, um inquirido (1.92%) disse que não costumava falar chinês com os seus pais. O resultado dos primeiros dois enunciados reflete que, no contexto familiar, os inquiridos falam mais chinês com os seus pais, mas será que a alta frequência do uso do chinês pode seguramente promover a manutenção e a interiorização da cultura chinesa na segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal?

Observando os dados das quarta e quinta perguntas, relacionadas com a autoafirmação da identidade cultural sobre a extensão dos seus conhecimentos da cultura chinesa, vinte e nove (55.77%) acham que assumem seguramente mais a identidade chinesa do que a portuguesa, dezoito (34.62%) identificam-se em parte com a sua cultura chinesa, dois (3.85%) não afirmam nem negam, um (1.92%) inquirido não reconhece a sua identidade cultural chinesa e dois (3.85%) não afirmam nada relativamente à sua identidade chinesa. De entre estes jovens inquiridos, a maior parte tem uma identidade cultural chinesa, a minoria ainda está à procura da sua identidade cultural ou está gradualmente a aculturar-se durante a sua vida no país de acolhimento.

Quanto ao enunciado “Conheço a maior parte dos festivais tradicionais chineses e gosto de celebrar as férias chinesas com os meus pais”, vinte e seis (50%) estão completamente de acordo, dezassete (32.69%) concordam parcialmente, sete (13.46%) não concordam nem discordam, dois (3.85%) discordam em parte.

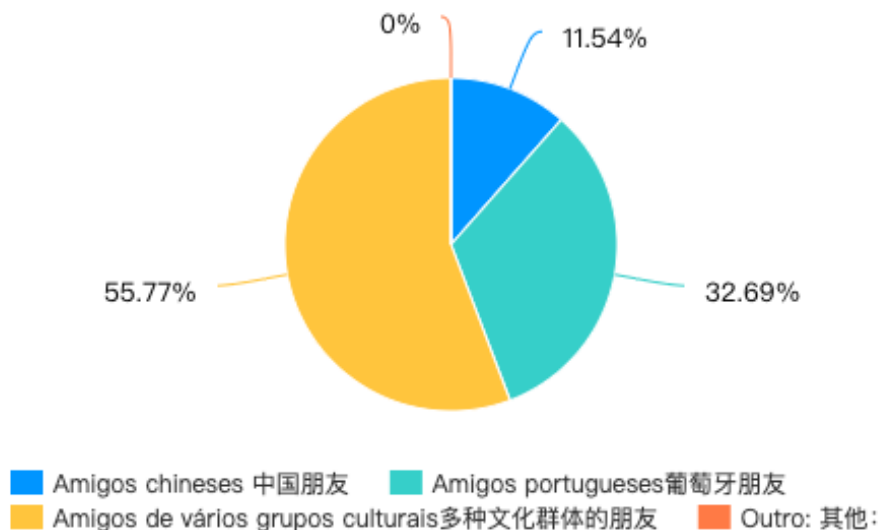
Para concluir, o resultado indica que mais de 80% dos inquiridos reconhecem a sua identidade cultural chinesa e conhecem os festivais tradicionais chineses. Revemos o resultado da frequência do uso da língua chinesa, mais de 90% dos participantes afirmam fazer uso do chinês na comunicação diária em casa, sendo assim possível determinar que a utilização frequente da língua de herança contribui para a transmissão e o fomento da cultura chinesa nos novos descendentes de imigrantes chineses em Portugal.

Gráfico 15. Com que frequência voltas com os teus pais a casa, na China, para passar o ano novo chinês?



O ano novo chinês, conhecido como o festival mais importante no calendário antigo da China, é definido convencionalmente como o dia da reunião familiar. Segundo o Gráfico 15, dois (3.85%) inquiridos regressam sempre à China para passar o ano novo chinês, sete (13.46%) voltam para China frequentemente, dezasseis (30.77%) voltam às vezes, vinte e dois (42.31%) raramente voltam e cinco (9.62%) nunca regressam à China para passar o ano novo chinês.

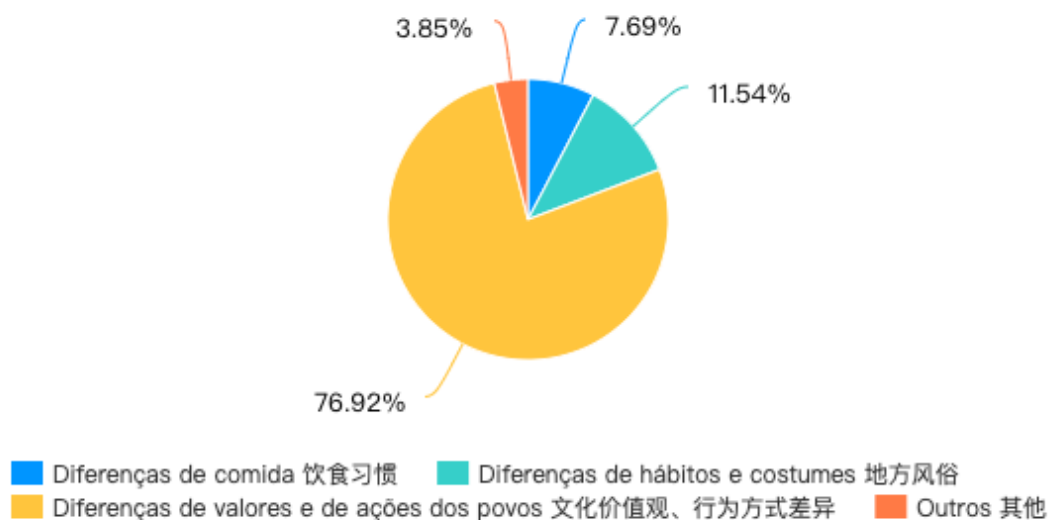
Gráfico 16. Com quem te relacionas mais?



Através da referência mútua e da integração das culturas de herança e de acolhimento, a comunidade de imigrantes bem como a dos seus descendentes interliga-se à realidade

socioeconómica e político-cultural em que se encontra (Grosso 2010, 71), o que contribui para a aculturação e a integração social dos imigrantes com menos dificuldades, bem como para a aprendizagem da língua de acolhimento. Esta pergunta visa conhecer o relacionamento social da geração 2.0 chinesa em Lisboa. Vinte e nove (55.77%) inquiridos relacionam-se mais com os amigos de vários grupos culturais, dezassete (32.69%) fazem amigos portugueses e seis (11.54%) relacionam-se com amigos chineses. As relações entre pares constituem uma parte decisiva no processo da aculturação, o resultado indica que mais de metade dos jovens se relaciona mais com amigos de vários grupos culturais, demonstrando a diversidade étnica de comunicação social da geração 2.0 e a integração cultural na aculturação dos imigrantes, também revela que a cidade de Lisboa tem uma internacionalidade elevada com alta tolerância de diferentes culturas, criando um ambiente social de convívio harmonioso entre as diversas etnias.

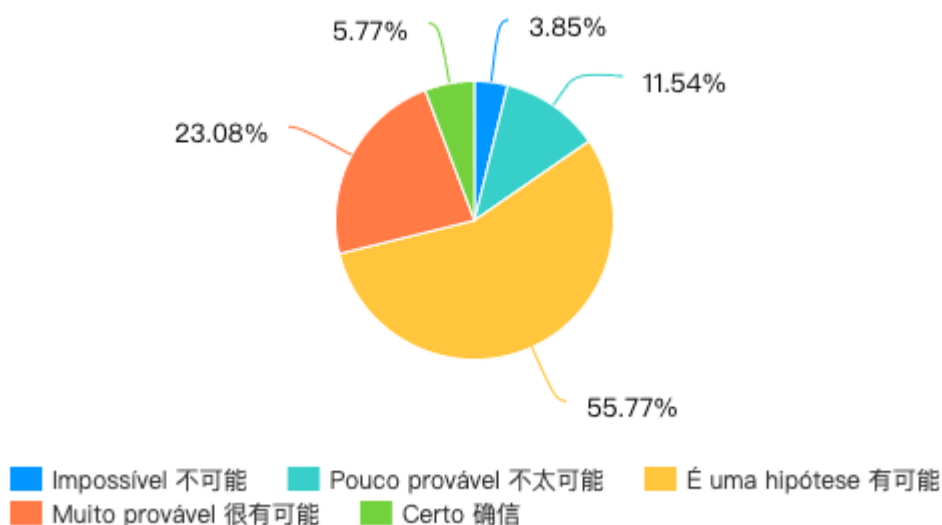
Gráfico 17. Em que aspetos tens mais dificuldade em te adaptares ao processo de integração cultural ?



Com o avançar do tempo, a identidade cultural tem vindo a ter diversas conceções, e a sua definição está sempre mudando nos processos de civilização. Hoje em dia, “a identidade cultural passa pela ideia mais recente do ‘sujeito sociológico’ que se forma nas relações com outras pessoas que mediam seus valores, sentidos e símbolos expressos em numa cultura” (Miranda 2000, 82). Os elementos sociológicos tais como hábitos e costumes, a gastronomia, os valores e ações da população local têm influências profundas na identificação cultural da geração 2.0 dos imigrantes chineses em Portugal.

O processo de adaptação cultural inicia-se com o nascimento, acompanha-nos no decorrer de toda a vida e ressurge a cada nova situação que vivenciamos (Reda e Ujiie, 2009). As dificuldades sentidas pelos imigrantes revelam possíveis queixas somáticas, quando as mudanças culturais são demasiado rápidas ou em situações em que existe uma elevada combinação de vários causadores de estresse (Tomazoni 2014). Pelo Gráfico 17, 76.92% dos inquiridos pensam que terão mais dificuldade na adaptação aos valores e às ações da população, 11.54% acham que é mais difícil adaptarem-se às diferenças de hábitos e costumes, quatro (7.69%) consideram que a adaptação à comida local será mais complicada, outros, dois (3.85%) responderam “outros fatores”: um inquirido acha que a língua é o impedimento principal no processo de aculturação, o outro pensa que não sente uma grande dificuldade na adaptação cultural no país de acolhimento.

Gráfico 18. Qual é a probabilidade de continuares a tua vida na China?



Esta pergunta visa conhecer a possibilidade do regresso para o país de origem no futuro dos adolescentes que nasceram e vivem em Portugal. 3.85% dos inquiridos pensam que preferem permanecer em Portugal para viver e trabalhar, seis (11.54%) acham que é pouco provável voltar para a sua terra de origem, 55.77% acham que é uma hipótese, três (5.77%) estão certos em relação o seu regresso para a China.

Para sumarizar, os resultados da primeira parte do questionário, relativa à língua e cultura de herança e à identidade cultural, demonstram que a maior parte dos jovens chineses, em Portugal, tem como origem as províncias costeiras do interior da China e frequentam escolas de língua veicular portuguesa. A motivação em relação à aprendizagem da língua e cultura chinesa é mais passiva, devendo-se ao incentivo dos seus pais. Em geral, os seus pais valorizam a educação da cultura chinesa e a manutenção da língua chinesa, com dois objetivos principais: preservar a cultura de origem e alargar as oportunidades de emprego dos filhos. Apesar de residir em Portugal, mais de uma metade dos jovens reconhecem a sua identidade cultural chinesa, mantendo uma alta frequência do uso do chinês no contexto familiar e um bom relacionamento com os amigos de diversas etnias na área de residência. Em relação à adaptabilidade cultural, o resultado indica que as diferenças de valores e ações são os aspetos que mais dificultam o processo de aculturação destes jovens imigrantes. Além disso, é possível determinar que o estudo da língua e cultura de herança e a frequência elevada do uso da língua chinesa têm influências positivas no reconhecimento da identidade cultural dos jovens da geração 2.0 em Portugal.

3.2 Mudanças comportamentais da geração 2.0 sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa

Nesta secção, serão analisados os comportamentos da geração 2.0 sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa, combinando os resultados das perguntas 11, 18, 21, 23, 24, 25, 26, 27 do questionário de pesquisa. Ao comparar as repostas dos inquiridos, tentou analisar-se as diferenças comportamentais entre o passado e o presente da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal, procurando entender as razões que originaram estas mudanças.

3.2.1 Pontualidade com que chega a uma refeição

O conceito sobre a hora a que se deve chegar à hora de uma refeição ou quando se é convidado a casa de alguém na cultura portuguesa é único e convencional (Silva 2012). Em contrapartida, na cultura chinesa, por norma, as pessoas chegam meia hora atrasadas à casa do anfitrião ou ao restaurante que já foi marcado.

Tabela 4. Em que nível concorda com a afirmação seguinte?

	Discordo Totalmente	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo Totalmente
“Respeito a hora em que combinei com a minha família para a refeição, portanto normalmente vou chegar ao local combinado com pontualidade.”	1(1.92%)	5(9.62%)	9(17.31%)	10(19.23%)	27(51.92%)

Para conhecer a pontualidade dos jovens da segunda geração em Portugal, recorreu-se à escala *Likert* para elaborar esta pergunta. Na Tabela 4, é possível observar que 51.92% dos inquiridos têm a certeza de que respeitam a hora e vão chegar ao local combinado com pontualidade, 19.23% concordam em parte com essa afirmação, 17.31% não concordam nem discordam, 9.62% não pensam que chegar pontualmente a uma refeição é assim tão importante na etiqueta à mesa da cultura chinesa, restando ainda um inquirido (1.92%) que não considera de todo importante esse aspeto. Segundo o resultado, uma grande parte dos participantes valoriza a pontualidade no relacionamento familiar e chega à hora marcada. Na sociedade chinesa, chegar mais tarde do que a hora combinada tem sido um fenómeno convencional, o que contrasta com o resultado do questionário, considero que essa mudança comportamental pode estar relacionada com dois fatores relativos às diferenças culturais entre a China e Portugal.

Primeiro, a China é uma sociedade que vem tipicamente de uma civilização que se baseava na produção agrícola. Naquela época remota, os agricultores chineses não conseguiam garantir a produção anual porque os cultivos tinham diferentes períodos de maturação, dependendo sobretudo das condições climáticas, por outro lado, o povo chinês carecia de apoio técnico para estimar a melhor época para a colheita (滌心 2018). Recorrendo à experiência profissional, quase todos os agricultores sabiam como fertilizar, semear, desmatar e irrigar a terra no tempo adequado e da forma exata, este tipo de costume na lavra foi naturalmente e gradualmente integrado no seu hábito quotidiano, portanto os chineses não consideravam que a pontualidade merecesse ser valorizada. No passado, a economia também

se baseava na agricultura. Hoje, baseia-se mais nos serviços e na indústria, as atividades industriais necessitam a precisão no processo de produção e fabricação em geral, o que faz com que prestem uma alta atenção à hora, especialmente para quem trabalha como comerciantes, operários e engenheiros. Como nasceram e vivem em Portugal, a segunda geração chinesa, habituada desde a sua infância ao estilo de uma civilização baseada na produção industrial, respeita mais a pontualidade e chega à hora marcada.

Em segundo lugar, com o desenvolvimento da civilização chinesa, o povo sentia constantemente uma restrição da liberdade de expressão nas suas mais variadas formas, criada por diversas regras de relacionamento interpessoal e normas morais, que vêm do confucionismo. Segundo Confúcio, o filósofo antigo mais importante na ideologia da educação da China, a bondade deve obedecer a regras, pois há que dominar o comportamento bom. É aí que aparece o *li* (禮), um conjunto de normas de cortesia a que o *junzi*⁷ deve obedecer para melhor interagir em sociedade (Gernet 2003, 7). O atraso, do ponto de vista de Confúcio, é considerado como um comportamento de desrespeito para com os outros na época antiga, mas hoje em dia tornou-se um fenómeno aceitável na sociedade. Uma explicação desta mudança refere que o atraso em chegar a uma refeição é um tipo de manifestação dos chineses modernos, para combater uma parte dos pensamentos do confucionismo que já não acompanha a atualidade. Obviamente, conforme o resultado do questionário, a maioria dos inquiridos respeita a pontualidade como um comportamento digno do indivíduo, o que coincide com a conceção do *li* (禮).

3.2.2 Preferência gastronómica e uso de talheres

No que diz respeito aos utensílios usados, os pauzinhos são os talheres que a maior parte dos orientais usam para comer, a utilização coordenada representa a ideologia da coesão da cultura chinesa. Na cultura chinesa, os pauzinhos são os únicos talheres que a população chinesa costuma usar, pelo que os pratos gastronómicos chineses constituem-se por pequenos pedaços de verduras e carnes, facilitando a ingestão dos mesmos com os pauzinhos. Na cultura portuguesa, as pessoas preferem usar facas, garfos e colheres como os talheres tradicionais na etiqueta à mesa ocidental.

⁷ “君子” em chinês, um termo filosófico chinês frequentemente traduzido como "cavalheiro" ou "pessoa gentil", as pessoas como junzi deviam ser modestos, trabalhadores, simpáticos e abertos às ideias novas e inspirais.

Uma cultura contém vários elementos que simboliza e caracteriza a sua articulação. As variáveis do idioma, o tipo de alimentação, as diferenças sociais, as políticas e religiões bem como os hábitos à volta da mesa das famílias eram referidas como um verdadeiro “choque cultural” (Tomazoni 2014). De entre os 52 inquiridos, 75% costumam comer pratos chineses em casa com a sua família, 9.62% comem normalmente pratos portugueses, 5.77% costumam comer pratos rápidos, sendo que 9.62% dos respondentes dizem que os pratos chineses e portugueses têm o mesmo peso nas refeições diárias com a família. Apesar de viver em Portugal, 75% dos inquiridos continuam a comer pratos chineses nas suas refeições principais, as diferenças de comida são um fator importante na integração cultural no país de acolhimento, sendo mais difícil eliminar esses hábitos ao longo da sua vida.

Quando questionados sobre o uso dos talheres, os inquiridos responderam que costumam usar 94.23% os pauzinhos, 69.23% colher, 71.15% faca e garfo, não havendo ninguém a comer com as mãos. Em comparação com as quatro escolhas disponíveis, o uso de pauzinhos é o preferido dos respondentes jovens. A amostra revelou uma convivência harmoniosa das culturas portuguesa e chinesa no contexto familiar dos imigrantes, preservando o costume da cultura chinesa no país de acolhimento, mas aceitando, ao mesmo tempo, o uso dos talheres ocidentais.

Gráfico 19. Que tipo de gastronomia costumam comer com os teus familiares e amigos próximos dentro e fora de casa?

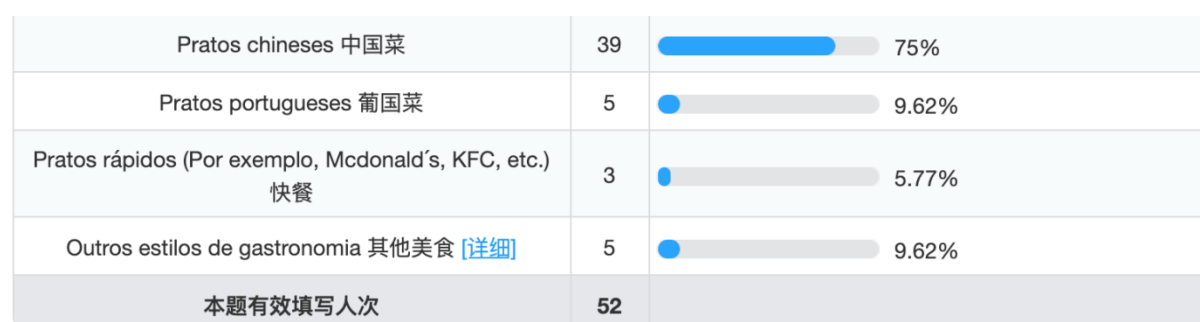
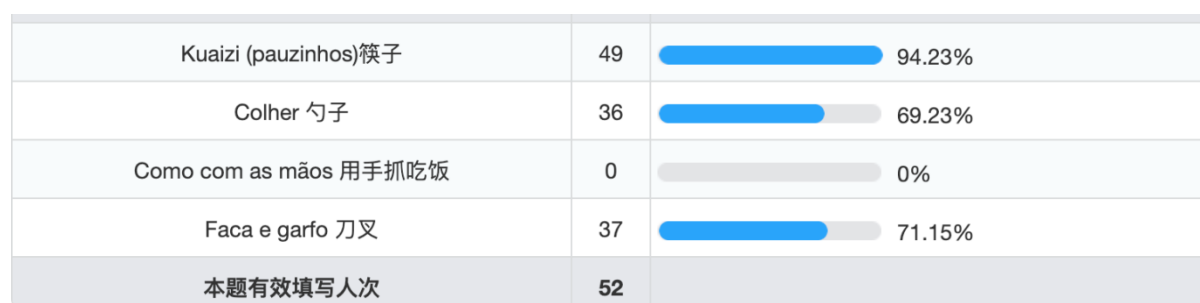


Gráfico 20. Que talheres costumam usar?



3.2.3 Análise das mudanças nos comportamentos relativos à mesa com a família dos imigrantes chineses da segunda geração em Portugal

Nesta parte, analisar-se-ão os comportamentos dos participantes no momento de tomar refeições com a sua família. Através dos resultados das perguntas 24, 25, 26, 27, tentarei explorar as mudanças comportamentais dos imigrantes jovens da geração 2.0, em Portugal, tendo por base o enquadramento teórico relativo às diferenças das culturas chinesa e portuguesa.

Existe uma diferença em relação à prioridade dada às senhoras e aos mais velhos na etiqueta à mesa das culturas chinesa e portuguesa. Na cultura chinesa, os senhores serão os últimos a sentar-se, esta ordem é igual ao começo da refeição, os mais velhos são os primeiros a se servir-se, porém, na cultura portuguesa os primeiros são as senhoras. De entre os inquiridos, 53.85% respeitam a regra de etiqueta de se sentar à mesa e 46.15% não valoriza muito esta norma (Gráfico 21). Em ambas as culturas, os familiares vão começar a refeição apenas quando todos estiverem presentes depois da distribuição dos lugares à mesa. Quase todos os inquiridos costumam começar a refeição apenas quando todos tiverem chegado, só um respondeu negativamente (Gráfico 22). É possível determinar que, tanto na cultura chinesa como na portuguesa, a maioria dos inquiridos interioriza o conceito de coletivismo, que é certamente demonstrado na etiqueta à mesa, no seu processo de aculturação social. No que diz respeito à ordem de se servir, na cultura chinesa, o mais velho ou mais importante é quem determina o início da refeição (cf. Tabela 1, Cap.I). Na filosofia do confucionismo, existe uma expressão idiomática, chamada “长幼有序 (Zhang You You Xü)”, esta palavra significa que “temos de respeitar os nossos anciãos”. Voltemos ao tempo antigo: o povo chinês tinha mais regras de cortesia que eram obrigados a cumprir, especialmente no contexto familiar. Em relação a uma família de três gerações, o avô ganha mais poder e respeito do que o pai e o filho, pelo que é a pessoa mais velha com a experiência de vida mais rica que representa o poder de fala e de disposição no sistema familiar (霍明宇 2015). Observa-se no Gráfico 23 que 1.15% vão esperar que os seus pais sejam os primeiros a servir-se numa refeição, 28.85% não prestam atenção a isso. Assim, conclui-se que, mesmo que os jovens já estejam em Portugal, vivem com uma forte responsabilidade no sentido de continuar e promover a sua cultura de herança, na medida em que, as ligações culturais sino-portuguesas estão cada vez mais estreitas e que potências crescentes como é o caso da China criam mais influências no mundo, “o rosto da cultura chinesa espalha-se em todos os países de acolhimento” (Li 2019:61).

Gráfico 21. Sentas-te num lugar que respeite as regras de etiqueta à mesa quando vais comer com a tua família num restaurante?

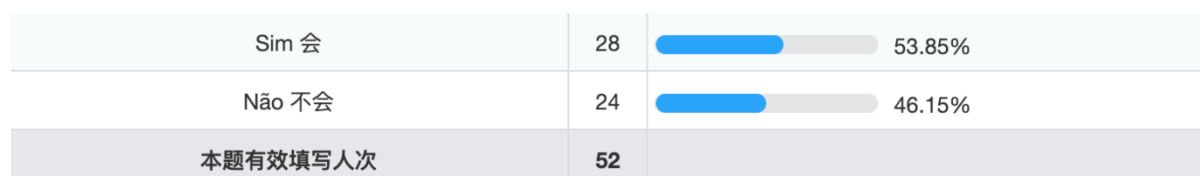


Gráfico 22. Normalmente, costumam começar a refeição só quando todos estão presentes?

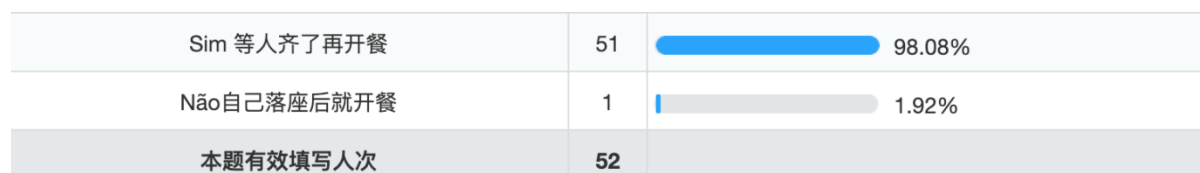
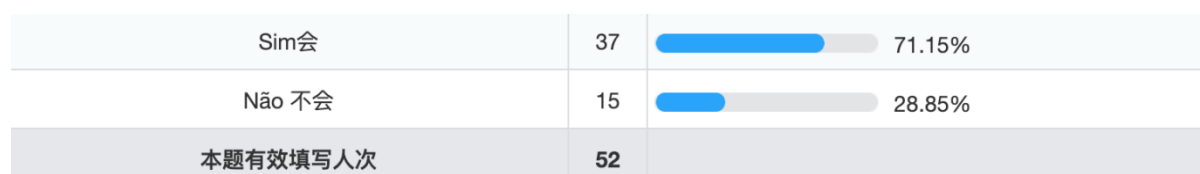


Gráfico 23. Em casa, vais esperar que os teus avós ou os teus pais sejam os primeiros a se servir?



Em suma, os resultados do inquérito indicam que a maioria dos imigrantes chineses da geração 2.0 em Portugal mantêm a preferência pela gastronomia chinesa quando come com a sua família, costumam utilizar os pauzinhos bem como faca e garfo, ou seja, através da referência mútua e da integração das culturas de herança e de acolhimento, a segunda geração de imigrantes chineses comporta-se como “biculturalista” no uso dos talheres em casa, combinando as culturas chinesa e portuguesa. Em relação às normas prescritas de cortesia à mesa na cultura chinesa, os imigrantes jovens comportam-se de maneira mais flexível, guardando as regras mais reconhecidas, por exemplo, começar a refeição quando todos estejam presentes e dar prioridade aos familiares mais velhos, porém, não valorizam muito a regra relativa aos lugares em que se devem sentar. É possível determinar que, no processo da aculturação social, a segunda geração de imigrantes chineses em Portugal não apenas define a

sua identidade cultural de forma mais determinada, mas também faz umas pequenas mudanças nos comportamentos que os diferenciam dos comportamentos convencionais nas normas tradicionais da cultura chinesa. Na minha opinião, estas mudanças são consideradas um dos principais resultados nos contactos da cultura chinesa e da portuguesa, através da convivência com os nativos e com os seus pais, a segunda geração de imigrantes chineses passa a ter um conhecimento bicultural e interioriza-o gradualmente nos hábitos e comportamentos com um estilo próprio.

3.3 Mudanças nas percepções que a geração 2.0 tem sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa

As atitudes e percepções da segunda geração chinesa sobre a etiqueta à mesa influenciam decisivamente os seus comportamentos e reações quando toma refeições com os familiares. Na última secção, discutimos as mudanças dos comportamentos quando a geração de imigrantes chineses em Portugal toma refeições com a sua família. Nesta parte, focalizar-nos-emos na análise das percepções que a mesma tem sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa, recorrendo aos dados do questionário e das referências teóricas dos capítulos prévios, tentando explorar qual a atitude em geral dos jovens imigrantes chineses a respeito da etiqueta à mesa e porque as suas ideias não correspondem por completo às concepções dos rituais tradicionais da cultura chinesa.

3.3.1 Nível do conhecimento da etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa

Antes de analisar as ideias principais que a geração 2.0 de imigrantes chineses tem, é preciso definir até que ponto esta conhece as regras de etiqueta à mesa da cultura chinesa, tendo em conta que esta geração jovem tem vivido em Portugal e não se encontra num contexto de imersão total na cultura chinesa; saber o seu nível de conhecimento sobre a etiqueta à mesa contribuirá para um melhor entendimento das ideias do objeto de pesquisa e também para uma reflexão sobre o grau de aculturação da primeira e da segunda geração, em contexto familiar.

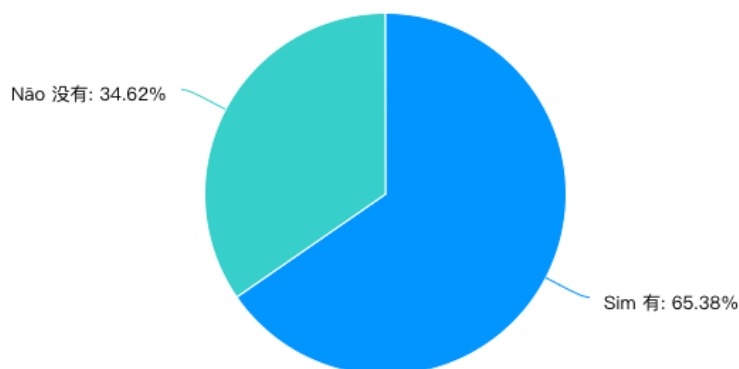
No que diz respeito à autoavaliação do nível do conhecimento sobre a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa, que se divide em cinco graus de classificação, um inquirido (1.92%) respondeu que desconhecia por completo essas regras, 40.38% conhecem pouco, 36.54% têm alguns conhecimentos, 9.62% conhecem-nas bem e 11.54% conhecem muito bem (Gráfico 24). Na sua vida quotidiana, 65.38% participantes estão atentos e procuram aprender

as regras de etiqueta à mesa com a família, 34.62% não se apercebem obviamente da existência destas regras quando tomam refeições com os próximos (Gráfico 25).

Gráfico 24. Em que nível conheces a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa?

Não conheço nada 一点都不了解	1		1.92%
Conheço pouco 很少了解	21		40.38%
Conheço um pouco 了解一点	19		36.54%
Conheço bem 比较了解	5		9.62%
Conheço muito bem 非常了解	6		11.54%
本题有效填写人次	52		

Gráfico 25. Estás atento e procuras aprender regras de etiqueta à mesa na tua vida quotidiana?



De acordo com os resultados do estudo sobre o reconhecimento da identidade cultural da segunda geração dos imigrantes chineses, afirmamos que a maioria reconhece a sua cultura de herança e mostra emocionalmente um desejo de aprendizagem da língua e da cultura chinesa. A etiqueta à mesa é parte indivisível de uma cultura civilizada, o gráfico 25 demonstra que o número de inquiridos que prestam atenção à etiqueta à mesa é relativamente elevado, no entanto, o gráfico 24 indica-nos que a maioria da geração 2.0 tem um nível mais baixo de conhecimento da etiqueta à mesa na cultura de origem. É possível assim determinar que a estratégia de educação da etiqueta à mesa na cultura chinesa na segunda geração de imigrantes chineses está dissociada, ou seja, a atitude positiva sobre a cultura chinesa dos imigrantes jovens não resulta num conhecimento elevado sobre a sua cultura de herança. Na minha opinião, este fenómeno acontece devido a dois fatores.

O primeiro tem a ver com a atmosfera familiar, a forma de a geração 2.0 se relacionar com os seus pais determina em grande parte o seu modo de relacionamento com a sociedade de acolhimento. A educação cultural pode desempenhar um papel fundamental na interação com familiares de várias formas, tais como a escolha de tópicos para a discussão na entremesa, comportamentos durante a refeição, o ambiente familiar, entre outros fatores objetivos que influenciam as competências de aculturação e capacidades de socialização da geração 2.0 no país de acolhimento (S. Blum-Kulka 1997). A realidade atual indica que, a maioria dos pais da segunda geração trabalha como vendedores numa loja ou tem uma profissão que ocupa grande parte da sua vida (Gráfico 11); a falta de tempo para acompanhar a família poderá reduzir as possibilidades de os descendentes poderem aprender em contexto real as regras de etiqueta à mesa. Segundo o Gráfico 26, 63.46% dos inquiridos preferem aprender as regras de etiqueta à mesa através da orientação familiar, 17.31% gostam de as conhecer através da internet, 13.46% preferem aprendê-las pela televisão e 5.77% querem recorrer a livros e revistas para as aprender. O resultado do questionário mostra que o papel da supervisão pedagógica por parte da família é um meio fundamental e efetivo para o conhecimento multidimensional da cultura chinesa, o que contribui para estreitar a distância entre gerações e para que os pais cumpram as suas responsabilidades educativas, servindo de modelo próximo para os seus filhos.

Gráfico 26. Através de que meios preferes conhecer a etiqueta à mesa da cultura chinesa?

选项	小计	比例
televisão 电视节目	7	13.46%
Internet 网络	9	17.31%
Livros e revistas 书籍杂志	3	5.77%
Orientação familiar 父母家庭	33	63.46%
Outro: 其他 [详细]	0	0%

Em segundo lugar, a educação escolar por parte do Centro de Línguas e Culturas “Shumin” será um outro fator que resulta na insuficiência do conhecimento das regras de etiqueta à mesa na cultura chinesa. Revemos as disciplinas disponíveis na atualidade, que também foram referidas no Capítulo II, para além dos cursos de língua chinesa, são oferecidos outros cursos especializados aos alunos adolescentes. Pelas Tabelas 5, 6, 7 e 8, onde consta o horário das aulas no Centro de Línguas e Culturas “Shumin” entre 18 de dezembro e 30 de dezembro de 2019, percebemos que o programa das disciplinas para duas semanas é bastante

diversificado, podem-se ver no quadro as aulas coloridas, incluindo a língua chinesa, a dança clássica chinesa, a música tradicional chinesa, a arte estética de caligrafia, o desenho de ilustrações e outras aulas que se destinam a motivar os alunos para a aprendizagem da língua e cultura chinesa. Porém, em tantas aulas disponibilizadas, a etiqueta à mesa não foi abordada enquanto conteúdo principal de ensino. A segunda geração dos imigrantes chineses passa grande parte dos seus dias úteis na escola portuguesa, disponibilizar uma aula extracurricular de etiqueta à mesa no Centro “Shumin” contribuiria para que os jovens alunos aproveitassem para adquirir um conhecimento mais profundo sobre a cultura chinesa, através de simulações de um ambiente familiar na aula, complementando a falta do acompanhamento dos pais em casa.

Tabela 5. Horário das aulas no Centro de Línguas e Culturas “Shumin” (18 de dezembro-20 de dezembro de 2019).

Tabela 6. Horário das aulas no Centro de Línguas e Culturas “Shumin” (21 de dezembro-23 de dezembro de 2019).

Tabela 7. Horário das aulas no Centro de Línguas e Culturas “Shumin” (25 de dezembro-27 de dezembro de 2019).

Tabela 8. Horário das aulas no Centro de Línguas e Culturas “Shumin” (28 de dezembro-30 de dezembro de 2019).

3.3.2 Atitudes e percepções da geração 2.0 de imigrantes sobre a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa

A geração 2.0 tem uma visão completamente nova do processo de aprendizagem, estando sempre pronta para aprender e dar um *feedback* muito reflexivo (Figueiredo 2012).

Conforme a classificação de Elinor e Merav sobre a geração 2.0 de imigrantes no país de acolhimento, esta está associada a figuras diferentes, cujo papel comunicativo leva em consideração os diferentes aspetos de socialização (Elinor e Merav 2006). Ao longo de contactos profundos com duas culturas distintas no contexto social e familiar, a identidade cultural da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal está sempre a mudar, alterando naturalmente a sua atitude em relação às normas e regras sociais e aos costumes e hábitos consistentes na cultura de herança, portanto, é importante conhecer as atitudes e perceções pessoais da geração 2.0 dos imigrantes sobre a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa. Foram elaboradas perguntas que têm dois objetivos principais: explorar a importância da existência da etiqueta à mesa no processo da sua adaptação cultural e as possíveis mudanças de etiqueta à mesa na cultura chinesa na opinião da segunda geração.

Gráfico 27. Achas necessário aprender a etiqueta à mesa da cultura chinesa?

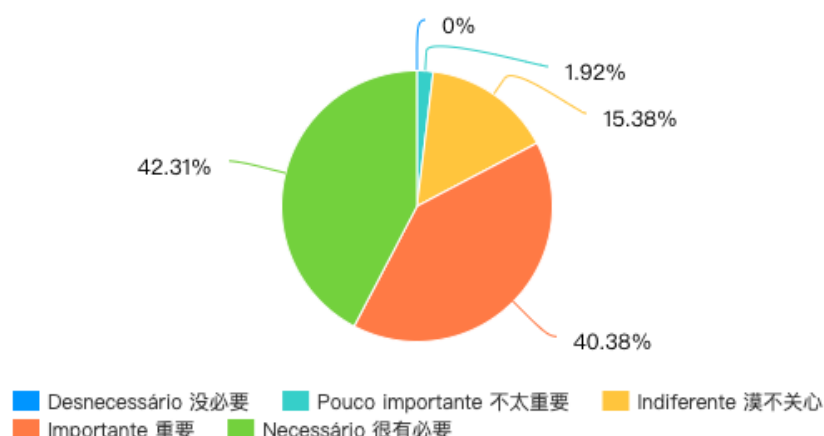


Gráfico 28. Comparando o passado e o presente em relação à etiqueta à mesa com a família, achas que existem algumas mudanças pontuais?

选项 #	小计 #	比例
A etiqueta à mesa do passado era mais complexa e complicada; hoje, há maior descontração e flexibilidade. 过去更中规中矩, 现在更随意	31	59.62%
A etiqueta à mesa nos dias de hoje é mais diversificada e integra-se na cultura de outros países. 现在融入了更多其他国家的文化	13	25%
Não existem grandes mudanças em geral. 基本上没多大变化	5	9.62%
Não sei. 不知道	3	5.77%
本题有效填写人次	52	

No Gráfico 27, percebemos que na opinião de 42.31% dos inquiridos, a aprendizagem da etiqueta à mesa é necessária, 40.38% acham isso importante, 15.38% têm uma atitude indiferente, sendo que apenas 1.92% considera a etiqueta à mesa pouco importante para um melhor conhecimento da cultura chinesa. Pode dizer-se que a esmagadora maioria dos participantes nesta pesquisa respeita a etiqueta à mesa da sua cultura de herança e confirma a perspectiva positiva no que diz respeito à sua aprendizagem. O Gráfico 28 regista a determinação da atitude dos indivíduos jovens sobre a mudança da etiqueta à mesa existente no passado e no presente. Podemos concluir que mais de uma metade dos inquiridos acha que a etiqueta à mesa do passado era mais complexa e complicada, hoje, há maior descontração e flexibilidade (59.62%), 25% pensam que a etiqueta à mesa nos dias de hoje é mais diversificada,

integrando-se na cultura de outros países. Contudo, 9.62% não sentem uma grande mudança em geral e 5.77% ainda não têm uma ideia clara em relação a esta questão.

3.4 Importância da sociabilidade da etiqueta à mesa da cultura chinesa na comunidade chinesa da geração 2.0 em Portugal

Tendo em conta a análise dos resultados da pesquisa, a segunda geração de imigrantes chineses em Portugal tem uma competência elevada na definição da sua identidade cultural, a maior parte reconhece determinadamente a sua identidade cultural chinesa, também se conseguem adaptar no processo da aculturação social, procurando um equilíbrio entre o ambiente de fora (quando andam na escola), relacionando-se com amigos e com a sociedade de acolhimento e o contexto interno (quando ficam em casa ou acompanham os seus familiares). Como a maioria nasceu e vive em Portugal, o seu nível de português considera-se superior ao do chinês, porém, em relação à frequência do uso de ambas as línguas, o resultado indica que a segunda geração usa ativamente o chinês no contexto familiar e fala mais português fora de casa. No que diz respeito aos seus comportamentos e percepções sobre a etiqueta à mesa na cultura chinesa, os jovens não rejeitam a sua existência e respeitam geralmente algumas regras de etiqueta à mesa quando tomam refeições com a sua família. Apesar de demonstrar uma atitude positiva quanto à aprendizagem da etiqueta à mesa da cultura chinesa, os factos revelam, em geral, uma insuficiência no conhecimento a este respeito.

Os aspetos tradicionais da cultura, como as festas, as danças e a gastronomia, contêm significados simbólicos e referem-se ao comportamento, ao pensamento e à expressão dos sentimentos de diferentes grupos culturais bem como dos seus descendentes (Schlüter 2006, 10). A etiqueta à mesa está a ser reconhecida cada vez mais como uma componente cultural valiosa do património intangível para a comunidade chinesa nos países de acolhimento, através da qual a segunda geração pode encontrar emocionalmente as suas raízes culturais, assim como um sentimento de pertença ao seu país de origem. O intenso movimento migratório dos últimos tempos, a demanda por os aspetos tradicionais da cultura de herança, tal como a etiqueta à mesa, contribui para a aquisição de antigas tradições que poderiam desaparecer devido às padronizações que vieram com a globalização (Zanchi 2019, 7), o que implicou uma necessidade da sua revalorização, tendo em vista que os atos e atitudes à mesa com a família cristalizam não apenas o estado emocional dos imigrantes chineses, mas também a identidade cultural dos mesmos. Neste sentido, através dessa forma da expressão da cultura de origem, a geração 2.0 estreita as relações íntimas entre si e os seus familiares, assim, por meio da etiqueta

à mesa, as relações interpessoais e as identidades culturais dos imigrantes jovens são atualizadas, revelando a significação funcional da sua sociabilidade.

A meu ver, a sociabilidade da etiqueta à mesa também tem origem no contexto familiar, pelo que “o ambiente familiar e o contexto ambiental e comunitário condicionam o desenvolvimento e a qualidade das aprendizagens da cultura de herança nos aspetos mais informais dos processos de socialização das crianças que nasceram no país recetor” (Silva e Felgueiras 2009, 1655). A relação entre os filhos e os pais estabelece-se geralmente em torno de mesa, através de comunicações orais e comportamentos dos seus pais, a segunda geração acaba por conhecer e assimilar expressões verbais e comportamentais próprias desse ambiente familiar, costuma dizer-se que os pais são os principais modelos para os filhos. Os resultados do meu estudo concluíram que a maioria dos pais da geração 2.0 importa-se com a educação da língua e cultura chinesa dos seus filhos, contudo presta uma menor atenção à aprendizagem da etiqueta à mesa em comparação com outros aspetos da cultura chinesa. Por outro lado, os pais têm um tempo reduzido para acompanhar e educar as suas crianças por causa das suas ocupações profissionais, fazendo-lhes perder uma oportunidade preciosa de formar a capacidade de sociabilização da segunda geração por meio das relações familiares. “A cultura é o valor e a prática compartilhada por um grupo específico de pessoas numa sociedade particular, sendo que esta é herdada e passada de geração em geração” (Zheng 2019, 60), portanto, é importante que os pais tenham a responsabilidade de ensinar os seus filhos a cultura de herança, tal como a etiqueta à mesa, de modo a reforçar a sua sociabilidade e ajudá-los a determinar a sua identidade cultural, num contexto em que coexistem duas culturas dominantes.

Conclusão

O presente trabalho pretende analisar as razões pelas quais os adolescentes chineses, em Portugal, não conhecem muito bem a cultura chinesa, não apenas com o intuito de refletir sobre a importância da etiqueta à mesa do agregado familiar na cultura chinesa, mas também ver até que ponto isso se reflete nos comportamentos da segunda geração da comunidade chinesa em Portugal. Outro objetivo deste trabalho de pesquisa é levar a cabo uma análise reflexiva sobre os resultados do questionário relativos ao tema supracitado, de forma a comprovar os pressupostos teóricos apresentados nos primeiros capítulos e explorar os fatores relevantes em função do tópico em discussão.

De acordo com os resultados da pesquisa, a maioria da geração 2.0 dos imigrantes chineses em Portugal reconhece a sua identidade cultural chinesa. Quanto aos comportamentos dos jovens imigrantes, a segunda geração mantém a sua preferência pela gastronomia chinesa quando come com a sua família e costuma utilizar os pauzinhos bem como faca e garfo, comportando-se de maneira mais descontraída, guardando as regras mais reconhecidas e abandonando as normas complicadas que não acompanham a atualidade. Em relação às mudanças nas suas perceções, a esmagadora maioria dos jovens respeita a etiqueta à mesa da sua cultura de herança e confirma a atitude positiva no que diz respeito à sua aprendizagem, contudo os seus conhecimentos são limitados. A maioria pensa que a etiqueta à mesa na cultura tradicional chinesa era mais complexa; hoje, há maior descontração e flexibilidade.

Na minha perspetiva, há dois fatores que poderiam explicar a falta do conhecimento relativo à etiqueta à mesa da geração 2.0 chinesa. A primeira razão tem a ver com o ambiente familiar, a maioria dos pais da segunda geração trabalha como vendedores numa loja ou tem uma profissão que ocupa grande parte da sua vida; a falta do tempo para acompanhar a família acarreta a ausência no contexto familiar, no qual a segunda geração poderia aprender efetivamente a etiqueta à mesa sob orientações dos seus pais. A outra razão está relacionada com a educação escolar na escola chinesa em que os jovens vão estudar a língua e cultura chinesa. Como pudemos apurar, a formação oferecida não contempla a etiqueta à mesa, o que fará com que a segunda geração tenha um conhecimento deficitário em relação a esta matéria.

Tendo em vista a particularidade da geração 2.0 de imigrantes chineses em Portugal, que tem sido influenciada pelas culturas chinesa e portuguesa desde o seu nascimento, quer no contexto familiar, quer no ambiente social, é importante educar estes jovens chineses de forma a elevar a sua competência de sociabilidade no seu processo de aculturação, isto porque, “o processo de transmissão cultural integra a socialização e define-se como educativo, as reações

perante ‘outras’ culturas traduzem-se na necessidade de reivindicação de uma identidade cultural por parte dos imigrantes chineses jovens, manifestadas através de interações sociais e relacionamentos interpessoais” (Silva e Felgueiras 2009, 1656). Na minha opinião, a educação familiar é tão necessária como a escolar para formar a sociabilidade da segunda geração, no saber agir comunicativo dos indivíduos, voltado para a compreensão dos fenómenos e dos factos sociais quotidianos e estruturado por convicções práticas elaboradas a partir de experiências anteriores onde se integram tradições culturais e as condições histórico-sociais de determinado tempo e lugar (*ibid*, 1656).

Em relação às limitações do presente trabalho, o desenho do inquérito podia ter sido feito de forma mais específica, por exemplo, poder-se-iam ter possibilitado mais opções nas perguntas relacionadas com os comportamentos à mesa e deixar mais espaço para os inquiridos responderem com opiniões próprias, utilizando palavras suas. Para além disso, a variedade do uso dos métodos no desenho do inquérito da pesquisa não se deveria limitar apenas à escala *Likert*, de modo a garantir que as amostras cubram todas as possibilidades de respostas dos participantes. Em investigações futuras, a dimensão dos objetos de pesquisa deveria ser alargada a todas as escolas chinesas registadas em Portugal, onde a segunda geração de imigrantes chineses aprende a língua e cultura chinesa, para uma melhor confiabilidade e veracidade dos resultados do questionário.

Em suma, o presente trabalho pretende contribuir para a investigação das mudanças comportamentais e percecionais da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal em relação à etiqueta à mesa na cultura chinesa, através das quais se tentou analisar os fatores inerentes aos resultados de pesquisa e salientar a importância da aprendizagem da etiqueta à mesa no contexto familiar, por forma a melhorar a formação de uma identidade cultural própria da segunda geração de imigrantes chineses.

Bibliografia

- Steering Committee for the Test Of Proficiency-Hu. 2017. *Steering Committee for the Test Of Proficiency-Huayu (SC-TOP)*. Maio. Acedido em 10 de Fevereiro de 2020.
<https://www.sc-top.org.tw/chinese/LS/test4.php>.
- 涤心. 2018. *每日头条*. 2 de abril. Acedido em 22 de maio de 2020.
<https://kknews.cc/news/ymeoerk.html>.
- 问卷星. 2019. *问卷星*. Acedido em 13 de março de 2020. <https://baike.baidu.com/item/问卷星>.
- 钱乃荣. 1992. *Dialeto wenzhou*. Acedido em Março de 2020.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto_wenzhou.
- 霍明宇. 2015. ““长幼有序”论.” *原道* 28. Acedido em 25 de maio de 2020.
<https://www.rujiazg.com/article/7427>.
- AFS. 2011. “Dimensões Culturais de Hofstede.” *Programa intercultural do AFS*. Acedido em 1 de Dezembro de 2019. <https://s3.amazonaws.com/woca-s3/telligent.evolution.components.attachments/13/1637/00/00/00/00/74/78/Dimensoes+Culturais+de+Hofstede...para+amigos+do+AFS.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJC2S635RRRB3EOPQ&Expires=1576891970&Signature=UrbFkt13QT3V2v3HqIjqMe4f2qM%3d>.
- Aiken, L. 1996. *Rating scales and checklists: Evaluating behavior, personality, and attitudes*. New York: John Wiley.
- Anabela, Delgado, e Paulino Paula. 2012. “A população de nacionalidade chinesa a residir em Portugal: uma caracterização com base nos Censos 2011.” *Instituto Nacional de Estatísticas de Portugal*. INE, Gabinete dos Censos 2021. Acedido em 20 de Dezembro de 2019.
https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=226372760&att_display=n&att_download=y.
- Babbie, Earl R. 2012. *The practice of social research*. Belmont: Wadsworth Publishing.

- Berry, John W. 1997. "Immigration, acculturation, and adaptation." *Applied psychology* 46 (1): 5-34.
- Berry, John W, Jean S Phinney, David L Sam, and Paul Vedder. 2006. "Immigrant youth: Acculturation, identity, and adaptation." *Applied psychology: An International Review* 55 (3): 303-332.
- Birman, D. & Trickett, E. 2002. "Acculturation and Adaptation of Soviet Jewish Refugees Adolescents: Predictors of Adjustment Across Life Domains." *American Journal of Community Psychology* 30 (5): 585-667.
- Blum-Kulka, S. 1997. *Dinner-Talk: Cultural patterns of sociability and socialization in family discourse*. Mahwah, NJ, London: Lawrence Erlbaum.
- Blum-Kulka, S. 1994. "The dynamics of family dinner-talk: Cultural contexts for children's passages to adult discourse." *Research on Language and Social Interaction* (Lawrence Erlbaum Associates) 27 (1): 1-50.
- Blum-Kulka, S. 1990. "You don't touch lettuce with your fingers: Parental politeness in family discourse." *Journal of Pragmatics* (Elsevier B.V) 14 (2): 259-287.
- Blum-Kulka, S., and C. E Snow. 2002. *Talking to adults*. NJ, London: Lawrence Erlbaum.
- Butler, Y. G., e K. Hakuta. 2004. "Bilingualism and Second language Acquisition." Em *The Handbook of Bilingualism*, de T.K. BHATIA e W.C. RITCHIE, 114. Blackwell Publishing.
- Castles, Stephen. 2005. *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: Dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.
- Clément, Richard, Kimberly Noels, e Bernard Deneault. 2001. "Interethnic contact, identity, and psychological adjustment: The mediating and moderating roles of communication." *Journal of Social Issues* 57 (3): 559-577.
- Dörnyei, Zoltán, and Tatsuya Taguchi. 2010. *Questionnaires in Second Language Research: construction, administration and processing*. New York and London: Routledge.
- Dias, Ricardo Brilhante. 2011. *Processos de aculturação e auto-determinação de reguados em Portugal*. Monografia de licenciatura, Lisboa: Portal Dos Psicólogos .
- Ding, Ning. 2012. "A comunidade chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração." Acedido em 2 de Setembro de 2019. <http://hdl.handle.net/1822/24071>.
- Direção-geral da educação. 2018. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. 6 de Julho. Acedido em 10 de Fevereiro de 2020.

- Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino, Avaliação.
- Eagleton, Terry. 2003. *A ideia de cultura*. Mafra: Núcleo Empresarial de Mafra.
- Elinor, Ochs, e Shohet Merav. 2006. "The cultural structuring of mealtime socialization." *New Directions for Child and Adolescent Development*, 13 de Março: 35-49.
- Eugene, Cooper. 1986. "Chinese Table Manners: You Are How You Eat." *Human Organization* (Society for Applied Anthropology) 45 (2): 179-184.
- Fei, Xiaotong. 2015. *中国文化的重建*. Shanghai: East China Normal University Press.
- Felix-Ortiz, Maria, Michael D. Newcomb, and Hector Myers. 1994. "A multidimensional measure of cultural identity for Latino and Latina adolescents." *Hispanic Journal of Behavioral Sciences* 16 (2): 99-115.
- Fernandes, João, Manuel Correia, e Rui Mendes. 2011. "Guia Prático para a elaboração de inquéritos por questionário." *Suporte à Elaboração de Inquéritos*. Julho. Acedido em 17 de fevereiro de 2020. <https://aepq.tecnico.ulisboa.pt/inqueritos/sei-suporte-a-elaboracao-de-inqueritos/>.
- Figueiredo, A. D. 2012. "A Geração 2.0 e os Novos Saberes." *Sensos* (Conselho Nacional de Educação) 79-91.
- Flores, Cristina, e Silvia Melo-Pfeifer. 2014. "'O conceito' Língua de Herança" na perspetiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha." *Domínios da Linguagem* 28 (3): 16-45.
- Fonseca, Jaime Raúl Seixas. 2008. "Os Métodos Quantitativos na Sociologia: Dificuldades de Uma Metodologia de Investigação." *VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: Mundos Sociais*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Gardner, Robert C. 1985. *Social psychology and second language learning: The role of attitudes and motivation*. London: Edward Arnold.
- Gardner, Robert C. 2014. "Attitudes and motivation in second language learning." In *Bilingualism, multiculturalism, and second language learning*, by Robert C. Gardner and Wallace E. Lambert, 63-84. Psychology Press.
- Garrett, Paul B., e Patricia Baquedano-López. 2002. "Language Socialization: Reproduction and Continuity, Transformation and Change." *Annual Review of Anthropology*, Outubro: 339-361.

- Gaspar, Sofia. 2015. "A comunidade chinesa em Portugal: percursos migratórios, contextos familiares e mercado de trabalho." *CIES e-Working Papers*. Acedido em 22 de Novembro de 2019. http://biblioteca.clacso.edu.ar/Portugal/cies-iul/20161228024121/pdf_1376.pdf.
- Gernet, Jacques. 2003. "Os Princípios Confucionistas Da Ideologia Chinesa Actual ." *Observatório da China*. julho. Acedido em 24 de maio de 2020. <https://www.observatoriodachina.org/images/papers/j.pdf>.
- Giuseppe, Iarossi. 2011. *O poder da concepção em inquéritos por questionário*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- google. n.d. *Formulário do Google*. Accessed fevereiro 2020. <https://docs.google.com/forms/u/0/>.
- Grassi, Marzia. 2006. "Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais." *Análise Social* 178: 272-277.
- Grosso, Maria José dos Reis. 2010. *Língua de acolhimento, língua de integração*. thesis académico, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Guerra, Rita, Ricardo B. Rodrigues, Margarida Carmona, João Barreiros, Cecília Aguiar, Joana Alexandre, and Rui Costa-Lopes. 2019. *Inclusão e Desempenho Académico de Crianças e Jovens Imigrantes: O Papel das Dinâmicas de Aculturação*. Vol. 64. Lisboa: ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES, I.P. (ACM, I.P.).
- Guerra, Rita, Rodrigues, and Ricardo Borges. 2019. "Inclusão e desempenho académico de crianças e jovens imigrantes: o papel das dinâmicas de aculturação." *da Coleção Estudos do Observatório das Migrações*, Julho: 14-33.
- Hager, Michael. 2011. *Culture, psychology, and language Learning*. Oxford: Peter Lang.
- Hall, Sturt. 2014. "Cultural identity and diaspora." *Diaspora and visual culture*, 35-47.
- Haugen, E. 1953. *The Norwegian Language in America*. University of Pensilvania Press.
- He, Agnes Weiyun. 2010. "The heart of heritage: Sociocultural dimensions of heritage language learning." *Annual Review of Applied Linguistics* 30: 1-17,66-82.
- He, Agnes Weiyun, e Xiao Yun. 2008. *Chinese as a heritage language: fostering rooted world citizenry*. Vol. 2. Honolulu: Natl Foreign Lg Resource Ctr.
- Hofstede, Geert. 2019. *Compare countries - Hofstede Insights*. Accessed Novembro 2, 2019. <https://www.hofstede-insights.com/product/compare-countries/>.
- Hofstede, Geert, Gert Jan Hofstede, and Michael Minkov. 2010. *Cultures and organizations: software of the mind: intercultural cooperation and its importance for survival*. New York: McGraw-Hill.

- Huang, Hong. 2010. "China's "Moral Sandstorms" and "National Character Problem" by Yi Zhongtian." *European Tribune*. 23 de Fevereiro. Acedido em 20 de Dezembro de 2019. <https://www.eurotrib.com/story/2010/2/18/141051/386>.
- Hwang, Kwang-kuo. 1987. "Face and favor: The Chinese power game." *American journal of Sociology* 92 (4): 944-974.
- Istituti Confucio in Italia. 2007. *Istituti Confucio in Italia*. Acedido em 10 de Fevereiro de 2020. <http://www.istitutoconfucio.it/italia/esame-hsk/>.
- Kang, Hana. 2004. "Heritage Language Maintenance, acculturation, and identity: Chinese and Korean 1.5 generation immigrants in New Jersey." Thesis, East Asian Languages and Literatures, The Ohio State University, Columbus, 29-41.
- Laurie, Bauer. 2007. *The Linguistics Student's Handbook*. Acedido em Março de 2020. https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_hac%C3%A1.
- Li, Danhui. 2019. "A identidade cultural da geração 1.5 dos imigrantes chineses em Lisboa." 27 de fevereiro. Acedido em setembro de 17. <http://hdl.handle.net/10451/37639>.
- Li, Xianjin, and Martin Cortazzi. 2011. *Researching Chinese Learners- Skills, Perceptions and Intercultural Adaptations*. London: Palgrave Macmillan.
- Luo, Shixia. 2012. "浅谈中西餐桌礼仪文化的差异." *Arquivos de Baidu*. Acedido em 28 de Novembro de 2019. <https://wenku.baidu.com/view/f84fd688a0116c175f0e489f.html?sxts=1572496317605>.
- Malcolm, Lewthwaite. 1996. "A study of internacional student's perspectives on cross-cultural adaptation." *Internacional Journal for the Advancement of Counselling* (Internacional Pacific College) 19 (2): 167-185.
- Mandim, David. 2018. "Eles já não são apenas chineses. Sentem-se portugueses e adoram." 2 de Dezembro. Acedido em 10 de Outubro de 2019. <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-dez-2018/eles-ja-nao-sao-apenas-chineses-sentem-se-portugueses-e-adoram-10264721.html>.
- Manya, Koetse. 2019. "Think hotpot "laços culture"? Think again." *Hot Pot News, Hotpot Ambassador*. 4 de Janeiro. Acedido em 20 de Dezembro de 2019. <https://www.hotpotambassador.com/hotpotambassador/think-hotpot-lacks-culture-think-again/>.

- Mapril, J. 2001. "Os chineses no Martim Moniz: oportunidades e redes sociais." *Socinova Working Papers* 19.
- Marote, Christine. 2014. "Etiqueta à mesa. Na China também têm!" 12 de Fevereiro .
Acedido em 11 de Novembro de 2019.
<https://chinanaminhvida.com/2014/02/12/etiqueta-a-mesa-na-china-tambem-tem/>.
- Marques, Rui. 2005. "Imigração em Portugal: uma visão humanista." Acedido em fevereiro de 2020. http://ww3.scml.pt/media/revista/ver_14/Imigra%C3%A7ao.pdf.
- Martins, Ângela Maria. 2009. *Reformas recentes da educação em Portugal: uma discussão de contexto*. Lisboa, 157-166 de janeiro.
- Minkov, Michael. 2010. *Cultures and Organizations, Software of the Mind* .
<https://www.hofstede-insights.com/product/compare-countries/>.
- Miranda, Antonio. 2000. "Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos." *Ciência da Informação* 29 (2): 78-88.
- Ochs, Elinor, and Merav Shohet. 2006. "The cultural structuring of mealtime socialization." *New Directions for Child and Adolescent Development*, 36-40.
- Pires, Manuel Duarte João. 2019. "Gaokao: far more than an exam." *Revista Diadorim* 168-185.
- Redfield, Robert, Ralph Linton, and Melville J. Herskovits. 1936. "A Memorandum for the Study of Acculturation." *American Anthropologist* 38 (1): 146-152.
- Reis, Oliveira Catarina, and Natália Gomes. 2019. *Estatísticas de Bolso da Imigração*. Lisboa: Observatório das Migrações, ACM I.P., 76.
https://books.google.com/books?id=OPmiDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.
- Reitz, Lydia. 2014. "Cultural Identity and Heritage Language Learners." 25 de April.
Acedido em 2 de Outubro de 2019. <https://ir.library.illinoisstate.edu/etd/182>.
- Richard, Clément, A. Noels Kimberly, and Deneault Bernard. 2001. "Interethnic Contact, Identity, and Psychological Adjustment: The Mediating and Moderating Roles of Communication." *Journal of Social Issues* (The Society for the Psychological Study of Social Issues) 57 (3): 559-577.
- Rodrigues, I. 2008. *No Feminino Singular. Identidades de Chinesas Imigrantes em Lisboa*. Lisboa: Edições ISCSP.
- Roster, Catherine A., Lorenzo Lucianetti, Gerald Albaum. 2015. "Exploring Slider vs. Categorical Response Formats in Web-Based Surveys." *Journal of Research Practice* 11 (1): 1-19.

- Rowley, Jenny. 2014. "Designing and using research questionnaires." *Management Research Review*, 308-330.
- Schlüter, Regina G. 2006. "Gastronomia e turismo." *ABC do turismo* (Aleph) 10.
- SEF. 2014. "Relatórios De Imigração Fronteiras E Asilo." *Serviço de estrangeiros e fronteiras*. Acedido em 18 de Novembro de 2019. https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf.
- . 2017. "Relatórios De Imigração Fronteiras E Asilo." *Serviço de estrangeiros e fronteiras*. Acedido em 18 de Novembro de 2019.
- . 2018. "Relatórios De Imigração Fronteiras E Asilo." *Serviço de estrangeiros e fronteiras*. Acedido em 18 de Novembro de 2019. <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>.
- . 2016. "Relatórios De Imigração Fronteiras E Asilo." *Serviço de estrangeiros e fronteiras*. Acedido em 18 de Novembro de 2019. <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2016.pdf>.
- . 2015. "Relatórios De Imigração Fronteiras E Asilo." *Serviço de estrangeiros e fronteiras*. Acedido em 18 de Novembro de 2019. <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2015.pdf>.
- Seymour Sudman, Norman M Bradburn. 1983. *Asking questions : a practical guide to questionnaire design*. San Francisco, Califonia: Jossey-Bass.
- Silva, Celeste Rodrigues, e Margarida Louro Felgueiras. 2009. *A HERANÇA CULTURAL NA INTERACÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA-COMUNIDADE*. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, Daniel Neves. 2002. *Revolução Cultural*. Acedido em 15 de maio de 2020. <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-cultural.htm>.
- Silva, Lucilene dos Santos. 2012. "Talheres Ocidentais: Origem e Uso." *PORTAL EDUCAÇÃO*. Acedido em 21 de Dezembro de 2019. <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/talheres-ocidentais-origem-e-uso/21350>.
- Silveira, Janaína. 2018. "WeChat, o app faz-tudo que mudou a vida dos chineses." *Veja*. 23 de fevereiro. Acedido em 11 de fevereiro de 2020. <https://veja.abril.com.br/mundo/wechat-o-app-faz-tudo-que-mudou-a-vida-dos-chineses/>.
- Sofia Maria de Carvalho Campos, Duarte. 2012. "Português Língua de Herança: Da Teoria à Prática." Acedido em 30 de Agosto de 2019. <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/dissertacoes-e-teses/2909-45/file.html>.
- SurveyMonkey. s.d. "Perguntas de perfil demográfico para pesquisas." *SurveyMonkey*. Acedido em 2020 de maio de 11. <https://pt.surveymonkey.com/mp/demographic-survey/>.

- Tanaka, Oswaldo Y., e Cristina. Melo. 2001. *Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente- um modo de fazer Capítulo IV*. São Paulo.
- Tomazoni, Ana Maria Ruiz. 2014. *PRÁTICAS E REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO ALIMENTAR: uma narrativa interdisciplinar*. São Paulo.
- Universia, Fundação. s.d. *ESTRUTURA DO SISTEMA EDUCACIONAL*. Acedido em 15 de maio de 2020. <https://www.universia.pt/estudar-exterior/china/sistema-ensino/estrutura-do-sistema-educacional/2565>.
- Wikipédia. 2017. *Revolução Cultural Chinesa*. dezembro. Acedido em 15 de maio de 2020. https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Cultural_Chinesa.
- Wright, Wayne E., Sovicheth Boun, and Ofeliz García. 2015. *The Handbook of Bilingual and Multilingual Education*. Chichester: WILEY Blackwell.
- Yi, Zhongtian. 2018. “餐桌上的文化.” *Arquivos de Baidu*. Acedido em 28 de Novembro de 2019. <https://wenku.baidu.com/view/bc28c0a99fc3d5bbfd0a79563c1ec5da50e2d6cd.html>.
- Zanchi, Verenice. 2019. "A importância da herança cultural nos processos de ressignificação do alimento e desenvolvimento regional." *América Latina: Resgatar a democracia. Repensar a integração*. Foz do Iguaçu: Fórum Universitário Mercosul. 7.
- Zarate, Geneviève. 2011. *Handbook of multilingualism and multiculturalism*. Archives contemporaines.
- Zhang, Fengyang. 2016. *Os chineses em Portugal: as razões da vinda e a sua situação atual*. Master Thesis, Minho: University of Minho, 21-45.
- Zheng, Yan. 2019. *A Problemática da Autoimagem Étnica da Segunda Geração de Chineses em Portugal*. Lisboa, março.

Anexo I: Excerto da reportagem original

Eles já não são apenas chineses. Sentem-se portugueses e adoram

Estudaram cá e até se casaram com portugueses. Das lojas e restaurantes dos pais saltaram para as profissões qualificadas.

Quando chegou a Portugal, em 2004, era um rapaz de 7 anos e chamava-se Feng Ji. Os pais tinham chegado a Lisboa, onde ainda hoje residem, três anos antes. O filho único viajou mais tarde para estudar em Portugal. Já mudou a nacionalidade e no Cartão de Cidadão optou por incluir um nome português. Hoje, com 22 anos, é Filipe Ji, diretor comercial de uma empresa de fabrico de calçado em Santa Maria da Feira, a Orso Sandles, cuja dona é a chinesa Feng Feng, mais velha e hoje residente em Portugal após décadas fixada em Espanha.

Filipe Ji é um exemplo da integração dos descendentes da segunda vaga de imigração chinesa, com milhares a chegar a partir das décadas de 1990 e, sobretudo, de 2000 da província de Zhejiang, a região chinesa de onde partiram famílias inteiras com destino a Portugal. Em Vila do Conde, na zona industrial da Varziela há uma grande comunidade que resulta desta fase e que está virada para o comércio. Feng Feng, mais velha, é também desta província, mas o destino inicial foi Espanha e Portugal é a sua casa há menos de dois anos. Na maioria dos casos o comércio e a restauração foram as atividades que estes imigrantes abraçaram em solo europeu. Foi assim também na primeira vaga de chineses, em meados do século XX. Hoje já não é assim. A imigração recente, numa terceira vaga, é diferente, já não chega de Zhejiang, é mais centrada em pessoas com dinheiro que recorrem aos vistos *gold* e procuram investimentos. São quase 30 mil chineses, ou descendentes, a viver em Portugal.

Tanto Filipe como Feng são exemplos dos chineses que cresceram na Europa. Com uma educação ocidentalizada e uma vivência social diferente da percorrida pelos pais, são mais qualificados. Filipe Ji concluiu o 12.º ano e preferiu entrar logo no mercado de trabalho. "Muitos amigos chineses foram para a universidade. Estudam ou até já são médicos, contabilistas, várias profissões. Grande parte nasceu cá", conta o jovem.

A educação dos filhos é a prioridade das famílias chinesas e, como os amigos de Filipe, há muitos licenciados nos descendentes dos imigrantes que abriram lojas e restaurantes. É o caso de Lin Man, 43 anos, advogada da PLMJ, filha de donos de um restaurante no Cais do Sodré, que já tem duas filhas com nomes portugueses. Também a família de Ping Chow

(*ver texto em baixo*), do Porto, vai já na quinta geração em Portugal e tem duas médicas, entre outros descendentes licenciados, no mercado de trabalho.

Quando Filipe Ji chegou a Lisboa não sabia uma palavra de português. Foi na escola primária que uma professora um dia lhe disse que ele era o Filipe, em jeito de brincadeira. "Achei piada e o nome ficou. Quando pedi a nacionalidade portuguesa deram a opção de escolher um nome português. E por isso sou Filipe", conta, sorridente. Foi tudo fácil depois. "Nunca senti discriminação em Portugal. Tive sempre amigos portugueses e chineses, fui sempre bem tratado."

Feng Feng entra na conversa. Há ano e meio em Santa Maria da Feira a produzir calçado, quase tudo em plástico para exportar para países europeus, adquiriu a antiga Basilius e projeta-se agora na indústria a partir de Portugal. Foi "uma boa oportunidade de negócio" e hoje emprega 60 portugueses e cerca de dez chineses. No momento da foto quis ter os trabalhadores que saíam do turno da manhã ao seu lado. O ambiente parece ser descontraído e familiar. "Ó Fafa, vamos ficar todos lindos", gracejava um dos funcionários perante uma divertida patroa que tem o marido a trabalhar com ela na fábrica localizada num dos concelhos onde se produz mais calçado em Portugal. "Nos negócios não é muito diferente nem é melhor do que Espanha. Há menos concorrência, sim. A nível social, Portugal é mais fácil, mais simpático, mais amigo", resume Feng Feng.

Em casa, com os pais - que mantêm a nacionalidade chinesa -, o filho único Filipe sempre falou em mandarim. "Foi a forma de nunca perder o contacto com a língua. Mais tarde fui mesmo para uma escola em Lisboa aperfeiçoar o mandarim." Domina bem a língua portuguesa e vê-se como um cidadão entre dois países. "Sou português... e chinês." Mas acaba por confessar que pensa "mais como um português". E diz que quando vai à China, de férias, sente-se como um emigrante. "São muitos anos fora, desde pequeno. Sinto-me quase um estrangeiro. E sempre que lá vou parece que tudo mudou. De um ano para o outro a mesma cidade está diferente, mais moderna", revela. Regressar à China é hipótese futura? "Não", é a resposta imediata e perentória. "Nem os meus pais pensam nisso."

Filipe Ji ainda não tinha nascido quando Sun Lam, natural de Pequim, chegou a Portugal, em 1989, mercê de uma bolsa da Fundação Oriente para fazer um mestrado. Foi para Braga. "Estava em Macau numa conferência e ouvi o antigo reitor da Universidade do Minho (UM) a descrever as características da cidade. Calma, com muito verde. Gostei e aquilo ficou no imaginário. E fiquei por cá. No início foi uma grande aventura para uma jovem que nunca tinha saído da China", contou ao DN na Biblioteca Fernão Mendes Pinto, dedicada a estudos orientais, que ajudou a criar na UM.

De resto, Sun Lam, 57 anos, está ligada ao primeiro curso livre de chinês, em 1991, ao lançamento da primeira licenciatura em Estudos Orientais, em 2004, e ao mestrado de estudos interculturais, em 2008. Pelo meio fez o doutoramento, também no Minho, onde se mantém. No sentido inverso, ajudou duas universidades chinesas a criar cursos de língua portuguesa.

Casada com um português, também professor na UM ligado aos estudos orientais, Sun Lam, que reside em Terras do Bouro "no meio da natureza", trocou a nacionalidade de origem pela portuguesa. "Quando vou à China preciso de visto." E são duas vezes por ano, para estar com os pais e o irmão, que já cá vieram e "adoraram". "Sinto-me muito realizada aqui, e gosto de fazer a ponte entre os dois países na área da educação", diz quem já formou mais de 300 licenciados, mais de cem mestres e quatro doutores. "As saídas profissionais são muito boas. A nível de tradução há muita procura. O Estado português devia investir mais para trazer chineses para fazer cá investigação."

Ao longo dos anos, assistiu ao crescimento chinês. "Quando cheguei, havia um restaurante em Braga e nem sei se havia alguma loja. Tudo mudou. Em 20 anos, houve crescimento rápido, com muitos chineses a chegarem, mesmo de outros países da Europa. Havia muita falta de comunicação, mas hoje os filhos são bilingues, estudaram cá e muitos casaram-se com portugueses."

Agora, sente-se portuguesa ou chinesa? "Boa pergunta. Se não olhar para o espelho, não me lembro de que sou da China", graceja. De Portugal aprecia "a maneira como se abre a povos e culturas diferentes e como funciona em democracia". Mas admite, até pela sua área profissional, que nunca perdeu uma abordagem "confucionista, na cultura e nos valores morais".

O *link* da reportagem: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-dez-2018/eles-ja-nao-sao-apenas-chineses-sentem-se-portugueses-e-adoram-10264721.html>

Anexo II:

Questionário sobre a etiqueta à mesa com a família face à segunda geração de imigrantes chineses em Portugal

葡萄牙华人移民二代家庭之餐桌礼仪调查问卷

Caro jovem do Centro de Línguas e Culturas “Shumin”, para elaborar a dissertação de mestrado “Etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa e a sua mudança na segunda geração dos imigrantes em Portugal”, organizei o presente questionário para perceber quais os comportamentos atuais dos imigrantes chineses da segunda geração em Portugal, quando estão à mesa com seus familiares e amigos próximos, a sua mudança no contexto atual e como isso se reflete em relação à etiqueta na cultura chinesa tradicional.

O questionário é respondido de forma anónima, sendo muito importante que a tua resposta corresponda à realidade e às tuas opiniões.

Agradeço a tua ajuda e cooperação!

致淑敏语言文化中心的学员：

你好！为了研究在葡的中国移民二代对中国文化家庭餐桌礼仪的了解和重视程度，请抽出一些时间回答本则问卷，如需要，可在父母协助下完成。

问卷将以匿名形式回收，请遵从你的真实观点和情况作答。

感谢你的积极配合和帮助！

I. Informações pessoais 个人信息

1.Sexo 性别：

Masculino 男

Feminino 女

2.Idade atual 现年龄： _____

A. 8-10 anos 8-10 岁

B. 11-13 anos 11-13 岁

C. 14-16 anos 14-16 岁

D. 17-18 anos 17-18 岁

3. Onde fica a terra natal dos teus pais? 你父母的家乡在?

- A. Zhejiang 浙江
- B. Fujian 福建
- C. Guangdong 广东
- D. Shandong 山东
- E. Dongbei 东北
- F. Outros 其他: _____

4. Há quantos anos vives em Portugal? 你在葡萄牙的居住时间是?

- A. ≤ 5 anos 不超过 5 年
- B. 6-10 anos 6-10 年
- C. 11-15 anos 11-15 年
- D. 16-18 anos 16-18 年

5. Que tipo de escola estás a frequentar? 你就读的学校是?

- A. Escola de língua portuguesa 葡文学校
- B. Escola de língua chinesa 华文学校
- C. Escola internacional de língua inglesa 国际英文学校
- D. Escola bilingue ou multilingue 双语/多语种学校

6. Em que área os teus pais trabalham em Portugal? 你父母从事的职业是?

(可多选) (Podes escolher várias alternativas.)

- A. Cozinheiros 厨师
- B. Vendedores de loja 百货店
- C. Gerentes de uma loja a retalho ou de armazéns grossistas 服装业
- D. *Garçons* em restaurantes ou bares 餐厅或酒吧店员
- E. Administração de outras indústrias ou empresas 其他行业
- F. Não têm trabalho fixo 无固定职业

7. Qual o nível de escolarização dos teus pais? 你父母的学历是?

可多选 (Podes escolher várias alternativas.)

- A. Pós-graduação ou superior 研究生及以上
- B. Ensino superior 高等教育
- C. Ensino secundário 高中
- D. Ensino básico 初中及以下

8. Qual é o teu nível de língua portuguesa? 你的葡文水平是?

- A. Utilizador experiente (Fluente estruturado) C2 如同当地人
- B. Utilizador experiente (fluente eficaz) C1 应用自如
- C. Utilizador independente B2 独立使用者
- D. Utilizador intermédio B1 中级使用者
- E. Utilizador elementar A1-A2 基本的交流
- F. Não sei português A0 完全不会

9. Qual é o teu nível de língua chinesa 你的中文水平是?

- A. Utilizador experiente (Fluente estruturado) C2 可以轻松理解汉语并以口头或书面的形式用汉语流利地表达。
- B. Utilizador experiente (fluente eficaz) C1 可以阅读汉语报刊杂志，欣赏汉语影视节目。
- C. Utilizador independente B2 可以比较流利地与汉语为母语者进行交流。
- D. Utilizador intermédio B1 可以用汉语完成生活、学习、工作和旅游等方面的基本交际任务。
- E. Utilizador elementar A1-A2 可以理解并使用一些非常简单的汉语词语和句子。
- F. Não sei chinês A0 完全不会

10. Por que motivos estudas o chinês? 你为什么要学习中文?

- A. Decisão dos meus pais 遵从父母的意向
- B. Mero gosto por esta língua 纯粹喜欢这门语言
- C. Para facilitar o arranjar um emprego 为了找个好工作
- D. Gosto da cultura chinesa 出于对中国文化的喜爱

11. Em que nível concordas com a afirmação seguinte?

“Em casa, os meus pais comunicam mais comigo em chinês do que em português.”

从何种程度上你同意以下这句陈述?

“在家里我父母更多地用中文与我交流。”

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号 (X) 作答。

Discordo Totalmente 完全不赞同	Discordo em parte 比较不赞同	Não concordo nem discordo 不置可否	Concordo em parte 比较赞同	Concordo Totalmente 完全赞同

12. Em que nível concordas com a afirmação seguinte?

“Quando quero falar algo em presença do outro com os meus familiares, uso o chinês.”

从何种程度上你同意以下这句陈述?

“当我想单独和家庭成员分享我的观点时，我会用中文表达。”

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号 (X) 作答。

Discordo Totalmente 完全不 赞同	Discordo em parte 比较不 赞同	Nã o concordo nem discordo	Concord o em parte 比较赞 同	Concord o Totalmente 完全赞 同
-------------------------------------	-----------------------------------	--	-----------------------------------	-------------------------------------

		不 置可否		

13. Com quem te relacionas mais? 你的交往对象主要是：

- A. Amigos chineses 中国朋友
- B. Amigos portugueses 葡萄牙朋友
- C. Amigos de vários grupos culturais 多种文化群体的朋友
- D. Outro: 其他

14. Em que nível concordas com a afirmação seguinte?

“Na vida quotidiana, tenho uma forte vontade de usar o chinês para a comunicação com os meus amigos chineses ou amigos portugueses que sabem falar o chinês.”

从何种程度上你同意以下这句陈述？

“日常生活中，我会积极主动地用中文同我的中国朋友或会说中文的葡国朋友交流。” Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号（X）作答。

Discord o Totalmente 完全不 赞同	Discord o em parte 比较不 赞同	Nã o concordo nem discordo 不 置可否	Concord o em parte 比较赞 同	Concord o Totalmente 完全赞 同

15. Com que frequência lês livros, ouves músicas ou rádio, vês filmes ou notícias em chinês?

你看书、听音乐或收音机，看电影和新闻时，使用中文的频率是？

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号（X）作答。

Nunca 从不	Raramente 很少	Às vezes 有 时	Frequentemente 经常	Sempre 总是

16. Em que nível concordas com a afirmação seguinte?

从何种程度上你同意以下这句陈述?

“No aspeto cultural, acho que assumo mais a identidade chinesa do que a portuguesa.”

从文化上来说，我认为自己更像中国人。

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号（X）作答。

Discord o Totalmente 完全不 赞同	Discord o em parte 比较不 赞同	Nã o concordo nem discordo 不 置可否	Concord o em parte 比较赞 同	Concord o Totalmente 完全赞 同

17. Qual é a atitude dos teus pais em relação à importância da educação da língua e cultura chinesa?

你的父母对于中国语言文化教育的态度是

Desnecessário 没必要	Pouco importante 不太重要	Indiferente 漠不关心	Importante 重要	Necessário 很有必要

18. Em que nível concordas com a afirmação seguinte?

从何种程度上你同意以下这句陈述?

“Conheço a maior parte dos festivais tradicionais chineses e gosto de celebrar as férias chinesas com os meus pais.”

“我认识大部分中国传统节日并且很乐意于和父母一起庆祝这些节日。”

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号 (X) 作答。

Discordo Totalmente 完全不赞同	Discordo em parte 比较不赞同	Não concordo nem discordo 不置可否	Concordo em parte 比较赞同	Concordo Totalmente 完全赞同

19. Com que frequência voltas com os teus pais a casa, na China, para passar o ano novo chinês?

你和家人一起回到家乡过中国的春节的频率是?

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号 (X) 作答。

a	Nunc 从不	Raramente (1 vez em cada cinco anos) 很少	Às vezes (2 vezes em cada cinco anos) 偶尔	Frequentemente (3-4 vezes em cada cinco anos) 经常	Sempre (Todos os anos) 总是

20. Em que aspetos tens mais dificuldade em te adaptares ao processo de integração cultural?

在文化适应过程中，哪些方面适应过程最为吃力？

- A. Diferenças de comida 饮食习惯
- B. Diferenças de hábitos e costumes 地方风俗
- C. Diferenças de valores e de ações dos povos 文化价值观、行为方式差异
- D. Outros 其他 _____

21. Qual é a probabilidade de continuares a tua vida na China? 将来你打算在葡萄牙生活还是回到中国发展？

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号 (X) 作答。

Impossível 不可能	Pouco provável 不太可能	É uma hipótese 有可能	Muito provável 很有可能	Certo 确信

22. Em que nível conheces a etiqueta à mesa com a família na cultura chinesa?

你对中国文化中的餐桌礼仪了解有多少？

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号 (X) 作答。

Não conheço nada 一点都 不了解	Conheço pouco 很少了 解	Conheço um pouco 了解一 点	Conheço bem 比较了 解	Conheço muito bem 非常了 解

23. Que tipo de gastronomia costumava comer com os teus familiares e amigos próximos dentro e fora de casa?

你在家或外面经常吃什么品类的美食?

- A. Pratos chineses 中国菜
- B. Pratos portugueses 葡国菜
- C. Pratos rápidos (Por exemplo, Mcdonald's, KFC, etc.) 快餐
- D. Outros estilos de gastronomia 其他美食

24. Ao longo do teu crescimento, que aspetos foram alvo de uma atenção especial por parte dos teus pais? 在您成长过程中父母对您身心发展的哪一方面更关心和重视?

- A. Desempenho escolar 学习成绩
- B. Hábitos de vida 生活习惯培养
- C. Etiqueta à mesa 礼仪修养
- D. Interesses e conhecimento geral 兴趣专长
- E. Outro 其他

25. Estás atento e procuras aprender regras de etiqueta à mesa na tua vida quotidiana? 日常是否有注意用餐方面的礼节?

- A. Sim 有
- B. Não 没有

26. Através de que meios preferes conhecer a etiqueta à mesa da cultura chinesa?

你愿意通过什么途径学习餐桌礼仪？

- A. Internet 网络
- B. Livros e revistas 书籍杂志
- C. Orientação familiar 父母家庭
- D. Outro: 其他

27. Em que nível concordas com a afirmação seguinte?

从何种程度上你同意以下这句陈述？

“Respeito a hora em que combinei com a minha família para a refeição, portanto normalmente vou chegar ao local combinado com pontualidade.”

“我尊重和家人约定聚餐的时间，并且大多数时候会准时到达约定地点。”

Assinala com uma cruz (X) a frequência de acordo com o facto de atualidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号（X）作答。

Discord o Totalmente 完全不 赞同	Discord o em parte 比较不 赞同	Nã o concordo nem discordo 不 置可否	Concord o em parte 比较赞 同	Concord o Totalmente 完全赞 同

28. Achas importante sentares-te num lugar que respeite as regras de etiqueta à mesa quando vais comer com a tua família num restaurante?

您是否会注重就餐时坐在合适的位置？

- A. Sim 会
- B. Não 不会

29. Normalmente, costumás começar a refeição só quando todos estão presentes?

您用餐时是否会等人到齐了在开餐?

- A. Sim 等人齐了再开餐
- B. Não 自己落座后就开餐

30. Em casa, vais esperar que os teus avós ou os teus pais sejam os primeiros a se servir?

您家里吃饭时会等老人或长辈先开始动筷吗?

- A. Sim 会
- B. Não 不会

31. Conheces algumas expressões chinesas para o brinde à mesa?

餐桌上的中文祝酒词你了解吗?

Assinala com uma cruz (X) a hipótese que melhor corresponde à realidade.

请根据你的实际情况在以下表格中用叉号 (X) 作答。

Não conheço nada 完全 不了解	Conheço pouco 不太了 解	Conheço um pouco 了解一 点	Conheço bem 比较了 解	Conheço muito bem 非常了 解

32. Que talheres costumás usar? 您用餐使用的餐具有? 可多选

(Podes escolher várias alternativas.)

- A. Kuaizi (pauzinhos) 筷子
- B. Colher 勺子
- C. Como com as mãos 用手抓吃饭
- D. Faca e garfo 刀叉

33. Que aspeto de etiqueta à mesa achas mais importante conhecer e respeitar?

你认为最应该了解和重视的餐桌礼仪是什么?

A. Como se sentar no lugar 就坐和离席

B. Como usar os talheres 餐具的使用

C. Como brindar com a família 敬酒

D. Outro: 其他

34. Comparando o passado e o presente em relação à etiqueta à mesa com a família, achas que existem algumas mudanças pontuais?

你认为过去与现在的餐桌礼仪有哪些变化?

A. A etiqueta à mesa do passado era mais complexa e complicada; hoje, há maior descontração e flexibilidade. 过去更中规中矩, 现在更随意

B. A etiqueta à mesa nos dias de hoje é mais diversificada e integra-se na cultura de outros países.

现在融入了更多其他国家的文化

C. Não existem grandes mudanças em geral.

基本上没多大变化

D. Não sei.

不知道

35. Achas necessário aprender a etiqueta à mesa da cultura chinesa?

你认为是否有必要传承餐桌礼仪?

Desnecessário	Pouco importante	Indiferente	Importante	Necessário
没必要	不重要	漠不关心	重要	很有必要

Agradeço a tua ajuda e cooperação!

再次感谢你的合作!